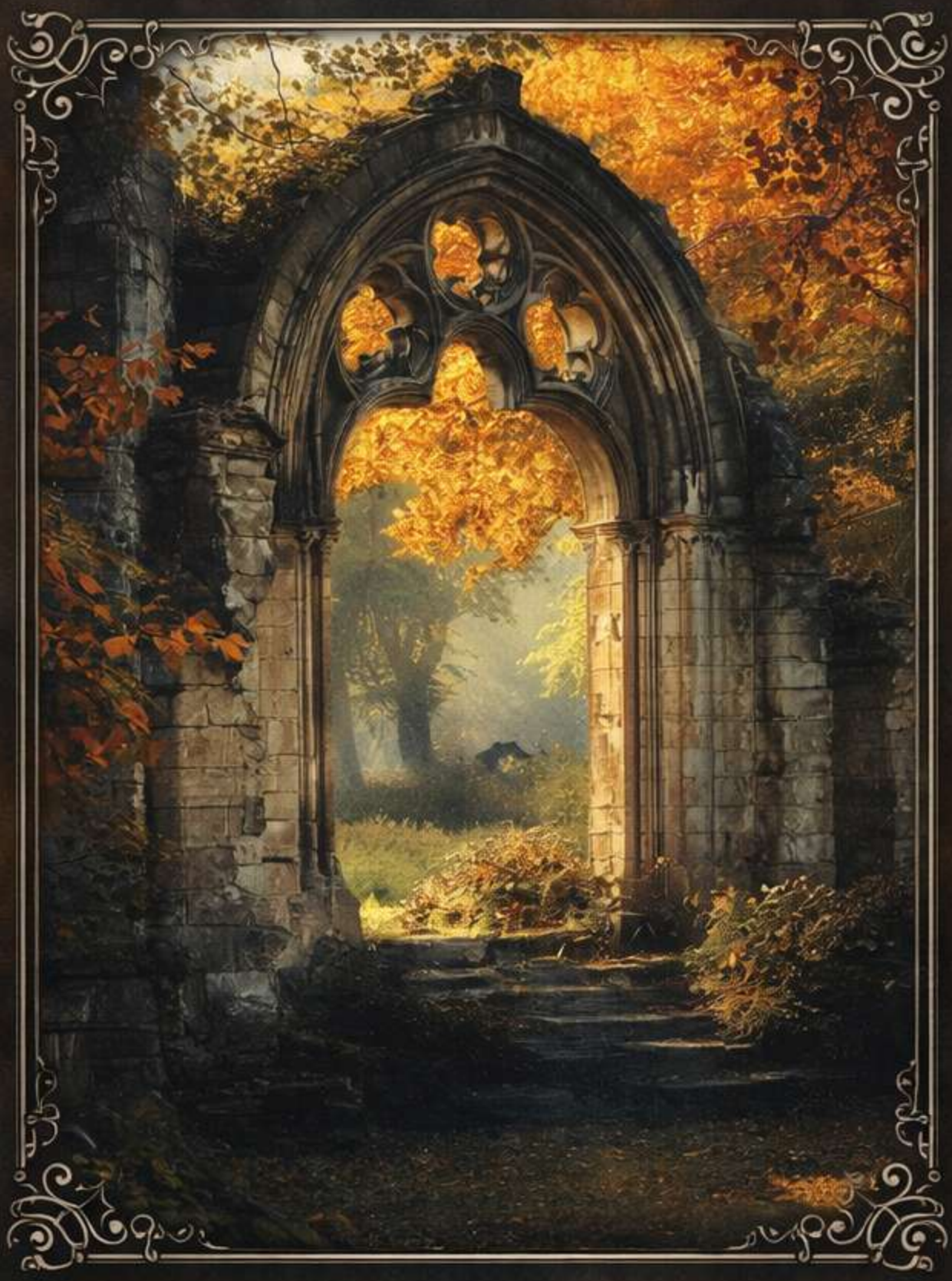
O PORTAL DA RECORDAÇÃO



FREDERICK BLIGH BOND

Tradução: AMADEU ANTÓNIO

FREDERICK BLIGH BOND, F.R.I.B.A.
DIRECTOR DAS ESCAVAÇÕES NA ABADIA DE GLASTONBURY
AUTOR DE "O MANUAL ARQUITECTÓNICO DA ABADIA DE GLASTONBURY"
TERCEIRA EDIÇÃO
COM UM REGISTO DA DESCOBERTA DA
CAPELA DE LORETO EM 1919
BOSTON
MARSHALL JONES COMPANY
1920

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Dois problemas presentes no texto mereceram a séria atenção dos críticos. O primeiro, e mais simples dos dois, é aquele que diz respeito à linguagem e forma literária das mensagens. Trata-se de uma curiosa amálgama de baixo latim, inglês médio de períodos mistos e inglês moderno de vários estilos e dicções. É um mosaico de fragmentos multicoloridos cimentados juntos de forma estranhamente aleatória.

Esta anomalia é tanto mais notável pelo contraste que apresenta com o conteúdo sustentado e consistente do próprio texto, que, como se obedecesse a uma intenção pré-ordenada e a um plano estabelecido, parece prosseguir a apresentação, linha por linha, de um todo completo, com absoluta paciência e indiferença a interrupções. A passagem do tempo parece não ter importância. Após uma pausa de várias horas, o fio é retomado no ponto onde fora deixado. As comunicações inacabadas sobre a Capela de Loreto em 1911 são retomadas e espontaneamente completadas cinco anos depois.

No entanto, a estranha amálgama linguística volta a ser evidente. Para este facto, é oferecida a seguinte explicação. Admitir-se-á facilmente que, seja qual for a fonte ou influência inspiradora destas mensagens, a linguagem em que são transmitidas é o lado mecânico da questão, o elemento mais certamente convencional no processo de transmissão. Mas os instrumentos óbvios são os cérebros de F.B.B. e J.A.

As faculdades de raciocínio e reflexão estão, nesse momento, suspensas ou ocupadas noutra coisa, estando a sua atenção totalmente desviada: mas o armazém de memórias e impressões subconscientes latentes está a ser usado, e usado de forma bastante independente, embora ao mesmo tempo que o uso normal das faculdades de pensamento sobre um assunto totalmente diferente.

Considere-se, por um momento, o cérebro humano como o repositório de todas as impressões feitas na mente desde a infância. Visto desta forma, torna-se, por assim dizer, uma enciclopédia de todo o conhecimento que a mente consciente armazenou, cada item registando uma ideia de certa qualidade, na linguagem que as circunstâncias, na altura, ditaram. Suponhamos então — e não é difícil fazê-lo — que cada um destes registos responde ao impulso de uma Ideia que procura expressão e cujo instrumento de expressão é uma espécie de vibração simpática sintonizada com o pensamento original que registou a memória ou assunto em questão. A vibração simpática apodera-se das partículas mais densas ou físicas do registo, fazendo com que estas respondam e emitam a sua própria voz.

Por outras palavras, a linguagem do texto seria simplesmente o produto da reação dos nossos registos cerebrais à vibração simpática da Ideia, qualquer que seja a sua origem.

Não que tais condições sejam sempre necessárias ou possíveis. Existem, por exemplo, muitos casos bem documentados de escrita automática em que não só a ideia transmitida é alheia à consciência do escritor, como a própria língua lhe é totalmente desconhecida. Tomemos, por exemplo, os muitos casos registados de escrita automática em línguas desconhecidas pelo médium, exigindo por vezes erudição especializada para ser compreendida. A explicação parece ser, neste caso, que a mente do médium é plástica a uma influência espiritual mais direta, que, portanto, pode moldar as suas partículas e criar um novo registo para si própria.

Assim deve ter acontecido com o Dom de Línguas no Pentecostes, e posteriormente na história da Igreja Primitiva.

O segundo problema apontado pelos críticos é mais difícil. Diz respeito à fonte inteligente das mensagens. Sobre isto, propus a teoria de uma Grande Memória que transcende e interpenetra a nossa. Esta teoria é sugestiva, mais do que explicativa. Não explica, nem pode explicar, muitas coisas que, no nosso estado atual de conhecimento, são inexplicáveis. Também não pretende cobrir toda a questão. É, como disse, meramente sugestiva. Tem a virtude de não excluir outras possíveis agências, deixando assim espaço não só para o exercício de faculdades transcendentes, como a clarividência, mas para qualquer variedade de impulso primário e para qualquer número ou grau de agências diretivas capazes de as utilizar.

Pois, visto que somos obrigados pela nossa própria experiência a admitir que a nossa memória latente é reavivada e trazida à tona nestes textos por alguma inteligência a operar separadamente da nossa mente consciente; e a admitir que existe telepatia entre dois; também devemos admitir a possível presença de um alcance adicional de ação telepática a operar

através das nossas mentes na produção destas mensagens. E se estivermos dispostos a aceitar, por um lado, que, enquanto o cérebro físico se dissolve na morte e a sua ação cessa, por outro lado, um cérebro mais interno e menos material, órgão e veículo do eu subconsciente ou intuitivo, persiste e sobrevive totalmente à morte do corpo físico, e se considerarmos este cérebro mais interno como composto por partículas mais finas, sensíveis a movimentos muito mais rápidos do pensamento intuitivo, então teremos de admitir que o registo de memória de qualquer personalidade extinta, se for capaz de responder ao mesmo estímulo da Vontade e da Ideia espirituais que podem ativar a nossa, pode ser igualmente utilizado pela Inteligência que o energiza e, tal como no nosso caso, sem evocar o "espírito" consciente ou a personalidade que lhe pertence. Isto é, sem dúvida, o que Johannes quer dizer quando afirma (p. 95):

"Porque me prendo àquilo que não é? Sou eu, e não sou eu, mas parte de mim que habita no passado, e está ligada àquilo que a minha alma carnal amou e chamou 'lar' durante tantos anos. Contudo, eu, Johannes, sou feito de muitas partes, e a melhor parte faz outras coisas—Laus, laus Deo!—apenas aquela parte que recorda se prende como a memória ao que ainda vê."

Assim, parece-me que o problema da personalidade, no sentido da presença pessoal consciente de indivíduos falecidos, não precisa sequer de surgir em relação a estes escritos. Tudo o que parece fundamental assumir é a união das camadas mais profundas da nossa própria mente latente ou consciência onírica com outras de natureza e tom afins, em virtude do seu movimento simpático e concordante na presença de uma essência espiritual maior e abrangente, uma Ideia ou Vontade omnipresente e toda-penetrante, despertando todos os registos de memória adormecidos e direcionando-os para qualquer canal da mente que, por preparação prévia no plano consciente, se tenha tornado recetivo e retentivo dos mesmos.

Pequenas Vozes silenciosas de um Tempo distante! — a vibrar pelo vazio e a despertar ténues ressonâncias nas profundezas do nosso ser — a grande Telepatia, a verdadeira Comunhão de Mente, o portão do Conhecimento, a Gnose do apóstolo, cuja chave é a Simpatia Mental, a chave que os doutores da lei levaram consigo, sem nela entrarem nem permitirem que outros entrassem.

Nenhuma discórdia pode manchar esta comunhão, pois o amor e o entendimento são a sua lei. A morte não a pode tocar: antes, ela é o Guardião do Portão. O tempo, tal como o conhecemos, aqui não conta para nada, pois para a consciência onírica mais profunda, um dia pode ser como mil anos, e um período de transe ou de sono como um simples tique-taque do relógio.

Bristol,
Maio, 1918.

NOTA
Por SIR WILLIAM BARRETT, F.R.S.

Como alguns leitores deste notável livro o consideraram demasiado incrível para ser um registo de factos, julgando-o antes uma obra de imaginação, pode ser útil acrescentar o meu testemunho ao que é dado no livro quanto à autenticidade de toda a narrativa.

O autor apresentou, estou certo, com escrupulosa fidelidade e cuidado, um registo preciso dos textos obtidos através da escrita automática do seu amigo, juntamente com todo o conhecimento arqueológico disponível sobre as ruínas da Abadia de Glastonbury antes do início das escavações.

Para dissipar qualquer dúvida sobre este ponto, antes de serem feitas mais escavações, o Sr. Bligh Bond pediu prudentemente a representantes de certas sociedades que examinassem os textos posteriores relativos à Capela de Loreto, anotassem o seu conteúdo e verificassem em que medida as escavações subsequentes viriam ou não a confirmar as afirmações aí feitas.

De qualquer ponto de vista, o presente livro é de grande interesse. Para o estudante de psicologia, que ignora qualquer aquisição supranormal de conhecimento e, no entanto, aceita a boa-fé do autor, o problema apresenta muitas dificuldades. Pode sugerir-se coincidência fortuita, mas tal explicação não nos leva longe. Surge então a questão: de onde veio a informação verídica, portadora de verdade, dada nalguns destes textos? Como sucede frequentemente na escrita automática, adota-se uma forma dramática, e as mensagens pretendem vir de várias pessoas falecidas.

O subconsciente ou eu subliminar do automatista é, sem dúvida, a fonte de muito do que está nos textos, e pode até ser responsável por toda a perspicácia demonstrada. Mas, nesse caso, teremos de atribuir ao subconsciente do automatista faculdades até agora não reconhecidas pela ciência oficial.

O autor apontou, na p. 156, alguns dos poderes que se deve admitir ao subconsciente; a estes podemos acrescentar uma possível transferência telepática de informação entre o autor e o automatista, e ainda, ocasionalmente, a faculdade de clarividência ou um poder de perceção transcendental; pois, segundo as investigações do autor, algumas das afirmações feitas no texto eram desconhecidas de qualquer pessoa viva e não se encontravam em registos históricos antes de serem confirmadas pelas escavações subsequentes.

Devemos, contudo, estar atentos ao uso demasiado fácil de palavras como "telepatia" e "consciência subliminar" como um manto para a nossa ignorância.

A história da ciência física mostra como o progresso foi frequentemente travado pelo uso de expressões para explicar fenómenos obscuros — palavras como "Flogisto", "Catálise", etc., que nada explicavam e agora são ridicularizadas, mas que em tempos foram usadas por autoridades científicas como axiomas indiscutíveis.

É mais sensato reconhecer a nossa ignorância e agradecer ao autor e ao seu amigo o trabalho paciente e cuidadoso com que forneceram material valioso para uma futura explicação psicológica. Não devemos, também, deixar de reconhecer a coragem demonstrada pelo Sr. Bligh Bond na publicação de uma obra que poderia, eventualmente, pôr em risco a alta reputação de que goza.

GLASTONBURY
Cinzenta entre os prados, solitária, despojada:
As tuas paredes desmanteladas, as tuas traves baixas,
Expostas a todos os ventos e ao ar frio
Que invade o vizinho pântano, ainda assim resistes,
Grande monumento claustral de outros tempos!
Embora marcada por todas as tempestades que te fustigaram,
Radiante Parábola de caminhos celestiais
Que nem os teus orgulhosos construtores adivinhavam!
Imagem fugidia de grande serviço prestado,
Sorrindo a Deus sob o céu aberto:
Mesmo na tua transladação, pedra a pedra,
Mantendo o teu espírito de graça e simetria,
Através do claraboia arruinada e do cruzeiro partido
As nossas almas purificadas com lágrimas ascendem a Deus.
A. M. Buckton: de Songs of Joy

"Assim também vós, visto que sois zelosos dos dons espirituais, procurai progredir para edificação da igreja.
"Por isso, o que fala em língua desconhecida ore para que a possa interpretar.
"Pois, se oro em língua desconhecida, o meu espírito ora, mas o meu entendimento
fica sem fruto.

"Que farei, então? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento."
I Cor. xiv. 12-15.

PARTE I
A CAPELA PERDIDA

Desde a última edição desta obra, os alicerces da
Capela de Loreto em Glastonbury foram parcialmente
escavados, e verifica-se, até ao momento, que coincidem
com as afirmações recebidas por escrita automática. Esta descoberta
confirma a natureza verídica dos textos, e
sublinha a importância do método utilizado pelo
autor para a recuperação do conhecimento latente.

O PORTAL DA RECORDAR
A CAPELA PERDIDA

A verdejante ilha de Glaston, separada do mundo exterior pelo seu cinto de pântanos e águas, foi desde tempos antigos um refúgio de paz. A sua história como fundação religiosa perde-se nas brumas da antiguidade, dissolvida em lenda e fábula. A este retiro tranquilo, este reduto isolado de uma fé mais antiga, os primeiros missionários cristãos foram guiados, e a comitiva de peregrinos do Oriente encontrou repouso nos seus verdes recantos e um foco bem guardado para a grande obra de evangelização da ilha da Bretanha.

Ondas sucessivas de imigração pagã inundaram a terra, mas nunca aqui se apagou a chama da verdade; e, mais estranho ainda, os que vieram, ainda que de raça e costumes alheios, preservaram os antigos marcos e não procuraram destruir; pois a herança de Glaston não era de uma raça individual, mas de todos — um legado para a Cristandade.

Dentro do recinto sagrado preservava-se o pó de muitos homens santos, e a igreja guardava as suas relíquias. Cresceu graças às piedosas dádivas de reis e nobres cuja memória mantinha viva. Entre estas, os dons do grande rei saxão Edgar, “apelidado O Pacificador”, eram sempre recordados com gratidão. Na grande Igreja da Abadia havia uma capela em sua honra, bem dotada e, sem dúvida, sumptuosamente ornamentada. Mas não era considerada suficiente e, no tempo de Richard Bere, o último grande abade construtor, decidiu-se que se deveria erguer um novo e mais glorioso monumento à sua memória.

Assim aprendemos por Leland, que viu a capela tal como estava, obra concluída, poucos anos antes da dissolução e ruína do mosteiro. Depois veio, em 1539, a rendição forçada, a bárbara execução do último abade, Whiting, a violação dos relicários e a dispersão de todos os tesouros de arte e saber armazenados nas paredes da Abadia. Da Capela de Edgar, nada mais se ouviu, salvo que podemos inferir, de um documento que citamos, que

ainda existia nos dias de Isabel. Contudo, é duvidoso que tenha durado metade do seu reinado. E talvez tenha sido um dos primeiros edifícios a ser totalmente destruído, pois até a sua memória pereceu, e tanto a sua forma como a sua grandeza foram esquecidas. Quem já viu o delicado e belo trabalho na Capela de São Jorge no Castelo de Windsor, ou aquela obra-prima em pedra, a Capela do Rei Henrique VII em Westminster, poderá ter uma ideia do carácter geral desta Capela de Edgar no seu estado final.

A memória e a tradição locais geralmente preservam alguns traços, ainda que ténues ou distorcidos, de uma obra arquitetónica de grande envergadura e beleza, mas é estranho que esta tenha desaparecido completamente do conhecimento, salvo por algumas notas dispersas e obscuras nas páginas dos antigos antiquários do condado, que não conservavam qualquer indício da sua identidade.

Fig. 1. — Planta de “Somerset” de Phelps, reproduzida em "Glastonbury", de Warner.

Mostrando, a tracejado, a reminiscência de uma Capela de Nossa Senhora, ou Retro-Capela, orientada para o leste, que se pensa ter sido construída pelo Abade Adam de Sodbury no início do século XIV. São apresentados dois estados diferentes, ambos assinalados com a letra ‘F’ por estes autores, aqui numerados como 1 e 2. O n.º 1 mostra, pela escala, um prolongamento do retro-coro de 30 pés; enquanto o n.º 2 dá um comprimento total de 95 pés. A isto, Warner chama “a capela segundo as suas proporções originais”. As duas medições aproximam-se segundo o registo de Leland acerca do prolongamento do coro feito pelo Abade Monington em dois vãos, e o lançamento do novo retro-coro a leste, o que absorveria cerca de dois terços do comprimento desta capela.

DESCOBERTA DA CAPELA DE EDGAR, ABADIA DE GLASTONBURY: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA PSICOLÓGICA

Segue-se o relato da descoberta que, em 1908, suscitou bastante interesse público e deu ao mundo arqueológico um objecto de atenção. Embora conhecida de um pequeno círculo de amigos do autor e do seu colega de investigação, bem como do Secretário da Society for Psychical Research, que estava intimamente familiarizado com ambos e em contacto com eles na altura, nunca foi feita qualquer publicação sobre as circunstâncias, e tal foi retido sobretudo por razões mais ou menos pessoais do autor, embora sempre tenha sido sua intenção tornar os factos públicos quando o momento fosse oportuno.

Todo o registo foi preservado, estando disponível o testemunho tanto do autor como do seu amigo, assim como a evidência contemporânea do Secretário da S.P.R., pelo que se pode ver que o assunto assenta numa base bastante sólida do ponto de vista documental.

Por conveniência, utilizar-se-ão iniciais no relato seguinte. F.B.B. designará o autor, e J.A. o seu amigo, John Alleyne.

Em antecipação de uma nomeação para o cargo de Director das Escavações na Abadia de Glastonbury em nome da Somerset Archaeological Society, de que era membro, F.B.B. dedicou, durante 1907, bastante tempo ao estudo das ruínas e da sua história, bem como das mais antigas fundações religiosas, e nisso foi auxiliado por J.A. Foram analisadas a maior parte das descrições sobreviventes da Abadia, tanto as dos escritores medievais como as dos séculos XVII, XVIII e XIX, com os fragmentos por eles recolhidos de fontes ainda mais antigas.

Entre os primeiros, examinaram-se as obras de William de Malmesbury, Adam de Domerham, William Wyrcestre e John of Glaston, sem esquecer Leland, e os antiquários posteriores Hearne, Dugdale, Hollar e Stukeley mereceram também a devida atenção. Seguiram-se Browne-Willis, Britton, Carter, Collinson, Phelps, Kerrich e Warner, e por fim foi dada especial atenção aos antiquários modernos Parker, Freeman, e, por último mas não menos importante, ao Professor Willis, cuja Architectural History era o livro de referência sobre o tema durante a segunda metade do século XIX, e continua a ser de grande utilidade para os estudiosos.

Tendo a Abadia de Glastonbury passado das mãos privadas para a custódia de um corpo de curadores, agindo em nome da Igreja Nacional, esperava-se que se abrisse uma oportunidade muito maior para investigação e escavação. Todos os planos publicados da Grande Igreja eram necessariamente muito incompletos, dada a ausência de vestígios visíveis e a falta de provas documentais fidedignas. Em particular, suscitavam dúvidas as seguintes questões:

1. A forma do retro-coro e o termo oriental da Igreja da Abadia.
2. A existência de um pórtico norte na nave, e a sua possível localização, caso existisse.

Retro-coro e Capelas.
Em 1866, o Professor R. Willis publicou a sua inestimável Architectural History, baseada numa comunicação que apresentara ao Archaeological Institute no ano anterior. Dedica duas páginas (40, 41) à discussão do número e disposição das capelas a leste do percurso processional no retro-coro, concluindo que seriam cinco. No seu plano (Fig. 2), apresentado como frontispício da obra, mostra essas cinco, sendo a central projetada cerca de 12 pés para leste. Na p. 43, afirma:

“Como também se diz que Bere construiu a Capela de Edgar na extremidade leste da igreja, é provável que esta capela fosse uma das que estamos a considerar, e que Bere a tenha equipado e completado. A completa

erradicação da parede leste da igreja ao centro pode explicar-se supondo que a capela central se projetava para leste, como mostrei no plano, e que esta seria a de Edgar; pois, se fosse apenas uma das capelas comuns, não valeria a pena mencioná-la como um edifício distinto."[3]

Fig. 2 — Plano do Professor Willis.

A conjectura do Professor Willis representa a interpretação mais ampla ou liberal jamais dada por qualquer antiquário à passagem de Leland — que, diga-se, é a única evidência contemporânea conhecida desta obra dos dois últimos abades.

Parker[4], que analisou todo o assunto do plano na sua obra para a Somerset Archaeological Society (ver artigo nos Proceedings de 1880), não apoia as conclusões de Willis, inclinando-se antes para a opinião de que a Capela de Edgar estaria no transepto sul, a leste da nave, mas é do conhecimento do autor que o Professor Freeman acreditava que o coro original, que, antes do acréscimo de Monington de um quinto e sexto vão, deveria ser cerca de 39 pés mais curto, teria uma grande capela oriental, provavelmente uma Lady-chapel, que poderia ser de dimensões consideráveis e mesmo coincidir, no comprimento total, com o plano dado por Willis. Mas esta opinião parece não ter ido além de uma mera expressão verbal numa reunião na Abadia, e o autor só a ouviu citada como reminiscência algum tempo depois da descoberta da Capela de Edgar.

Esta hipótese parece ter sido apresentada como explicação para o curioso diagrama publicado em Somerset, de Phelps, onde surge um plano da igreja, mostrando a tracejado uma curta projeção no ponto onde Willis situa a sua capela, terminando em forma semicircular ou absidal.[5] Phelps chama-lhe a "Capela de Nossa Senhora". E, num canto da mesma folha, este autor apresenta outro diagrama retangular, novamente com término semicircular, que Warner, ao reproduzir o plano, denomina "Capela segundo as suas dimensões originais".

Sendo a ábside a característica constante, estas dimensões adicionais seriam para oeste e corresponderiam à diferença entre as antigas e as novas dimensões do coro, que Monington alongou em 1344-5. E ficará claro que algum raciocínio deste tipo pode ter orientado Parker ou Freeman para a conclusão provisória referida, e ajudado Willis a formular a sua teoria definitiva de uma ligeira projeção na capela central do retro-coro posterior.

Entre os documentos recuperados relativos ao período imediato à Reforma, há um que teria sido facilmente acessível a Willis e outros, e que é conservado por Phelps e copiado por Warner no seu Glastonbury, publicado na década de 1820. Trata-se de uma transcrição de um relatório feito à Rainha Isabel por um comissário enviado para inventariar os edifícios da Abadia, e que fornece uma

série de medições das principais partes do mosteiro, incluindo a Igreja da Abadia, relativamente à qual afirma:

"A grande igreja da Abadia tinha 594 pés de comprimento, como segue:
A Sala Capitular, em comprimento, 90 pés.
O Coro, em comprimento, 159 pés; em largura, 75 pés.
O corpo da Igreja, em comprimento, 228 pés.
A Capela de José, em comprimento, 117 pés."

No século XVII temos as simples afirmações de Hollar e Hearne de que o comprimento total da Igreja da Abadia era de 580 pés.

Todas as medidas dadas pelo comissário isabelino são bastante exageradas e, talvez por isso, bem como pela confusão sugerida pela associação da medida da Sala Capitular com as da Igreja, foram rejeitadas ou ignoradas pelos antiquários modernos. Da mesma forma, a simples afirmação de Hollar e Hearne, sem qualquer descrição dos edifícios incluídos na medida, não foi tida em conta.

A análise do Professor Willis sobre as probabilidades do plano da extremidade leste pareceu conclusiva quanto à existência de cinco capelas em linha na parede oriental do retro-coro, pois a sua interpretação da descrição de William Wyrcestre deve ser considerada muito razoável, tanto mais que é corroborada pelo registo do plano de Wild (1813), no qual as bases de dois pilares com fragmentos de parede anexa, a estender-se para leste, surgem precisamente na posição requerida como divisórias para a formação das três capelas centrais das cinco.

Estes pilares tinham evidentemente sido recentemente descobertos, e estão ilustrados em Architectural Antiquaries de Britton, vol. iv., p. 195. Mas todos os vestígios deles foram removidos e, como o próprio Willis diz (op. cit., p. 42):

"Infelizmente, o procedimento relativamente a estas ruínas, até ao início deste século e depois, foi sempre o de remover não só as pedras trabalhadas, mas também erradicar os próprios alicerces. E, embora os vestígios tenham sido protegidos deste tipo de destruição há muitos anos, NÃO HÁ QUALQUER ESPERANÇA DE RECUPERAR DETALHES DO PLANO POR MEIO DE ESCAVAÇÕES." (Maiúsculas do original — F.B.B.)

Assim permaneceu a situação até que, em 1903-4, o Archaeological Institute decidiu fazer de Glastonbury o centro das suas atividades, tendo o Sr. (agora Sir William) St. John Hope sido encarregado de preparar uma comunicação para a reunião anual.

O Sr. Hope, tendo em mente planos como o da Abadia de Dore, onde aparecem quatro capelas na parede leste do retro-coro, revê a declaração de William Wyrcestre à luz desta hipótese, e interpreta as suas palavras de forma alternativa, como seria correto caso esse autor fosse habitualmente rigoroso

nas suas descrições. Mas ele não o é, e uma inspeção geral dos seus escritos mostra suficientemente que tem um método peculiar de apresentar factos quando envolvem número, série, localização ou dimensão. No caso presente, afirma:

“IN ORIENTALI PARTE ALTARIS GLASTONIE.

“O espaço do retrocoro do lado oriental do grande altar tem 5 colunas em série, e entre cada coluna há uma capela com altar.”

O Sr. Hope pensava que Wyrcestre contou cada pilar encostado como uma coluna inteira, o que significaria três colunas completas e dois pilares adossados às paredes norte e sul, sugerindo, naturalmente, apenas quatro capelas. Mandou abrir valas a leste e oeste ao longo do local onde supunha existir uma parede divisória central, e uma vala norte-sul imediatamente fora da parede leste do retro-coro e através da abertura onde deveria ter estado a capela central segundo Willis.

Mas nada apareceu que, no seu entender, indicasse uma extensão do edifício para além da linha dos dois fragmentos de parede que marcam o termo leste do retro-coro, e a sua conclusão é definitiva — que nunca houve, nem poderia ter havido, tal extensão para uma capela central. E declarou ter encontrado apoio para a sua opinião de uma divisão central, totalizando quatro, e não cinco, capelas, pelos resultados confirmatórios da sua escavação. Esta era a situação em 1907, quando o autor começou os seus estudos, e facilmente se compreende que nenhuma perspectiva de sucesso poderia razoavelmente acompanhar novas investigações por escavação para além desse ponto.

Todas as evidências foram analisadas e discutidas por F.B.B. e J.A. F.B.B. dava talvez tão pouca importância aos registos contraditórios de uma medida mais longa quanto os que o antecederam. No entanto, preferia claramente a solução de Willis às restantes, pois não havia como negar o significado do plano de Wild com as suas duas bases de colunas intermédias. E sentia, instintivamente, tal como o seu amigo, que a questão não estava resolvida, que a última palavra não fora dita. Por mais de uma vez, voltava a sensação de que uma capela que merecera menção especial de Leland, e que, segundo o relato, fora obra de dois abades, teria de ter alguma importância.

Ainda assim, nada surgia à mente que alterasse o respeito do autor pela visão de Willis, nem sequer para pôr em causa a sua probabilidade. O objetivo era, até, defender essa opinião contra a tese contraditória recentemente apresentada, pelo que se pensou examinar, logo que possível, o local dos pilares gémeos de Wild, e escavar profundamente em redor do local na esperança de encontrar algum vestígio de fundações típicas de uma cripta; pois Wild anotou que seriam “provavelmente parte da cripta”, e não parecia que alguém tivesse tido o cuidado de investigar esse ponto.

O plano de Wild, incorporado na obra de Britton “Antiquities”, pode ser considerado um trabalho de referência. Neste aspecto, merece mais crédito do que outros, como os de Phelps ou Stukeley, que são vagos e imprecisos. Warner copia Phelps e defende uma Capela de Nossa Senhora do século XIV a leste, mas nem Britton nem Stukeley, cujo plano tem duzentos anos, apoiam essa opinião. A nota de Warner é citada pelo Professor Willis (ver p. 31 da sua Architectural History).

PRINCÍPIOS E MÉTODOS DE PSICOLOGIA APLICADOS À INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Diz-se que a grande distinção entre Oriente e Ocidente no domínio do saber é que, enquanto a ciência ocidental lida com fenómenos e constrói a partir de deduções da observação das coisas externas, a sabedoria oriental olha sempre para dentro, procurando encontrar no espírito humano a resposta a todos os enigmas da criação. Uma desenvolve a faculdade lógica, frequentemente, talvez, em sacrifício das funções imaginativas; a outra segue as capacidades intuitivas, sem se preocupar com regras lógicas.

Mas, na realidade, nenhum método pode ser utilizado em exclusivo, e qualquer grande descoberta da ciência ocidental resulta, afinal, da interação entre ambos os princípios. Contudo, sempre foi claro para o autor que o papel desempenhado pelas capacidades intuitivas, ou, como Myers diria, subliminares da mente, é habitualmente posto de parte pelo naturalista ortodoxo, que tende a ver pouco para além dos seus espécimes e do que logicamente deles se pode inferir.

E a investigação arqueológica tem sido, desse modo, constrangida, e é preciso admitir, com alguma razão; pois, sendo uma ciência relativamente recente, teve de se proteger contra muitas fantasias disparatadas lançadas por devotos meio-instruídos ou excessivamente entusiastas. Descrever essas como “vãs imaginações” será correto, pois o termo “vã” é suficiente qualificação, mas o autor sempre rejeita o uso da nobre palavra “imaginação” no sentido rebaixado de mera fantasia. A imaginação é um grande dom, um poder divino da mente, que pode e deve ser treinado e educado para receber e criar apenas o que é verdadeiro. E, talvez, aqui resida o segredo de muito do entendimento espiritual e da sabedoria do Oriente.

Mas nós, ocidentais, achamos pouco prático cultivar este dom. Não temos sistema para o treinar, e o nosso espírito burguês despreza-o. Desdenhosamente, dizemos de tudo o que não assenta em factos: “É tudo imaginação”, e da mesma forma usamos mal o termo “ilusão” ao empregá-lo para designar uma pura alucinação.

O treino da faculdade imaginativa segundo linhas científicas e a sua aplicação à investigação arqueológica era uma ideia há muito acalentada pelo autor, e

ele e J.A. conversaram bastante sobre o tema; mas a dificuldade estava no método mais adequado para alcançar os resultados a que aspiravam.

O que estava claro, porém, era a necessidade de desligar de algum modo o simples mecanismo lógico do cérebro, que está sempre ativo a combinar as coisas mais superficiais e óbvias registadas na memória, e que, pela sua atividade dominante, exclui aquilo que um elemento mais contemplativo da mente procuraria reavivar dos vestígios meio apagados do passado.

Ocorreu então a F.B.B. que na faculdade de automatismo que o seu amigo supostamente possuía, mas que nunca utilizara deliberadamente (apenas se manifestara uma ou duas vezes espontaneamente), poderia residir a chave do sucesso nesse campo. F.B.B. era membro da Society for Psychical Research. Tanto ele como J.A. eram íntimos de Everard Feilding, Secretário da Sociedade, que se interessara vivamente pelo relato de J.A. sobre certos fenómenos de automatismo que havia experimentado. E E.F. estivera presente em uma ou duas experiências de evocação dessas capacidades.

Antes de se entrar no relato propriamente dito da descoberta em ligação com Glastonbury, é preciso acrescentar que nem F.B.B. nem J.A. favoreciam a hipótese espiritualista tradicional, que vê nestes fenómenos a ação de inteligências desencarnadas sobre a organização física ou nervosa dos presentes. Considerariam tal ponto de vista como uma espécie de inversão ou distorção da verdade.

Mas que a consciência encarnada de cada indivíduo é apenas uma parte, e uma parte fragmentária, de um todo transcendente, e que na mente de cada um existe uma porta pela qual a Realidade pode entrar sob a forma de Ideia — a Ideia pressupondo uma Memória maior, até cósmica, consciente ou inconsciente, ativa ou latente, abrangendo não só toda a experiência individual e reavivando páginas esquecidas da vida, mas também uma Ideia que envolve campos ainda mais vastos, transcendendo os limites normais de tempo, espaço e personalidade — isto descreveria melhor a postura mental dos dois amigos.

O seguinte pode ser citado como indicativo do temperamento e do sentimento de F.B.B. numa época muito próxima da dos seus trabalhos experimentais com J.A. Encontra-se numa passagem do Address Iluminado que preparou para, e que foi aceite pela, Rainha durante a sua visita como Princesa de Gales à Abadia em 1909, e que foi concebido como parte da “lovynge Greetinge of ye monkes of Glaston to theyre Prince and Princesse. xxii Jun: Ao Mcmix.”

O excerto reza assim. Não foi escrito automaticamente, mas foi certamente influenciado, em parte, pela forte convicção de vários lados de que Glastonbury seria renovada como centro de realização espiritual e reconciliação entre os vários elementos raciais destas ilhas e as suas distintas expressões religiosas, ainda não coordenadas (ver artigo do autor sobre “Glastonbury” no número de

Natal da Treasury de 1908, assim como o discurso do Cónego Masterman proferido em Londres nesse mesmo ano). Glastonbury, como se sabe, foi centro de peregrinação de todas as partes do mundo. Nos tempos mais antigos, era comparada a Roma e Jerusalém:

“Pois o passado não morre, apenas dorme; talvez desperte, e são os do presente que dormem e sonham. É como um país distante de onde chegam notícias; mas os homens viajam para terras distantes e as riquezas foram o seu prémio — assim aguarda sempre o homem o tesouro da sabedoria dos tempos passados e oferece-o ao amor que procura e não desanima; assim será revelada a memória das coisas antigas, e de Glaston diz-se que quando os tempos forem chegados a glória voltará: Que assim seja, Gracioso Príncipe e Princesa, no vosso tempo.”

versão em letra simples

Estes versos surgiram um dia em escrita automática. Nem F.B.B. nem J.A. sabem qual a sua origem — nenhum recorda tê-los lido. Pela sua beleza e sugestão, foram incorporados no Address numa forma ligeiramente modificada da original.

SOBRE O AUTOMATISMO

A principal objecção aos métodos e práticas dos espiritualistas, e a razão da repulsa instintiva normalmente sentida contra tais métodos, reside certamente no facto de implicarem uma entrega da vontade e do controlo pessoal a atividades que, para o bem ou para o mal, estão fora da esfera pessoal do médium. Os dons espirituais superiores são aqueles em que o destinatário atua como participante consciente no ato de transmissão. Entre estes dois extremos existe uma classe intermédia, aparentemente reconhecida por São Paulo na primeira Epístola aos Coríntios[6], sendo o exemplo típico o do “dom de línguas”, cujo exercício, não sendo desencorajado por ele, era contudo apontado como de valor inferior, visto não contribuir sempre para a edificação da Igreja.

Mas era uma das formas de inspiração então conhecidas, provavelmente comum, e não pode haver grande dúvida de que era acompanhada por outras semelhantes, sendo a escrita inspirada possivelmente das mais vulgares. Uma decorre necessariamente da outra. Existe mesmo um possível elemento deste género a considerar em qualquer teoria satisfatória da inspiração bíblica e das profecias nela incluídas, devendo este ser considerado de forma justa e isenta de preconceitos teológicos.

É claro, pelo capítulo dos Coríntios (1 Cor. xiv.), que, no exercício do dom de línguas, o orador geralmente sabia pouco ou nada do significado do que estava a dizer, embora não seja necessário assumir que a expressão lhe estivesse fora de controlo. Mas isto implica a ação daquilo a que, em linguagem

moderna, se chama uma parte supraliminal da mente, quando, citando o Apóstolo, “o entendimento é infrutífero”.

O exercício do automatismo — um automatismo controlado — na produção de escrita parece ao autor um paralelo razoável, e, quando o resultado é passível de fácil interpretação, aí está, segundo o ditame apostólico, a esperança de “edificação” por meio dele. E para aqueles preparados e prontos para o exercer, o dom da profecia, nesses dias, aguardava manifestação através deles. E não é necessário supor que os dons então concedidos fossem únicos, no sentido de que seriam depois retirados para sempre. Pelo contrário, é bastante claro, nas próprias Escrituras, que se deveria esperar um grande renascimento desses dons em tempos posteriores, como Pedro diz em Actos ii. 17, citando o profeta Joel:

"E acontecerá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei do Meu Espírito sobre toda a carne: e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos."

Não seremos levados a crer que não há limitação aos “dons liberais” do espírito, nem à variedade na natureza dos dons espirituais que possam ser exercidos? Podem relacionar-se com qualquer ramo possível de atividade mental, e todas as ideias novas, sejam na arte, ciência, filosofia, política, religião ou outro domínio, devem ser consideradas incluídas. Nem o modo ou método de tal inspiração deve preocupar-nos como questão primordial, por mais invulgar que pareça.

O único critério é a qualidade da sua mensagem, se é verdadeira ou não, edificante ou carente de qualidades úteis. Se uma mensagem desta natureza se revela verdadeira, não pode ser ditada por um espírito de falsidade; se sensata, não por insanidade; se sã e moral, não por uma inteligência viciosa ou depravada. Não se colhem uvas de espinheiros, nem figos de cardos.

A germinação de ideias novas e proveitosas na mente pode, neste sentido, ser provocada, primeiro, por um sistema apropriado de exercício e cultura mental; segundo, pela disposição para refrear todas as preferências e preconceitos mentais, e para conter também as atividades superficiais do cérebro, de modo que o canal da “ideia” pura, que reside na mente subconsciente, possa ser mantido e as atividades mais finas permitidas de percolar. Então, pode com razão esperar-se a reação daquelas energias lançadas por esforço anterior da mente e da vontade, e as ideias fluirão de volta, não sós, mas acompanhadas por um reforço espiritual que pode incluir elementos novos e de grande valor, de fontes além do alcance da mente individual.

Esses novos elementos podem ser de todos os tipos concebíveis, afetando o instinto, a intuição, a imaginação, o afeto ou a vontade. Podem ser vagos e abstratos, ou tingidos, como nos sonhos, de um sentido vívido de personalidade; desapegados ou pulsando com novos entusiasmos; iluminando

a inteligência ou movendo-se na obscuridade da mente subliminar — neste caso talvez incapazes de serem evocados salvo pelo automatismo ou pela telepatia de outras mentes. Vêm de alguma fonte interior e misteriosa, trazidos por um impulso dinâmico que carrega consigo a frutificação de memórias e experiências há muito adormecidas e inacessíveis para nós, embora ao alcance da inteligência espiritual que é o poder diretor.

O homem é um ser muito complexo e, embora, espiritualmente falando, viva e atue em relação com os seus semelhantes em, e por virtude das suas memórias, pessoais e ancestrais — pois o que são o carácter e a consciência senão a frutificação de todas essas memórias e experiências que são suas ou de cada elemento pré-natal que nele reside? — contudo, poderá não ser que, uma vez liberto das condições físicas, como na morte, haja uma dissociação das camadas da sua personalidade, o mero registo cerebral, a casca, o mecanismo das suas memórias das coisas comuns, sendo espalhado como a palha, ou sacudido como um casaco descartado, enquanto o seu fruto é recolhido como novo poder e conhecimento espiritual no tesouro eterno da alma?

ALGUMAS NOTAS SOBRE O TEXTO E SUA PUBLICAÇÃO

A decisão de publicar estes escritos foi tomada após muita ponderação de todas as razões a favor e contra, e a sua divulgação neste momento foi largamente influenciada pelo sentimento de que o interesse público nestas matérias amadureceu muito desde a guerra, e que os frutos da experiência do autor não deveriam ser retidos, pois poderiam servir para orientar esse interesse para um novo e talvez proveitoso caminho.

O texto produzido durante um período razoavelmente longo (do fim de 1907 a 1911, e novamente em 1912 e mais recentemente) foi obtido em condições variadas e era de qualidade muito diversa. Uma grande proporção referia-se a Glastonbury e a assuntos e história monásticos, e apenas uma parte desta reivindicaria possuir qualquer valor probatório. Parte era de interesse meramente privado e seria inútil para publicação. Por vezes, a comunicação tentada era um fracasso. Em alguns casos, notaram-se erros bastante evidentes. O mais grave destes foi nas medidas dadas inicialmente para a Capela de Edgar: “Et Capella extensit 30 virgas ad orientem et viginti virgas in latitudine(m).” Uma “virga” é uma jarda (cerca de 91 cm).

O texto era muito obscuro, e a medida foi pedida novamente, tendo sido escrito “quinquaginta virgas”. Numa terceira tentativa, pediu-se nova confirmação e dessa vez voltou a aparecer “30 virgas”. “Quinquaginta” (50) era obviamente um erro, mas a repetição das 30 virgas, embora indicando um comprimento largamente superior a qualquer coisa que alguma vez considerássemos possível para esta capela, fez-nos hesitar em rejeitar imediatamente a indicação sem mais atenção. O “viginti virgas” dado uma vez para a largura

parecia totalmente descabido. E, como se verificou, nunca se provou existir qualquer medida que se aproximasse das 20 jardas para a largura máxima da capela. Parecia absurdo, e foi desde logo posto de parte, tal como a medida incoerente e excessiva de “quinquaginta virgas” de comprimento.[7] Isto sucedeu no final da primeira sessão, que já ia longa. A escrita tornava-se menos clara; o poder estava a diminuir e os participantes começavam a sentir-se fatigados.

Por isso, não se fez mais nenhuma tentativa na altura para esclarecer as medidas, tendo-se decidido experimentar novamente em outra ocasião. Houve um período de muito frio no início do inverno de 1907-8, e as tentativas durante esse período foram quase todas infrutíferas. No dia 13 de Dezembro, a sessão foi abandonada por essa razão. Outra, no dia 21, não produziu nada de satisfatório. De novo, a 3 de Janeiro de 1908, quando o frio estava no auge, só se conseguiram algumas palavras pouco legíveis e incertas, nas quais se conseguiu descortinar:

“Frigidus sum... memoria oportet nullum... nescio quid aut quo[8] fecimus scriptum...”

Outra causa, muito mais importante, de fracasso deve ser aqui notada. No início de 1908, certas circunstâncias um pouco preocupantes e difíceis afetavam um dos participantes. Isto produziu uma preocupação mental desfavorável à produção de escrita automática; e parece uma regra bem estabelecida que os participantes devem estar tranquilos e o seu estado de espírito sereno para obter os melhores resultados. No dia 30 de Janeiro de 1908, fez-se nova tentativa para obter escrita, mas sem qualquer sucesso por esta razão, e o único registo digno de nota foi algumas palavras, terminando com o seguinte: “Evita o ego. Algo entope os canais. Examinai-vos severamente.”

Só a 19 de Fevereiro se alcançaram novamente resultados realmente satisfatórios, e nessa sessão foi correspondida a vontade não expressa dos participantes e foi dada uma descrição detalhada da Capela de Edgar, incluindo a medida exterior da largura — 34 pés. Mas só na Sessão XXXII, a 16 de Junho, veio a confirmação final. Isto em resposta a uma pergunta, e foi dito o seguinte:

“A largura que encontrareis é vinte e sete, e por fora, trinta e quatro, assim nos recordamos. — BEERE ABBAS.”

Na data desta sessão, a parede ocidental da capela já havia sido localizada, mas o seu comprimento ainda não estava determinado, pelo que nada havia que orientasse a opinião quanto a isso, a não ser o que se pudesse inferir da posição do pequeno troço aberto, que mostrava provavelmente cerca de 20 pés livres nas fundações, se colocada centralmente em relação ao coro. Depois, em resposta à pergunta seguinte, Qual era o comprimento interno claro da capela?, veio a resposta:

“Colocámos setenta e dois, mas eles construíram mais longo.”

E a natureza verídica destes números foi demonstrada pelo conhecimento posterior. (Ver Tabela, p. 76.)

Voltando à questão dos erros. Na Sessão XXXVI, a 19 de Setembro de 1908, foi contada a história de um conde saxão, chamado Eawulf ou Eanwulf, que foi morto por certo Radulphus, cavaleiro normando do tempo de Turstin, o primeiro abade normando. A história é boa e contém matéria aparentemente verídica, mas é prejudicada por uma particularidade. A meio do texto, nota-se um erro estranho. O nome de Turstin é substituído por Radulphus, e o texto diz: “Eawulf e Turstinus lutaram, e o normando matou o saxão.” Ora, tal erro é incómodo, pois prejudica a clareza do relato. Contudo, por outro lado, é interessante pela luz que lança sobre a acção mecânica do cérebro como provável origem de erro na escrita ou fala automática.

É um facto bem conhecido de quem fala em público, ou de quem se dedica à escrita, que, a menos que a atenção esteja fixada e concentrada no assunto, o cérebro age mecanicamente, repetindo qualquer palavra recentemente impressa na “membrana” mental, e tal palavra pode facilmente ser substituída por outra. Quando há fadiga, isto pode ocorrer com muita facilidade. No caso da escrita automática, a mente está relaxada, e provavelmente existe uma predisposição para esses erros.

O exemplo dado parece comprová-lo. Na verdade, causa até alguma surpresa que tais enganos não sejam mais frequentes nos textos por nós obtidos. Pelo contrário, outro fenómeno foi frequentemente observado neste processo. É que, no início de uma sessão, o fio de uma comunicação anterior, interrompida pelo término de uma sessão prévia, era retomado quase como se nenhum intervalo de tempo tivesse decorrido.

Pretendia-se, na presente obra, que apenas os factos verídicos relativos à Capela de Edgar fossem publicados; contudo, o âmbito foi alargado pela inclusão de Johannes, cuja personalidade pareceu interessante. Mais tarde, decidiu-se permitir que a notável recordação da Capela de “Loretto” também visse a luz do dia, antecipando um conhecimento mais aprofundado. Mas os leitores compreenderão que não seria possível uma reprodução integral do manuscrito na posse do autor. Ao mesmo tempo, pode afirmar-se claramente que nada do que foi reservado contradiz ou diminui o valor do que é aqui apresentado, e disso é suficiente prova o facto de o autor ter conseguido, com êxito, seguir as indicações fornecidas.

Não parece necessária qualquer desculpa pela qualidade do “latim” presente no manuscrito, que corresponde ao que se poderia imaginar ser o jargão coloquial de membros iletrados da comunidade, cujo conhecimento da língua se confinaria sobretudo aos livros litúrgicos, ou ao que deles compreendiam.

O autor deseja aqui registar o seu reconhecimento ao seu amigo J.A., não só pelo interesse cordial e colaboração sem os quais a nova linha de investigação não teria sido empreendida, nem esta obra teria visto a luz do dia, mas também pelos versos que escreveu sobre o tema da Estampa III e no Envoi final. Os seus agradecimentos vão também para a Sr.ª A. M. Buckton pelo seu soneto (Estampa I) e por muitas sugestões valiosas; ao Sr. T. H. Felton pela permissão de utilizar material do Manuscrito Cannon; ao Conselho da Sociedade Arqueológica de Somerset pelo empréstimo de vários blocos (incluindo a Estampa II); e ao Sr. Edward Everard pelo empréstimo das estampas de Coney e Stukeley; também ao Sr. Everard Feilding pelo constante interesse na obra e por muitas sugestões úteis.

NARRATIVA DOS ESCRITOS

Foi no dia 7 de Novembro que F.B.B. e J.A. realizaram a sua primeira sessão com o objectivo de aprofundar a investigação de Glastonbury. Teve lugar às 16h30 no escritório de F.B.B. J.A. segurava um lápis, F.B.B. forneceu papel de formato legal, que segurava com a mão esquerda, enquanto colocava a direita levemente sobre a mão de J.A., de modo que os dedos ficavam estendidos sobre a superfície.

F.B.B. começou por colocar a questão, como se dirigida a outra pessoa:
"Pode dizer-nos algo sobre Glastonbury?"

Os dedos de J.A. começaram a mover-se, e uma ou duas linhas de escrita pequena e irregular apareceram no papel. Ele não via o que escrevia, nem F.B.B. decifrava até estar concluído. O método acordado era manter-se passivo, evitar concentrar a mente no tema da escrita, e conversar casualmente sobre outros assuntos indiferentes, e assim fizeram. A escrita revelou-se uma espécie de ditame abstrato, ou seja:
“Todo o conhecimento é eterno e está disponível à simpatia mental.”

Depois seguiu-se:
“Não estava em simpatia com monges — ainda não encontro nenhum monge.”

F.B.B. sugeriu que algum dos seus amigos monges vivos poderia servir de elo de simpatia, e a escrita prosseguiu. Após um breve intervalo, a mão de J.A. moveu-se e começou a traçar uma linha, acabando por desenhar o que parecia uma cruz deitada, mas que, ao ser examinado, revelou ser um contorno bastante correto das principais características da Igreja Abacial, traçado por uma única linha contínua, com uma adição retangular longa a leste, quase do tamanho do coro, desenhada a dupla linha, como para enfatizá-la. No meio do plano estavam escritas as palavras—
“Gulielmus Monachus.” (Ver Fig. 4.)

Seguiu-se o que parecia ser um plano elaborado do grande recinto da Igreja Abacial, com um esboço de torre central, topo quadrado com pináculos,

fachada ocidental ou frontão com duas torres pontiagudas e um grande vão arqueado entre elas. No meio do recinto envolvente foi traçada uma linha e, num ponto, algo parecido com uma torre ornamental apareceu, com duas linhas curvas divergentes abaixo, e as palavras “linea bifurcata” foram escritas. Depois, foi esboçado um edifício com frontão, do qual uma linha seguia até duas filas de arcos, talvez representando um claustro, e daí outra linha até um desenho identificado como sendo a Capela de Santa Maria, aproximando-se dela a sul. O plano da capela mostrava uma grande projeção quadrada (? torre) a sul e duas portas a norte.

Nota.—O desenho apresenta todos os sinais de um traçado de olhos vendados.

A linha é contínua, começa em A, e o transepto norte é desenhado primeiro, muito pequeno. Segue para leste, o ângulo nordeste do retrocoro é traçado e, em seguida, a Capela de Edgar, estendendo-se a leste por cerca de metade do comprimento do coro. Aqui, a linha é traçada três vezes, como a enfatizar a característica, e depois volta atrás, o transepto norte é novamente desenhado, mas maior e mais afastado, e todo o contorno da igreja é completado, até à junção a sudoeste da Capela de Edgar, terminando com a assinatura Gulielmus Monachus (Guilherme, o Monge).

P. (por F.B.B.): “O que representa este desenho?”
R. “Guest Hall... Capela de Santa Maria... Rolf monachus.”

O primeiro desenho foi então examinado, e tanto F.B.B. como J.A. manifestaram opinião desfavorável quanto à possibilidade de uma capela tão grande a leste da igreja. Decidiu-se tentar novamente.

F.B.B.: “Por favor, faça um desenho mais cuidado da capela agora esboçada na extremidade leste da grande igreja.”

Em resposta, foi dado um novo esboço da capela retangular (ver Fig. 5), com uma tentativa de indicar a posição de duas capelas menores a norte. Novamente a linha foi traçada a duplo, e em baixo estava escrito, com caracteres apertados de difícil leitura:

“Capella St. Edgar. O Abade Beere fez esta capela do Beato Edgar... mártir, e aqui edificou ou fez a abóbada... fez abóbada de pedra chamada quadripartida, mas o Abade Whitting... destruiu... e restaurou-a com nova... multipartida... não sabemos como se chama.
Porta de entrada por trás do reredos, atrás do altar, cinco passos, e a capela estende-se 30 varas a oriente e (? vinte) em largura com jan (?)... (?).”

F.B.B.: “Por favor, repita; não conseguimos ler isto.”
(Repetido.) “Cinquenta varas e janelas com travessas.”

Fig. 5.—Segundo Plano da Capela de Edgar construída por Beere, mostrando a sua grandeza relativa comparada com as pequenas capelas do retrocoro. A linha começa a leste, sendo novamente repetida para ênfase. A capela é mostrada ao princípio separada da parede leste, mas há depois uma perda de posição que faz com que as pequenas capelas ultrapassem o seu limite prescrito, e o plano aparece confuso. Em baixo está escrito “Capella St. Edgar, Abbas Beere fecit hanc capellam” (Capela de São Edgar, o Abade Beere fez esta capela).

F.B.B.: “Por favor, indique novamente o comprimento.”
R.: “30 varas... e janelas (com) pedra horizontal chamada travessa e vidro azul; e fez altar ornamentado com ouro e prata e... e túmulo diante do altar glorioso edificou em memória de São... Edgar....”

F.B.B.: “Qual abade fez isto?”
R.: “Ricar(d)us Whitting.... Eu, Johannes Bryant, monge e canteiro.”

Isto concluiu a sessão.

SESSÃO II. 11 de Novembro de 1907, 13h.
“As influências materiais falharam da última vez... Penso que as influências ativas sobrepujaram a minha vontade. Aqueles monges estavam ansiosos por comunicar... Querem que saibam sobre a Abadia. Dizem que os tempos estão agora maduros para o regresso da glória e a maldição está a afastar-se. Não sei dessas coisas. Têm desejado influenciar-vos há muito tempo, e têm tentado reproduzir coisas nas vossas mentes.”

Aqui a influência muda.

“Benedicite. Ide em breve a Glaston. Gloria a ser restituída como antigamente. Louvado seja Deus pelos séculos dos séculos. As nuvens dissiparam-se... a memória das coisas permanece e retorna... A Igreja Católica estendeu-se e compreendeu os lados (sic,? latentes) verdadeiros e as coisas ocultas aos sábios.
JOHANNES.”

SESSÃO III. 13 de Novembro de 1907
A escrita começou sem qualquer orientação dos participantes.

“Acho que estou errado em algumas coisas. Outras influências cruzam as minhas... Aqueles monges estão a tentar fazer-se sentir por ambos. Porque querem eles falar latim?... Porque não falam inglês?... Benedicite. Johannes... É difícil falar em latim (repetido, por ser ilegível). Parece tão difícil falar em latim.”

“Os nomes das coisas construídas são muito difíceis em latim — travessa, abóbada em leque, e similares. Meu filho, tu não podes entender. Gostaríamos

de falar na língua inglesa. Dissemos que a abóbada era multipartida, era em estilo antigo de leque na extremidade leste do coro e a nova abóbada na capela de Edgar... Gloucester fan-vaults (repetido). Abóbadas... (novamente) chamadas leque... Johannes lap... canteiro."

P.: "O que significa 'lap mason'?"
R.: "Lapidator... canteiro."

Tendo esta assinatura "Johannes" novamente repetida, F.B.B. ficou curioso em saber até onde esta dramatização ou memória de uma personalidade poderia ser desenvolvida.

P. por F.B.B.: "Conte-nos mais sobre si."
R.: "Eu... morri em 1533." (Repetido por estar quase ilegível.) "Em 1533 faleci... curador da capela e trabalhador na minha igreja pelo amor à igreja de Deus... escultor e supervisor... no tempo de Henrique sete... ano de 1497 e falecido em 1533."

NOTA SOBRE AS TRÊS PRIMEIRAS SESSÕES

Observa-se nestas comunicações um tom individual, como de uma influência orientadora, que inicialmente se manifesta sem elos intermediários, mas que quase de imediato cede lugar aos elementos monásticos, que se introduzem como "Gulielmus Monachus", "Rolf Monachus" e "Johannes Bryant". Parece haver algo como um conflito de intenção, uma tensão que se reflete no estado físico dos participantes, e que parece justificar o rápido esgotamento de forças no final da primeira sessão e consequente falta de clareza e consistência nos resultados.

Na segunda sessão, a entidade diretiva refere-se aos monges como "influências ativas" — uma expressão a notar. E é explicado que "as influências materiais falharam". Depois, na terceira sessão, temos: "Acho que estou errado em algumas coisas. Outras influências cruzam as minhas."

Parece muito com alguém que tenta fazer uma chamada interurbana, que se irrita porque a central local insiste em desligá-lo em momentos críticos, ou porque os fios estão com avaria e mal isolados, de modo que fragmentos de outras conversas são introduzidos.

Quando consideramos as comunicações monásticas sob o nome de Johannes, somos imediatamente confrontados com a questão: "Trata-se de uma experiência real transmitida por uma personalidade verdadeira, ou estamos em contacto com um campo de memória mais amplo, um registo cósmico latente, mas vivo (o 'conhecimento eterno' do primeiro escrito que registámos), capaz de se expressar em termos humanos relacionados com o tema que nos ocupa, com a ajuda de algo proporcionado pela cultura das nossas próprias mentes, e por meio de um certo poder de simpatia mental que permite que tais registos

sejam pressentidos e articulados?" Quanto a isto, é demasiado cedo para dogmatizar, mas, em qualquer dos casos, deve deixar-se espaço para a presença de um Poder Diretivo acessível ao homem, capaz de estimular e energizar a consciência adormecida, e de a encaminhar por canais desenvolvidos pelo homem para a sua receção e expressão.

SESSÃO IV. 19 de Novembro de 1907.
O resultado foi interessante, mas não continha nada de importante relativamente à Abadia.

SESSÃO V. 22 de Novembro de 1907.
Foi produzido um novo plano do conjunto geral dos edifícios da Abadia, assinado "Johannes". Seguiu-se um breve texto, que se transcreve:
"Quando escavares, desenterra os pilares da cripta, a seis pés debaixo da relva – dar-te-ão uma pista. A direção das paredes... para leste (esta palavra poderia quase tão facilmente ser 'oeste', ou até 'fora', pois estava tão mal escrita que não se pôde decidir)... estava num ângulo... trinta e sete varas de comprimento, dezanove de largura."

Seria igualmente fácil ler o último número como "treze". O original a lápis do plano foi preservado, mas não o texto, já que na altura não se considerou de valor; no entanto, a menção às "paredes em ângulo", referindo-se, ao que parece, a alguma parte da capela cujas dimensões aparecem no contexto, é um ponto interessante.

A referência à cripta pareceu ser apenas um reflexo mental dos participantes – um reflexo do seu estudo do plano de Wild. Contudo, volta a ser referida em escritos posteriores.

SESSÃO VI. 26 de Novembro de 1907.
F.B.B.: "Talvez Johannes nos diga algo mais?"
R.: "Johannes Bryant esforça-se pela glória de Glaston. Há muito por baixo da relva, bem fundo e ainda não revolvido. A parte leste de Santa Maria tem uma abóbada sob as escadas e sob a nave há abóbadas – os destruidores temeram, e a ruína das paredes escondeu a entrada. Sob a torre a abóbada está perfeita, e muitos nomes dos que aí foram sepultados estão bem fundo."

P.: "Onde devemos começar a escavar?"
R.: "Na extremidade leste. Procurem os pilares, e as paredes em ângulo. As fundações são profundas."

SESSÃO IX. 30 de Dezembro de 1907.
O início do escrito é ilegível.
"... (o) fim do tempo aproxima-se. O ano está cheio de acontecimentos e Glastonbury ocupará grande parte da vossa atenção...
JOHANNES, MONACHUS.

Esperem, e o caminho abrir-se-á na primavera. Aprenderão à medida que avançam. Temos muito a fazer nesta estação...

... A capela de Nossa Senhora de Glaston – tipo de coisas espirituais que vos não são manifestas. As mudanças não precisam de vos alarmar. As reconstruções serão mais perfeitas. Que o Estado caia em ruínas e as vestes exteriores da Fé pereçam – não temais!

... Pois coisas maiores nascerão – grandes nações e grandes ideais. Trabalhamos para isso. Sede dispostos e não luteis contra a maré. Fiquem no topo e prosperem. Tudo contribuirá para o melhor... A centelha viverá através das chuvas e reacenderá fogos mortos, fogo que ainda é fogo, mas com chama mais pura. Não podemos apressar o tempo, mas é certo e não está atrasado. Estão entre duas influências. Terra e espírito não se misturam. Perder o contacto com a terra deixa-vos sem apoio terreno.

Agarrem-se aos deveres terrenos. Trabalhem como homens pelo sustento dos homens. Mantenham os ouvidos abertos à ajuda espiritual e aos sussurros. Assimilem e combinem ambas as forças. Fiquem na praça do mercado e apregoem as vossas mercadorias, mas escutem a voz suave no silêncio do vosso quarto. Trabalhem ao sol. Escutem à luz das estrelas..."

Tanto F.B.B. como J.A. manifestaram bastante surpresa quanto à natureza da primeira parte desta comunicação, visto que qualquer ideia de revolução iminente na Igreja ou no Estado estava completamente fora das suas mentes e nunca tinha sido tema de conversa. A passagem foi uma intrusão e um enigma. Mas não lhe atribuímos especial importância; pareceu-nos mais uma curiosidade para a qual faltava explicação psicológica.

Posteriormente surgiram mais intrusões desse tipo, apontando com crescente clareza para a natureza do que fomos avisados a esperar, mas pertencem a outra história e nada têm a ver com a descoberta da Capela de Edgar. Por isso, omitir-se-á o registo de muitas sessões, e passamos à décima nona, realizada a 19 de Fevereiro de 1908, após uma visita à Abadia. F.B.B. ainda não tinha recebido a nomeação, mas preparava-se com afinco e estava, no momento, a tentar determinar o provável aspeto dos acessos à capela central do retrocoro, tendo já sido discutido o trabalho do tempo de Bere.

Nota: Todas as sessões de 1907 foram em Bristol. A seguinte a registar (Sessão XIX) teve lugar em Glastonbury.

SESSÃO XIX. 19 de Fevereiro de 1908. Em Glastonbury
“O arco é plano – três varas de lado a lado – dez pés de altura – tudo com painéis. Todo o meio da extremidade leste era de painéis e a grande capela era...

... já vos dissemos há muito tempo – painéis por todo o lado... paredes finas e fundações pobres na obra nova.

Duas capelas a norte e sul e entre elas um grande espaço com uma porta alta ao centro, de quatro centros, toda com painéis sob a abóbada de leque por cima do lintel. E havia dois altares de cada lado e muita madeira entalhada muito negra que foi retirada para pôr os painéis. E os buracos nas paredes foram tapados com painéis para que não se vissem, e era tudo de pedra muito branca e bela, e na porta havia uma grande escadaria com duas janelas de cada lado, uma sobre a outra, à mesma altura acima da escada... E a escada era dividida ao meio por uma grande grade de pedra para que os que subiam não se cruzassem com os que desciam a dita escada.

E além erguia-se uma Capela de Edgar o santo, bela e alta, com grandes janelas com travessas e entre as janelas pilares como painéis que sustentavam o teto de pedra abobadado muito belo, em painéis dispostos em leque, muito finos, parecidos com marfim esculpido e entalhes pintados nas cruzetas e nas nervuras, e havia uma grande janela na parte leste com oito vãos, todos os arcos e o teto planos, como era hábito na época, e a sala era lajeada com ladrilhos de muitas cores e ao centro estava um túmulo de prata e pedras preciosas e pinturas nos painéis frente à janela leste.

E a sala tinha setenta pés de comprimento em quatro tramos e trinta e quatro de largura... e as paredes eram finas e todas de bela pedra aparelhada e recentemente entalhada, de tal modo que os que destruíram isto... primeiro, mesmo antes da grande igreja.

E assim já não existia. Havia belos degraus de mármore e as abóbadas de leque sobre a porta sustentavam uma pequena galeria que dava diretamente para a escadaria, olhando para quem por ali passava, e uma pequena janela por cima para iluminar a capela na igreja, atrás dos dois altares, pois era escuro.

Quarenta e dois pés era a altura da nova capela e era contrafortada com belos contrafortes e paredes oblíquas nos cantos.”

Em toda esta comunicação nota-se uma tendência para formas ortográficas antigas, nunca plenamente conseguidas e frequentemente a escorregar para o uso normal. O estilo parece mais consistentemente arcaico. Saliente-se a referência adicional a “paredes oblíquas nos cantos”, recordando as “paredes em ângulo” já mencionadas noutro texto.

SESSÃO XXIV. 5 de Março de 1908.
“... Quem me dera poder falar-vos da grande janela leste no frontão. É difícil descrever as suas muitas partes, mas haveis de vê-la um dia. (Isto refere-se ao coro. – F.B.B.)

Os edifícios no lado sul da extremidade leste eram dois. Um era uma capela, o outro para o sacerdote se paramentar.

São Edgar foi sepultado na janela onde vedes a cruz. Depois Beer transferiu-o para a nova capela que construiu. A capela era semelhante à de Wells, mas mais bela.”

Isto alude obviamente à Capela de Stillington, abobadada em leque, obra sumptuosa do século XVI, agora destruída.

SESSÃO XXV. 10 de Março de 1908.
F.B.B. obteve a nomeação como representante da Sociedade Arqueológica de Somerset, com licença para escavar, no mês de Maio de 1908.

SESSÃO XXVII. 17 de Março de 1908. Em Bristol.
“O tempo está maduro para que as pedras sejam estudadas. Ide em breve.”
“As pedras de consola são muito grandes.” (Isto refere-se a um esboço de reconstrução da parede do transepto feito por F.B.B.) “Coloque dez entre cada contraforte.”

P.: “O parapeito está correto?”

R.: “O parapeito está correto.”

P.: “E quanto à abóbada do coro apresentada?”

R.: “A abóbada está quase certa para o que vedes, mas sobre o túmulo de Artur até à janela leste era mais bela e muito dourada, de modo que as luzes do altar ali brilhassem e criassem uma glória.”

“Procurai as nervuras do coro, simples e entalhadas, e os nós. Alguns estão na extremidade leste. Ficou o suficiente do destruidor, apenas o suficiente e nada mais: assim foi ordenado para que não destruíssem para sempre. Elaborem um esquema – há restos suficientes por toda a parte.”
“Porque não destruíram as paredes que tinham à mão? Não lhes importava, mas na verdade deixaram-nas e escavaram fundo à procura de pedras.
Não puderam, mesmo que quisessem.”

“Porque deixaram as pedras do altar quando poderiam tê-las arrancado?
Digam, porquê?”

P.: “Dizes: ‘Saxão, Normando e Natural, todos lutam juntos para a glória de Glaston.’ Podes pôr-nos em contacto com alguma dessas influências antigas?”

R.: “O que vos diriam? As suas obras eram rudes e desapareceram. A Abadia não lhes pertence – nada exceto alguns livros – e gostaríamos que esses livros existissem de novo, apenas a Igreja como era dantes.

Nós que falamos somos das suas diferentes ordens: Gulielmus dos tempos antigos, Johannes mais tarde, e aquele que construiu por último – o nosso Abade Beere. Que mais é preciso? Apontamos o caminho; a vós cabe segui-lo, e tudo o que é preciso vos é dado. Trabalhai com mente e mãos, e tudo está lá. Assim é ordenado, porque aquilo que desejais é bom e por isso deveis lutar. Trabalhámos no nosso tempo: vós deveis trabalhar no vosso. Nem trabalho, nem salário – nem o que chamais honra.”

P.: “Hoje é o Dia de São Patrício. Podes dizer-nos algo do seu tempo e do seu trabalho, e de Santa Brígida? Sem dúvida que havia muito na grande Biblioteca da Abadia.”

R.: “Lendas antigas, feitas para o povo – mas que valor têm? Existiram e fizeram muito entre os pagãos. Não sabemos mais, apenas que as suas obras eram antigas e muito áridas de ler.”

(Esta passagem está assinada com uma cruz dentro de um círculo, e uma letra maiúscula, não claramente identificada.)

P.: “Por favor, escreve o teu nome.”

R.: “Reginaldus, que morreu em 1214 – mil, duzentos e catorze.”

A identidade deste Reginald não é clara. O Bispo Reginald de Wells, que consagrou a Capela de Santa Maria em Glastonbury, morreu em 1191 segundo as crónicas. Diz-se que a Capela foi concluída em 1216.
O texto foi repassado, pois foi feito a lápis suave e não pôde ser preservado.

SESSÃO XXIX. 20 de Abril de 1908.
“Glória a Deus nas alturas. Paz convosco, filhos.
O tempo está próximo. Escavem bem e aquilo que procuram ser-lhes-á dado, mas procurem cuidadosamente para não erradicarem o que resta para vos guiar…

… a extremidade leste será a primeira, e então encontrarão prova das belas torres na extremidade oeste. Procurem nas ruínas pelo modo como foram acabadas. Resta muito para vos orientar…”

“… Influenciem o homem, e aquilo que antes foi decretado ajudará, e aqueles que vos rodeiam sentirão a vossa influência e a nossa.
Em verdade era uma bela igreja e diz-se que os do vosso tempo conhecerão

as obras que fizemos para a glória de Deus.
Enganámo-nos em algumas coisas – todos os homens se enganam – mas o pensamento que fez a grande igreja de Glaston não estava limitado pela mente e esse pensamento deve viver e prevalecer.

Movam-se, trabalhem e persistam incessantemente, e com o tempo haverá um lugar para aquilo que existiu e conhecerão de novo os seus edifícios como costumavam ser. As obras menores primeiro: e depois virá alguém que reconstruirá a grande igreja – um filho de Glaston do outro lado do mar. Mesmo agora ele espera e observa. Nós esperamos e observamos e esperamos com o conhecimento que chega aos homens do outro lado. A igreja é sempre a igreja, e no grande esquema do mundo, em breve voltaremos e o nosso instrumento Glaston encontrará um lugar poderoso… Assim diz Johannes."

Neste ponto, a sequência da escrita é interrompida pela história de Johannes que vai pescar e vagueia pelos caminhos. Isto será apresentado na Parte II.

P.: "Gostaríamos de saber algo sobre a natureza das antigas fundações que foram encontradas sob o coro nas escavações de 1904, e também se se pode lançar alguma luz sobre os pilares subterrâneos, a sua data e finalidade?"

"… A janela era direita como a conhecíamos, mas foi um pouco alterada pelo Abade Beere quando construiu a capela. Tendes razão quanto às paredes finais. Johannes supervisionou a sua construção, pois demoraram cinco anos até construírem a última parte porque nada havia nos cofres – assim a igreja estava perfeita sem as partes novas.

O que foi que Beere fez? Vamos lembrar-nos. A velha igreja tinha uma capela a oriente semelhante à de Edgar e os cantos estavam cortados, quase de certeza. As fundações de que falais permanecem. Sabemos apenas o que ouvimos e aquilo que os que vieram depois fizeram, não sabemos, salvo que podemos perguntar.

Beere, Abade, já não está connosco. Tem uma tarefa a cumprir. Há outros que constroem na vossa Inglaterra e ele tem de os liderar como devem ser liderados. Os que construíram no nosso tempo e eram mestres, guiam-vos agora.
ROBERT. ANNO 1334. GLASTON."

NOTA SOBRE A SESSÃO XXIX.
A fusão de influências é novamente muito evidente, mas o pensamento dominante é o de um dos habitantes da grande Casa abacial. A assinatura "Robert" (ano 1334) não nos esclarece. Este foi o ano em que John de Breynton foi eleito Abade, em substituição de Adam de Sodbury, e foi uma época de grande atividade construtiva. Mas Robert fala, ou é feito falar, em nome daqueles de uma era quase duzentos anos posterior, e é curioso

encontrar uma voz do século XIV a recordar a “janela” tal como era então e a descrever as alterações feitas no início do século XVI.

E a referência à influência viva do Abade Beere é de particular interesse. Entre os melhores intérpretes modernos dos estilos góticos ingleses, o apelo ao passado e a influência do passado são elementos vitais na sua obra, e é precisamente na medida em que conseguem traduzir o espírito do passado que podem reclamar inspiração naquilo que procuram produzir.

Por vezes, um estudioso sincero consegue obter imagens mentais de tempos passados de clareza e fidelidade singulares, sem saber de onde vêm; apenas que se tornam espontaneamente visíveis quando se encontra num estado de passividade mental após esforço intelectual na direção desejada.

Talvez seja interessante citar aqui uma experiência que um velho amigo, W., agora reformado, mas que nos anos 80 do século passado realizou muitos trabalhos de restauro erudito no oeste do país, contou ao autor. W. era muito apreciador das formas do gótico inicial inglês e, se tinha um defeito, era o da sua época, quando os restauradores eram um pouco implacáveis, como hoje nos parece, ao substituir detalhes do século XV pelo “vernáculo” local do século XIII.

Certa vez, foi chamado a fazer uma “restauração” – que neste caso significava uma reconstrução parcial – de uma igreja arruinada numa vila igualmente decadente. A parede sul da nave, uma obra típica do chamado “Perpendicular”, teve de ser reconstruída e ele teve de criar uma nova arcada para o corredor anexo. Por qualquer razão, sentiu-se pouco inclinado a fazê-lo ao estilo do século XV, preferindo desenhar de novo ao gosto do século XIII. E para os seus pilares imaginou um tipo de capitel com moldura bastante complexa. Nada havia visível que o guiasse, mas pareceu-lhe adequado. Nem era um tipo local – pelo menos, essa era a impressão que o autor teve do desenho que W. lhe mostrou.

Os capitéis foram feitos segundo esse modelo, a parede antiga foi derrubada e, oculta no seu interior e incorporada na sua estrutura, foi encontrada uma cabeça de pilar com uma moldura idêntica nos detalhes. Eu próprio fiquei convencido de que ele nunca vira qualquer vestígio dessa obra antiga, e ele permite-me contar aqui esta história.

Quanto à história de Johannes, o monge errante e amante da natureza, assume a forma de uma interpretação do seu registo de memória por outro. Se estamos perante uma imagem imaginativa singularmente vívida ou diante da personalidade de um homem, ninguém pode realmente decidir. Mas exemplos posteriores esclarecerão o papel que desempenha no conjunto, sendo de grande interesse do ponto de vista psicológico.

SESSÃO XXIX — continuação. 20 de Abril de 1908.
“A cripta era apenas uma câmara sob as escadas e ficava na extremidade oeste da capela. Não era para sepultura e desapareceu há muito devido ao colapso do pavimento da capela.
Não era subterrânea e era baixa — um homem mal podia andar ali sem se curvar.”

As escavações começaram pouco depois do recebimento desta comunicação.

SESSÃO XXXII. 16 de Junho de 1908 (após a escavação n.º 4).
“Tudo está bem. Nós orientamos o vosso percurso e continuaremos a fazê-lo. Há algumas dificuldades e tereis de usar a vossa própria inteligência. Existem duas capelas e deveis tentar distinguir entre a antiga e a nova. O esquema do Abade Monington previa uma, e sob a igreja ainda restam vestígios mais antigos. O pilar de muitos eixos ficava no meio, entre o contraforte e a parede da capela, e a grande janela precisava do contraforte para a sustentar.

Procurem a parede do coro, onde estavam os arcos por trás do altar, e isso tornar-se-á claro. Escavem pelas sacristias na parede sul do coro — há ainda restos aí, e também existe uma capela votiva sob a janela junto à cruz.
Não julgueis a parede pelas suas fundações. Elas são robustas, mas — já vos dissemos — havia paredes finas por cima delas.

Procurem bem pela extremidade leste da Capela de Edgar. Está pouco danificada. Capelas de Santa Maria e de São André, sobre as extremidades dos corredores do coro.”

A única reminiscência de uma retro-capela encontra-se no plano da Abadia incluído no Somerset de Phelps, reproduzido por Warner. Phelps apresenta uma extensão a tracejado da parede leste do retrocoro, quase com a mesma projeção do plano de Willis, mas neste caso termina em semicírculo — característica impossível, exceto numa capela normanda, o que seria aqui improvável. Num canto do plano de Phelps aparece um diagrama semelhante, mas com a parte retangular muito mais alongada.

Ambos são assinalados com “F”, e a tabela refere “F” = Capela da Senhora. Warner copia este plano, chamando ao último “a Capela segundo as suas dimensões originais”. Nem F.B.B. nem J.A. tinham, então, visto a cópia de Warner do plano de Phelps, porque o exemplar acessível na Biblioteca Pública de Bristol estava incompleto.

Mas, devido à generalizada imprecisão do plano, às suas inúmeras incorreções e à absolutamente impossível sugestão de um ábside semicircular (em linha tracejada), assim como à indicação “Lady’s Chapel”, estes registos revelaram-se tudo menos esclarecedores, servindo apenas para sugerir que o coro original, mais curto, poderia muito bem ter tido uma Capela da Senhora, usada

em tempos remotos, antes de a capela ocidental de Santa Maria ter sido aberta e integrada no conjunto geral com a inclusão da “Galileia” — obra do século XIV. Essa Capela da Senhora terá acabado por perder grande parte do seu comprimento com a absorção pelo novo retrocoro, quando o Abade Monington fez alongar o coro em dois tramos (cerca de 12 metros) por volta de 1344.

Tal hipótese implica que, depois do prolongamento do retrocoro no século XIV, restaria na extremidade leste uma projeção relativamente curta — digamos de uns 4 metros — e raciocínio semelhante pode bem ter inspirado o esquema de Willis (ver o seu plano na Architectural History of Glastonbury Abbey), ainda que este tenha rejeitado corretamente o semicírculo como remate oriental.

P.: “Havia alguma cripta sob a Capela de Edgar? Quais eram as dimensões internas da própria capela?”

R.: “A cripta desabou, mas a argila não é a argila antiga. Limpe-se o centro e aí haverá muitos fragmentos. A largura que encontrarão é vinte e sete, e por fora, trinta e quatro, assim recordamos.

BEERE, Abbas.”

P.: “Qual era o comprimento interno da capela?”

R.: “Planeámos setenta e dois, mas construíram mais comprido, e quem nos seguiu fez novos esquemas para certo teto em ouro e carmesim, muito engenhoso. Tereis de usar os vossos talentos, para que não enfraqueçam. Peça a peça a reconstruireis e há, creio, material suficiente para vós. Escavem a leste além dos tufos de relva plumosa. Havia uma passagem até à porta leste na parede para a rua. No centro ainda existe. Houve uma hospedaria onde hoje está a grande casa, e gostávamos de passagens. Eram seguras e o sacerdócio gostava de lugares secretos. Há algo em nós que aprecia o misticismo, por isso não contamos tudo, mas deixamos àquele amor que busca e não se cansa.”

No momento em que este texto foi escrito, apenas a extremidade oeste da capela tinha sido escavada, pelo que o comprimento continuava em dúvida. Uma parede maciça de norte a sul tinha sido descoberta precisamente na posição apresentada como projeção no plano de Willis — cerca de 4 metros a leste das paredes do retrocoro — e, para além desta, as fundações começavam a um nível muito mais elevado, indicando uma extensão posterior feita por Bere a partir desse ponto.

Toda esta parede transversal deve ter sido obra de Bere, pois corria norte-sul por cerca de 10 metros, e mais além surgiam as projeções dos seus contrafortes. Quando as paredes de continuação da capela para leste foram reveladas, a largura entre os alicerces era cerca de 5,5 metros, e como cada parede tinha 2 metros de espessura, o total não chegava a 10 metros. Assim, a sugestão de uma largura interna de 27 pés para esta capela não é de todo

improvável se se medir até ao fundo dos vãos das janelas. Quanto ao comprimento dado (72 pés), já tinha sido falado num total de 90, pelo que os 72 devem referir-se à parte retangular da capela, mais o vestíbulo ou apenas a extensão oriental, qualquer um deles a dar esse valor aproximado.

Como depois se confirmou (ver o plano nos Anais da Sociedade Arqueológica de Somerset para 1908), a correspondência mostrou-se fiel. Medindo desde o interior da parede leste do retrocoro, abrangendo todo o espaço do vestíbulo da obra de Bere, até ao fim das suas paredes retangulares, o total aproxima-se de 22 metros — ou seja, 4 + 1,5 + 15 + 1,5 em medidas aproximadas.
Havia vários tufos de erva-das-pampas na encosta elevada, mas mais a leste do que o avanço então feito.

Outro fragmento de texto, infelizmente perdido, referia-se a um desses tufos do lado sul, estando imediatamente a oeste de um grande bloco de alvenaria. Isto estava correto. O grande bloco em questão é o que se ergue acima do resto, no ângulo sudeste da capela retangular. Mais uma vez, temos a curiosa e invulgar sugestão de uma porta leste na capela (compare-se o “Portus introitus post reredos”, etc.). Muito depois, quando as duas paredes inclinadas do ábside foram reveladas, foi notada uma abertura ao centro. O alicerce do lado norte desta abertura oriental estava cortado a direito, e manifestamente por intenção, sugerindo claramente uma porta ou arco nesse local.

Na “parede para a rua” talvez se encontre uma explicação para a continuação da parede angular a sul, que segue numa direção ainda não determinada em direção à parte superior da cidade, passando perto do edifício que antes ocupava o local da actual Abbey House.

“Usem os vossos talentos. Nós guiamos. Assim deve ser. Sem trabalho, sem recompensa. Tudo corre bem. Isto vos dizemos. Havia chumbo no telhado — não pedras, que vêm de edifícios mais vulgares de outros lugares. As telhas de pedra eram telhados altos, mas a capela era plana ou quase.
Como pensais que seria a extremidade leste para quem vinha pelo caminho verde na muralha?

... e podeis ver bem. Escavem mais fundo: é necessário. Não temam. Tudo ficará claro antes do anoitecer seguinte. Ainda há algo a leste e a sul a encontrar. Sois hábeis em encontrar as pedras que lá colocámos. Todas são da capela que notastes.
Benedicite.
WHYTTINGE, outrora Abade.”

Só alguns meses depois toda a capela retangular de Bere foi posta a descoberto. O talude aumentava de altura à medida que se avançava para leste. E quanto mais se avançava, mais pedra se encontrava no lado sul, até que finalmente, no canto sudeste, foi descoberta uma massa sólida de alvenaria que se elevava vários metros acima do nível geral. E, a sul dos dois

últimos contrafortes deste lado, foi posta a descoberto a vala ou matriz de um pequeno edifício adicional, uma capela votiva ou uma sacristia. Estas valas foram limpas e preenchidas com betão para preservar o registo das paredes perdidas, que de outro modo teriam desaparecido com o desmoronamento da terra solta e esfarelada.

SESSÃO XXXVI. 9 de Outubro de 1908.
“Deveis ver o nosso antigo solar de Sharpham. Há algo para vós lá. Procurem diligentemente, assim como nas paredes em redor.
A igreja que encontraram é a que Ina construiu e estava ligada à velha igreja por uma passagem de madeira e muitos degraus. Não tinha torre, mas braços curtos em cruz e os pilares eram grandes e redondos como vedes.” (Isto alude a uma escavação na nave.)

“O telhado era de madeira e era tosco e rude, nada semelhante à nossa igreja de Santa Maria.
Quem dera pudessem escavar ao redor do altar, pois aí encontrarão muito mármore negro ao estilo que chamam ‘decorado’.

Gostaríamos de vo-la mostrar — quadrada, com contrafortes também quadrados, com baldaquinos e imagens, altura de quarenta pés, quase nivelada no topo, como um biombo, e ao centro um belo baldaquino de pedra dourada, com largura de quatro pés e altura de quinze pés; e à frente uma imagem de Nossa Senhora com vestes de ouro e escarlate, segurando o Menino e um cetro de poder.

De cada lado, duas portas com degraus a descer para o caminho de procissões por detrás do altar. Não o consegues ver? Pedra negra e imagens, e dourados nos recantos sob os ornamentos. No lado sul, ao que julgamos, encontrarão a maioria das peças e até os túmulos de Artur e dos dois santos Edgar (sic), todos em pedra negra com muito dourado e as efígies do Rei e da Rainha com Leões em pedra negra — não, os Leões eram em pedra clara como as bases dos túmulos.”

"E a grande janela leste, em painéis como os lados do coro, e muito bela, com uma varanda. A varanda ficava por baixo da janela e daí partia o caminho para a parte de trás do altar, onde havia uma imagem de Santa Maria, de grande valor e muito antiga, que foi salva do incêndio há muito tempo.

Ego sum JOHANNES qui ex memoria rei dico—meminisco—dixi annorum 1492." (Sou Johannes, que falo da memória do assunto. O tempo a que me refiro seria 1492, segundo recordo.)

SESSÃO XXXVII. 30 de Novembro de 1908
“O fim da capela era em ângulo, os lados formando uma espécie de baía na parede leste. O último tramo a leste tinha um arco semelhante ao arco do santuário e com ornamento de plumas, como todos os outros arcos; e o espaço para além, na baía, era como três abóbadas em leque com finos pilares subindo pelos ângulos e alargando-se para o arco.

Nas três faces da parede leste havia três janelas, e tudo isto foi muito bem feito pelo Abade Whitting, que alongou um pouco a Capela de Edgar, até metade de um tramo... As abóbadas em leque construídas por Whitting são planas, e vereis como encaixavam.

A pequena capela votiva foi coberta por painéis por... Beere, e encontrastes as peças, finamente entalhadas e belas — quadrifólio com losangos, decorações de ambos os lados, e o tecto em forma chamada 'barril' — sem abóbadas em leque na capela votiva.”

Este texto foi obtido antes de terem sido encontradas as paredes angulares do ábside. A descrição, de modo geral, é bastante plausível, e há boas razões para pensar que o ábside teria sido acabado pelo último Abade (Whiting). Algumas pedras do trabalho de leque foram encontradas no final do ano. A “pequena capela votiva” parece referir-se aos alicerces salientes encontrados entre os dois últimos contrafortes do lado sul. Isto volta a comparar-se com a Capela de Nossa Senhora em Gloucester, onde tais adições se encontram a norte e sul do quarto tramo a partir do oeste.

P.: “De onde veio a nervura da abóbada que encontrámos?”
R.: “Ele entrou pelo corredor até à Capela de Edgar e a abóbada de molde semelhante acompanhava — a leste dos arcos por trás do altar.
Monington estava habituado ao que chamais 'decorado' e o tecto do coro não era do novo estilo — o 'perpendicular', mas sim do outro estilo, feito à maneira de Gloucester.”

SESSÃO XXXVIII. 2 de Dezembro de 1908

“Gulielmus monachus qui in area chori requiescet... Reginaldus. Ele não sabe o que fizeram mas diz que o antigo caminho da procissão dava a volta a três cantos e fizeram a nova janela depois do seu tempo, direita. Encontraram a velha parede antes de Monington. Penso, mas não sei.

Gulielmus, monge de São Bento, gostaria de falar, mas está há muito morto e não pode como desejaria. O de Monington, abade que... fez a extremidade leste bem quadrada, disso sei, e nela três arcos e um grande biombo... assim era no meu tempo, e quem veio depois alongou a janela e era muito fraca e tiveram de a reconstruir... Construiu paredes fortes sobre a pequena capela de Nossa Senhora que então existia, e nelas uma janela nova e de cada lado

colocou uma parede que continuava as paredes do coro, e pôs um arco e sob ele um túmulo de cada lado com o altar ao centro, e acima do arco, como que duas grandes janelas muito altas e estreitas que davam para a grande janela leste, e com ele fez uma grande e bela janela que iluminava todo o coro e o enchia de vidro transparente e brilhante de muitas cores."

SESSÃO XXXIX. 5 de Dezembro de 1908

"Johannes gostaria de falar. Há algo que já não está connosco. As velhas fundações foram deixadas e acrescentaram-lhe outras. As paredes em ângulo foram postas pelo Abade Beere quando construiu a capela e ampliou as janelas. Já vos falámos das janelas altas e do arco sob o qual estavam os túmulos de Edgar (sic), um de cada lado — o Velho e o Novo. O arco era lindamente entalhado e os painéis subiam até ao teto, e a abóbada sobre a janela leste era feita em leque: igualmente a parte oriental do coro era em leque, com um grande arco, tal como era feito, com painéis entre eles."

Durante o verão e o outono de 1908, o trabalho de escavação continuou de forma regular. Em Dezembro, praticamente toda a parte retangular da capela de Beere estava a descoberto, e comprovou-se que tinha quatro tramos, tal como indicado no texto. A escavação do vestíbulo confirmou inteiramente a opinião de Willis quanto às divisões do retrocoro e, curiosamente, justificou o seu plano quanto ao comprimento da projeção central, pois era perfeitamente claro, a partir do aspeto das duas paredes laterais (ou melhor, das suas fundações), que tinha existido ali uma projeção original com a mesma extensão que ele desenhara, e que Beere apenas continuou a partir desse ponto, começando a sua obra nova com uma parede transversal maciça a um nível diferente.

Os alicerces das paredes norte e sul da capela de Beere tinham cerca de 2 metros de largura e pouco mais de 5,5 metros de distância entre si. O trabalho Perpendicular, mais fino, acima das fundações, normalmente situava-se ligeiramente para além da margem exterior dos alicerces para permitir que os pilares salientes sustentassem as abóbadas do teto, o que justifica um cálculo de largura a rondar os 8 metros claros até ao fundo dos vãos das janelas.

Mas o comprimento total interno nas fundações, entre as paredes leste e oeste, media 15 metros, dimensão que por si só não justifica os 21 metros mencionados no texto, mesmo considerando que parte da largura na parede oeste e uma parte ainda maior na parede leste deveriam ser incluídas na área interior da capela. Talvez se pudessem permitir mais 2 metros para essas margens, fazendo um comprimento interno total para a capela retangular de 17 metros, ao qual teriam de se juntar mais 4,5 metros para perfazer os 21 metros indicados no texto.

Mas a capela retangular terminava a leste com um acabamento adequado e os dois contrafortes de retorno estavam bem marcados. Neste ponto, a escavação tinha sido muito profunda, pois o nível do terreno subia de oeste para leste, e estávamos então cerca de 3 metros abaixo do nível da relva. O extremo retangular foi desimpedido e diante de nós erguia-se uma face nua de argila sem sinal de qualquer continuação. Nada ainda tinha sido visto das “paredes em ângulo”, e o autor examinou muitas vezes a face da argila, tentando detetar qualquer sinal de perturbação ou de outra ligação de construção, e assim as coisas ficaram até ao final de Dezembro.

Entretanto, foi preparado um relatório para o volume anual dos Anais da Sociedade Arqueológica de Somerset, e como então F.B.B. estava plenamente convencido de que Hearne e Hollar tinham razão ao afirmar que o comprimento total da Abadia era de 580 pés, desenhou com confiança um plano da capela escavada com uma adição a tracejado, obtendo assim a dimensão requerida e mostrando um anexo poligonal ou ábside, o qual fez publicar nos Anais de 1908.

Durante as férias de Natal, F.B.B. voltou ao local e, num dia de sol, observou o talude de argila e, pela primeira vez, detetou uma pequena mancha quadrada de descoloração castanha clara na argila a um nível muito superior aos alicerces da capela. Mandou então cortar a face naquele ponto, quase em frente ao contraforte de retorno sul, e a cerca de 60 cm para dentro da face de argila surgiu o tronco de uma parede. Foi seguido o seu traçado e verificou-se que corria a nordeste num ângulo de 67 graus em relação ao eixo norte-sul da capela.

O terreno foi aberto na posição correspondente do lado norte, e aí foi encontrada uma vala bem escavada na argila e cheia de entulho de calcário do século XVI, fragmentos de telha e vidro, sobretudo de vidro pintado, na sua maioria de azul. A vala dos alicerces estava inclinada num ângulo semelhante, mas em vez de encontrar uma parede transversal a leste, terminava no ponto onde tal parede de retorno deveria existir, o que indicava que, com toda a probabilidade, o anexo tinha uma porta na parede leste, atrás do reredos, sugerindo o uso desta parte como relicário ou câmara de relíquias, o que recorda quase exatamente o plano da igreja (colegiada) de Westbury-on-Trym, que também possui um ábside semi-hexagonal.

Calculando que as faces interiores das três paredes deste anexo teriam sido projetadas para serem mais ou menos iguais em largura, por razões de simetria, traçou-se uma linha através do ábside no ponto adequado, colocou-se uma estaca e fez-se uma medição rigorosa, de ponta a ponta, de todo o conjunto de edifícios da Abadia — isto é, da face interior da Capela da Senhora ou Igreja de Santa Maria a oeste, até esse ponto, e a medida revelou-se exatamente 580 pés, como afirmado por Hearne e Hollar. O verdadeiro plano

da capela foi publicado nos Anais de 1909 e faz um interessante contraponto ao plano conjetural.

Dois anos depois, na coleção do Coronel Wm. Long, de Clevedon, apareceu um plano manuscrito do século XVIII das ruínas, até então desconhecido, e constatou-se que este apresentava as duas secções de paredes inclinadas do ábside da Capela de Edgar. Uma nota nesse plano dá as dimensões extremas da capela como 87 pés por 49 pés. Este último valor só seria correto se incluísse a pequena capela votiva saliente no lado sul. Não corresponderia à verdadeira medida exterior da capela propriamente dita, que noutro local é dada como 34 pés, valor que deve ser aproximadamente correto.

Oitenta e sete pés é, naturalmente, um valor bastante exato como medida interna de comprimento, e assim confirma o registo.

SESSÃO XXXIX — continuação.

"AWFWOLD, o Saxão, tentou, mas não conhece a língua. Ele tem algo dos tempos antigos que encontrastes a leste. Diz que tinha uma casa ou casas de entrançado de vimes e uma igreja dentro do forte, aquela mesma na qual entrámos quando construímos a nova capela de Edgar. Assim ele diz. E aquilo que está para lá da capela — não há ali uma câmara, a qual vereis quando tiverdes escavado bem fundo. E dele seguia um corredor até à casa junto ao portão que dava para Chalice. Já há muito que desapareceu, sabemos nós. Com ele — a câmara — a igreja tinha seiscentos e vinte e oito pés de comprimento no interior e mais dezasseis no exterior das paredes, assim recordamos."

O entrançado de vimes queimado foi encontrado a grande profundidade na argila, perto do canto sudeste da Capela de Edgar. Foi examinado, juntamente com outros vestígios, e relatado por Mr. St. George Gray nos Anais da Sociedade Arqueológica de Somerset para 1909. Não se fez qualquer tentativa de explorar o local para além do limite oriental da Capela. O terreno é muito profundo e há outras dificuldades. Como o comprimento interno comprovado da Abadia com a Capela é de 580 pés, esta medida de 628 pés implicaria outra grande adição e, na ausência de qualquer tipo de prova da sua probabilidade, é impossível atribuir-lhe qualquer valor.

"O túmulo de Artur, em pedra negra brilhante, ficava em frente ao altar. Ainda se pode ver o seu tamanho, se quiserdes, na argila, e certos fragmentos que ainda estão lá para quem os quiser procurar. Negro, escarlate e dourado era o coro, exceto onde pintavam as folhas de verde, e por vezes de castanho onde havia cachos. A janela era quase toda vidro claro, com cores ao centro, sob baldaquinos dourados nos topos dos painéis. Havia debaixo do altar uma câmara, à qual se entrava por trás, mas era baixa e pequena, e lá estavam

muitos sepultados. O caminho para procissões não era necessário, e por isso não iam atrás do altar onde estavam as capelas, nem atrás do grande biombo sob a janela leste. A igreja era tão grande que havia espaço suficiente nos corredores, e assim atravessavam à frente do altar, diante do túmulo de Artur."

P.: "Quanto a vestígios de uma sepultura por trás da parede do reredos. Pode dizer-nos algo sobre isso?"

R.: "Era mártir, esse era ele. Fizeram-lhe um túmulo de mártir. Não estava em caixão, pois eram só ossos trazidos pelos fiéis de Bath e Taunton, e trazidos em segredo. Foi colocado debaixo do altar, e aqueles que o derrubaram quando Isabel era Rainha tiraram-no de lá. Não sabiam quem era, o nosso Abade. Sabes... Aquele que voou no ar quando não quis. Whytinge. Eles não sabiam. Achávamos que o altar duraria para sempre."

P.: "Quem profanou a Abadia?"

R.: "O Lorde Somersete. Só se importava com o ouro — nem fé, nem bondade — Era protestante, um traidor. Era herege."

P.: "Há algum fundamento para as lendas de passagens secretas dentro e à volta da Abadia?"

R.: "Caminhos cobertos até ao canto do claustro junto à Casa do Prior. Já desabaram, sabemos nós, e também aquele que ia para o King's Gate, mas alguma coisa ainda resta. Alguma passagem na extremidade leste ainda haveis de encontrar. (Segue-se um esboço do plano.) O Kingswaye procurai junto à Casa do Portão — as caves que usávamos. Hão de encontrar a passagem. Deveis procurar o grande esgoto. Muitas coisas lá se encontram. Deveis procurar por isso.
JOHANNES et alii.
Permultae memoriae."

SESSÃO, 1 de Setembro de 1910
O texto começa com uma caligrafia apertada, muito fragmentada e confusa. É sobretudo em palavras latinas, e encontramos o nome de um tal João de Aller, do campo de Somerset ("in agros Somersetiae"), anteriormente lavrador, depois vigilante na Abadia. Mas não consegue dizer o que quer, e falta-lhe a força que deveria fazer regressar as suas memórias.

"Nescio quid sum," termina, "aut inde veni."
Depois a escrita recomeça assim:

"Ambrosius, o Cellarius, quer falar convosco. E não é erudito. Os tonéis da adega estavam cheios de bom vinho, mas as caves da Guest Hall estão ainda mais fundo.

O teto destas está ao nível do pavimento daquela. Mas creio que pouco deixaram.

A pequena cozinha do Abade ficava entre os dois salões, e o cozinheiro tinha o suficiente para alimentar uns de um lado e os hóspedes do outro. Por isso o Abade construiu a grande Cozinha diante da Casa, para os grandes banquetes em dias de festa. As velhas cozinhas e a horta da menta pouco eram usadas depois disso. A nova casa do Abade tinha cozinhas suficientes, e assim... Conheceis o pequeno claustro atrás do alojamento do Prior e do salão conventual, em frente às cavalariças dos cavalos? Ficavam perto da Guest Hall, ao lado da Casa do nosso Senhor Abade, e os homens dormiam por cima delas. Havia quatro cavalos, e espaço para os cavalos dos hóspedes nas mesmas cavalariças."

O texto refere-se aqui a uma zona ainda não escavada, da qual temos poucos registos documentais. A localização da Guest Hall pode ser inferida com razoável segurança para o local sugerido, a oeste do Refeitório. A afirmação sobre as cozinhas parece razoável. Neste ponto, a comunicação sob o nome de Ambrosius termina e nota-se uma caligrafia completamente diferente. O texto prossegue:

"Ricardus de Tanton, que fez os desenhos para o meu Abade Bere, quer contar-vos o que Ambrosius não pode."

Percebemos que o nível do solo foi rebaixado e quatro caves foram construídas para armazenar vinho para a Guest Hall por cima.

A seguir lemos:
"O grande Salão foi construído não há muito tempo, e deveis ir onde as cozinhas se juntavam ao Refeitório. Aufwold diz que o convento de Arimatéia ficava no seu canto sudoeste, construído há muito tempo, e havia como que um pequeno claustro entre o Salão e a capela onde Beere dizia missa. A cavalariça ficava em frente da nova casa do Abade, construída por Beere, e que estava à frente da Guest Hall, mas separada dela. A cripta sob o novo Salão era mais funda. O seu teto estava quase ao nível do pavimento da abóbada do Refeitório...

Sigam pela grande porta no canto do Claustro, do lado leste, desçam doze degraus e sigam pelo corredor. Depois sobem nove degraus no lado sul, e atravessam a horta da menta até ao Novo Salão, onde havia uma porta, e daí segue-se um corredor até ao lado oposto e depois até ao pequeno claustro, e além deste, o pequeno convento e a pequena capela construída há muito tempo.

Havia uma grande parede a leste de todos estes lugares, alta e forte, e por cima ficava o dormitório, e mais além, o parlamento por baixo e o scriptorium por cima; e assim até à parede do pequeno claustro, e depois de um espaço,

um pátio e a escola com a sua capela e edifícios em volta... para os rapazes, e também a sala de troca para o coro que cantava na igreja principal.
Os rapazes eram muitas vezes alegres e brincavam e gritavam, e o Abade dizia: ‘Não repreendas a juventude na brincadeira, mas guarda-os longe do claustro, para não incomodarem os meus devotos’ — e por isso a escola ficava longe do mesmo."

P.: "Qual era a Capela de São Dunstan?"

R.: "Aquela do lado norte da Grande Igreja, na extremidade, perto da nova capela que Bere construiu."

P.: "Qual era o comprimento exato da Igreja terminada?"

R.: "CCCXI em passos. CCCXI e capela nova. CCCXI em todo o comprimento."

P.: "Por favor, diga em pés."

R.: "Cerca de DCCXXXIII pés."

P.: "Havia algo a leste da Capela de Edgar?"

R.: "Sim, mas não igreja maior. No muro havia uma capela para os que vinham do outro lado da colina chamada Chalice — uma pequena capela, mas não era da grande igreja. Têm tudo.

Dissemos que ela (a igreja. — F.B.B.) tinha pouco mais de trezentos passos no caminho que passa pelo lado norte. Isto eu sei. A capela tinha noventa e um pés, pois fui eu que a desenhei.
RICARDUS Ta."

TABELA DAS PASSAGENS VERÍDICAS NO TEXTO AUTOMÁTICO, DEZASSEIS AO TODO, REFERENTES À CAPELA DE EDGAR E EXTREMIDADE LESTE DO CORO

I. QUANTO A UMA GRANDE CAPELA RECTANGULAR A LESTE DO RETROCORO

TEXTO.

7 de Novembro de 1907. Plano da Abadia, mostrando capela oblonga na extremidade leste, de grandes dimensões e exterior ao retrocoro, com largura sobrepondo-se a três das cinco capelas do mesmo.

O esboço indica uma largura entre 6 e 9 metros e um comprimento provavelmente superior a 21 metros.

DADOS EXISTENTES.

A *Architectural History* do Professor Willis apresenta o paralelo mais próximo, mas o seu plano é apenas uma extensão para leste da central das cinco pequenas capelas, e o comprimento total excederia as restantes em apenas cerca de 4 metros, e a largura seria pouco mais de 3,5 metros.

RESULTADO.

COMPROVADO PELA ESCAVAÇÃO COMO SUBSTANCIALMENTE CORRECTO PARA A PARTE MAIS ANTIGA OU RECTILÍNEA DA CAPELA.

As dimensões estão representadas no plano publicado nos *Proc. Som. Arch. Soc.* de 1908 e novamente em 1909.

II. SOBRE A DEDICAÇÃO DA CAPELA.

TEXTO

7 de Novembro de 1907. "Capella St. Edgar. Abbas Beere fecit hanc capellam Beat(i) Edgar(i).

"... et capella extensit 80 virgas ... et fecit altarium ... et tumbam ante altarium gloriosam aedificavit ad memoriam Sanct(i) Edgar(i)."

P. "*Que Abade fez isto?*"

R. "Ricardus Whitting."

DADOS EXISTENTES

Leland diz: "O Abade Beere construiu a Capela de Edgar na extremidade leste da Igreja. Mas o Abade Whitting realizou parte dela."

Willis considerava que a Capela de Edgar poderia ter estado neste local — ou seja, onde mostra a sua capela central projectada.

RESULTADO

POSTERIORMENTE CONFIRMADO COMO SENDO A CAPELA DE EDGAR POR UM PLANO DESCOBERTO EM 1910 NUMA COLECÇÃO PRIVADA. (Ver *Som. Arch. Soc. Proc.*, 1916-17.)

O COMPRIMENTO DE 30 JARDAS RESULTA DE UMA ADIÇÃO AO PLANO ORIGINAL.

III. SOBRE UMA PORTA NA EXTREMIDADE LESTE.

TEXTO

7 de Novembro de 1907. "Portus introitus post reredos, post altarium quinque passuum" (Porta de entrada cinco passos atrás do reredos).

16 de Junho de 1908. "Havia uma passagem até à porta leste no muro para a rua."

DADOS EXISTENTES

Não existe registo de tal característica, nem fundamento para supô-la. Portas orientais são muito invulgares.

Nada se sabe sobre porta ou muro para a rua nesta parte.

RESULTADO

COMPROVADO PELA LACUNA ENCONTRADA NOS ALICERCES NA EXTREMIDADE LESTE, ONDE AS DUAS FUNDAÇÕES DAS PAREDES ANGULARES DO ÁBSIDE NÃO SE JUNTAM. A PROFUNDIDADE DO ÁBSIDE É DE CERCA DE CINCO PASSOS.

O uso da palavra “portus”, significando “porta”, é confirmado neste sentido pela referência à “porta leste”. A parede angular sul do ábside continua, e talvez tenha servido de muro de vedação para um caminho, mas não foi possível seguir este traço. A vala ou fosso pensa-se que corria pelo lado sul do mesmo. A norte, o alicerce da parede angular termina antes do final, deixando uma abertura nas fundações a leste, como se para uma porta.

IV. SOBRE O COMPRIMENTO TOTAL DA CAPELA.

TEXTO

7 de Novembro de 1907. “Et capella extensit 30 virgas ad orientem” (E a capela estendia-se 30 jardas a leste).

DADOS EXISTENTES

O inventário elisabetano, numa lista de medidas da Igreja, diz: “*Chapter House, 90 feet.*”

RESULTADO

COMPROVADO POR MEDIÇÃO. A MEDIDA INTERIOR É DE 87 PÉS, E ISTO, ACRESCENTANDO 3 PÉS DE ESPESSURA DA PAREDE FINAL E DO RODAPÉ, DÁ AS 30 JARDAS PARA O COMPRIMENTO TOTAL DA CAPELA DE EDGAR.

V. SOBRE O VIDRO AZUL NAS JANELAS DA CAPELA.

TEXTO.

7 de Novembro de 1907. “Et vitrea azurea” (E vidro de janela azul).

DADOS EXISTENTES.

O azul não predomina no vidro do século XVI.

Os tons dominantes são o branco e o dourado, sendo o fundo muitas vezes quase totalmente branco. Os temas figuram em vidro de várias cores. Os azuis tendem para um cinzento metálico.

RESULTADO.

COMPROVADO PELA DESCOBERTA DE FRAGMENTOS, RELATIVAMENTE NUMEROSOS, DE VIDRO AZUL NAS VALAS. ESTE VIDRO PROVAVELMENTE FOI REUTILIZADO DAS JANELAS DA OBRA MAIS ANTIGA, ALTERADA OU REMOVIDA POR ABADES SUCESSIVOS, E PARECE SER DO SÉCULO XIII.

VI. SOBRE A ABÓBADA “EM LEQUE”.

TEXTO

7 de Novembro de 1907. “Abbas Beere ... fecit voltam petriam quod vocatur quadripartus, sed Abbas Whitting ... destruxit ... et restoravit eam cum nov ... multipart ... nescimus eam quod vocatur.

13 de Novembro de 1907. “Dissemos que a abóbada era multipartida, era abóbada ‘em leque’ de estilo antigo na extremidade leste do coro, e a nova abóbada na Capela de Edgar... leques de Gloucester.”

DADOS EXISTENTES

É plausível supor que uma capela desta natureza e época (Henrique VII a Henrique VIII) tivesse abóbada “em leque”, e pensava-se que o plano original do Abade Bere previa isto.

“Leques de estilo antigo” aplica-se aos construídos numa secção semi-hexagonal. O verdadeiro leque Tudor tem um movimento circular.

RESULTADO

A CAPELA DE EDGAR TINHA A FORMA MAIS TARDIA (MULTIPARTIDA) DE ABÓBADA EM LEQUE, COMO SE PROVOU PELA NATUREZA DOS FRAGMENTOS ENCONTRADOS. UM DOS PRINCIPAIS CÁLICES (BOSSES) SUBSISTE, E NO SEU VERSO TEM AS INSTRUÇÕES (EM LINHAS MARCADAS) PARA O CORRECTO ASSENTAMENTO DA PEÇA, MOSTRANDO DOZE NERVURAS, IMPLICANDO UMA ROSÁCEA DE TRAÇADO ENTRE OS LEQUES.

VII. SOBRE O TERMINAR POLIGONAL A LESTE.

TEXTO

19 de Novembro de 1907. “A direção das paredes ... era em ângulo.”

19 de Novembro de 1907. “Quarenta e dois pés era a altura da nova capela, e estava contrafortada com belos contrafortes e paredes oblíquas nos cantos.”

26 de Novembro de 1907. “Na extremidade leste. Procurem os pilares, e as paredes em ângulo.”

30 de Novembro de 1908. “O fim da capela era em ângulo, os lados formando como que uma baía na parede leste.”

DADOS EXISTENTES

Nada de existente de onde se pudesse inferir isto. O exemplo mais próximo de um extremo leste poligonal parece ser em Westbury-on-Trym, perto de Bristol, a menos que consideremos a Capela da Senhora de Wells como paralelo. Esta capela, no entanto, é na verdade um octógono alongado, com cobertura em cúpula. Foi erguida em 1326.

RESULTADO

CONFIRMADO PELA DESCOBERTA EM JANEIRO DE 1909, DEPOIS DE O PLANO EXPERIMENTAL DE UM ÁBSIDE ANGULAR TER ESTADO NO PRELO PARA PUBLICAÇÃO PELA SOCIEDADE ARQUEOLÓGICA DE SOMERSET; E APÓS PUBLICAÇÃO EFECTIVA NO NÚMERO DE NATAL DO *Treasury* DE 1908.

VIII. SOBRE A DIFERENÇA NAS FUNDAÇÕES.

19 de Fevereiro de 1908. “Paredes finas e fundações pobres na obra nova.”

Nada era conhecido.

PROVADO PELA ESCAVAÇÃO. AS PAREDES DE ALICERCE DO ÁBSIDE ERAM FINAS E POBRES, EM MARCADO CONTRASTE COM AS DA PARTE RECTANGULAR DA CAPELA, QUE ERAM EXCEPCIONALMENTE LARGAS.

IX. SOBRE UMA ANTIGA CAPELA DA SENHORA ANTES DO TEMPO DE MONINGTON, COM UM ÁBSIDE POLIGONAL.

TEXTO

20 de Abril de 1908. “A velha igreja tinha uma capela a oriente semelhante à de Edgar, e os cantos estavam cortados, provavelmente. As fundações de que falais permanecem.”

16 de Junho de 1908. “Há duas capelas, e deveis tentar distinguir antiga e nova. O plano do Abade Monington previa uma, e debaixo da igreja restam vestígios ainda mais antigos.”

DADOS EXISTENTES

Nada era conhecido, mas há uma possível inferência quanto à existência de uma Capela da Senhora para além do Coro original, antes de a Capela da Senhora do lado oeste ser incorporada.

Phelps preservou uma memória desta capela, e sugere um remate semicircular, que pode querer dizer poligonal. A projeção para além do retrocoro seria de cerca de 4 metros, segundo o seu diagrama.

Compare-se com a Capela da Senhora de Wells.

Nada era conhecido à época.

O plano de Phelps de uma Capela da Senhora, copiado por Warner, sugere dois estados diferentes deste edifício: o original estendendo-se sob o coro, e depois absorvido na nova obra de Monington.

RESULTADO.

EM JUNHO DE 1908, FORAM ENCONTRADOS VESTÍGIOS DE UMA PAREDE OBLIQUA (TRINCHEIRA DE FUNDAÇÃO) JUNTO AO INTERIOR DA PAREDE LESTE DO RETROCORO E UM POUCO A SUL DO CENTRO (registado num relatório do Rev. H. Barnwell, antigo Vigário de Glastonbury, escrito para F.B.B. pouco depois do início das escavações).

Cerca de 4 metros para além do retrocoro, os níveis do terreno e das fundações elevam-se consideravelmente. Neste ponto encontra-se a parede oeste da Capela de Edgar; e provavelmente este mesmo ponto assinala o limite extremo a leste da antiga Capela da Senhora.

A EXISTÊNCIA DE FUNDAÇÕES MAIS ANTIGAS SOB O PAVIMENTO DO CORO FOI POSTERIORMENTE COMPROVADA. ESTAVAM DEMASIADO REMOVIDAS E ALTERADAS PARA PERMITIR O ESTABELECIMENTO DA SUA FORMA ORIGINAL.

X. SOBRE A PEQUENA CRIPTA SOB AS ESCADAS.

TEXTO

20 de Abril de 1908. "A cripta era apenas uma câmara sob as escadas, e ficava na extremidade oeste da capela."

16 de Junho de 1908. "A cripta está desabada, mas a argila não é a antiga. Limpai o centro dela."

DADOS EXISTENTES

Nada se sabia então acerca de capela, cripta ou escada. A elevação do terreno a leste poderia sugerir um pavimento elevado para a capela exterior ao retrocoro. O plano da Abadia de Britton sugere que os dois pilares encontrados por volta de 1813, no local da capela do meio do retrocoro, seriam "provavelmente parte de uma cripta", mas nada se sabia que justificasse tal suposição, e os factos jogavam contra isso.

RESULTADO

A NECESSIDADE DE UMA ESCADARIA PARA A CAPELA DE BERE FOI PROVADA PELA DESCOBERTA POSTERIOR DO SEU NÍVEL SUPERIOR—PROVAVELMENTE CERCA DE DOIS METROS ACIMA DO RETROCORO. COMO O TERRENO SE ELEVA IMEDIATAMENTE A LESTE DA PAREDE

OESTE DA CAPELA, SEGUE-SE QUASE INEVITAVELMENTE QUE UMA CRIPTA FICARIA RESTRITA A UM PEQUENO ESPAÇO SOB O VESTÍBULO OU ESCADARIA DE ACESSO.

XI. SOBRE O DUPLO CORREDOR DE MÃO.

TEXTO

"E a escadaria era dividida ao meio por um grande corrimão de pedra", etc.

DADOS EXISTENTES

Nada era conhecido à época.

RESULTADO

UM CORRIMÃO DUPLO DE PEDRA FOI DETECTADO POSTERIORMENTE ENTRE OS DESTROÇOS PRÓXIMOS DAS PAREDES DO CORO DA ABADIA, NÃO LONGE DO LOCAL DA CAPELA.

XII. SOBRE A LARGURA DA CONSTRUÇÃO DE BERE.

TEXTO

16 de Junho de 1908. "A largura que haveis de encontrar é vinte e sete, e por fora trinta e quatro, assim nos lembramos.—BEERE, Abbas."

DADOS EXISTENTES

Nada era conhecido.

RESULTADO

A PAREDE OESTE DA CAPELA MEDE CERCA DE 31 PÉS E 6 POLEGADAS. 27 PÉS É UMA MEDIDA PROVÁVEL PARA A LARGURA INTERIOR DA CAPELA, CUJAS PAREDES, PROFUNDAMENTE RECUADAS PARA AS JANELAS, ASSENTARIAM BEM SOBRE A PARTE EXTERIOR DOS FUNDAMENTOS. ESTES TÊM 2 METROS DE LARGURA A NORTE E SUL. A MEDIDA EXTERIOR, OU 32 PÉS, NÃO INCLUI OS CONTRAFORTES.

XIII. SOBRE O COMPRIMENTO DA CONSTRUÇÃO DE BERE.

TEXTO

16 de Junho de 1908. "Planeámos setenta e dois, mas construíram mais comprido."

DADOS EXISTENTES

Nada se sabia ou estava registado. Nenhuma inferência era possível.

RESULTADO

COMPROVADO COMO UMA MEDIDA SUBSTANCIALMENTE CORRECTA PARA A SUPERESTRUTURA, COMO SE INFERIU PELOS FUNDAMENTOS. (Ver os planos nos *Som. Arch. Soc. Proc.* de 1908-9.)

pés pol.
Vestíbulo (aprox.) 12 0
Capela Retangular de Bere
(5 + 50 + 5) 60 0
---
72 0

XIV. SOBRE UM TECTO DE OURO E CARMESIM.

TEXTO

16 de Junho de 1908. "E quem veio depois fez novos esquemas para um certo teto em ouro e carmesim."

DADOS EXISTENTES

Nada era conhecido ou registado.

RESULTADO

COMPROVADO PELA DESCOBERTA POSTERIOR DE MOLDURAS DE ARCOS COM MEMBROS PINTADOS DE VERMELHO E PRETO, E CONSERVANDO TRAÇOS DE OURO.

XV. SOBRE UMA CAPELA DE QUATRO TRAMOS.

TEXTO

19 de Fevereiro de 1908. "E a câmara tinha setenta pés de comprimento, em quatro tramos."

DADOS EXISTENTES

Nada era conhecido e nenhuma inferência possível.

RESULTADO

A CAPELA RECTANGULAR PROVOU TER QUATRO TRAMOS. OS SETENTA PÉS INCLUEM O VESTÍBULO, MAS É UMA ESTIMATIVA ARREDONDADA, O COMPRIMENTO REAL SENDO CERCA DE 72. (Ver XIII acima.)

XVI. SOBRE O BIOMBO DO ALTAR E A ARCADA TRIPLA.

TEXTO

2 de Dezembro de 1908. "O caminho da procissão dava a volta a três cantos, e fizeram a nova janela depois do seu tempo direita. Encontraram a velha parede antes de Monington, penso eu, mas não sei.... Ele (Monington) fez a

extremidade leste toda quadrada, disso sei, e nela três arcos e um grande biombo."

DADOS EXISTENTES

Nada era conhecido na altura.

Em Wells há três arcos entre o coro e o retrocoro, por detrás do reredos, e uma disposição semelhante em Glastonbury seria fácil de inferir.

RESULTADO

A ESCAVAÇÃO PROVOU QUE ANTIGAMENTE HAVIA TRÊS ARCOS POR DETRÁS DO ALTAR, E HAVIA INDÍCIOS DE UMA PAREDE-BIOMBO ENTRE ELES.

ADITAMENTO À TABELA DAS PASSAGENS VERÍDICAS

TEXTO

2 de Dezembro de 1908. "Assim era no meu tempo, que quem veio depois alongou a janela, e estava muito fraca e reconstruíram-na. Construiu paredes fortes sobre a pequena capela de Nossa Senhora que então existia, e nelas uma nova janela, e de cada lado pôs uma parede que prolongava as paredes do coro, e colocou um arco e sob ele um túmulo de cada lado com o altar ao centro, e acima do arco, como era, duas grandes janelas muito altas e estreitas, que davam para a grande janela leste, e com ela fez uma grande e bela janela que iluminava todo o coro", etc.

DADOS EXISTENTES

A sugestão é que um dos Abades depois de Monington substituiu o seu remate leste quadrado e um final em baía por uma janela principal ladeada por duas janelas estreitas em ângulo. A grande janela leste de Gloucester é ligeiramente em baía e tem contrafortes para suporte a leste. Está registado que, no tempo de Bere, a grande janela leste estava “a ceder” e teve de receber reforço.

RESULTADO

NADA PODE SER PROVADO QUANTO A ALGUMA ALTERAÇÃO POSTERIOR DA JANELA LESTE, POIS TUDO ACIMA DO SOLO FOI ELIMINADO.

EXTRACTO DE UMA CARTA DE HON. EVERARD FEILDING, SECRETÁRIO DA SOCIEDADE PARA A PESQUISA PSÍQUICA, AO AUTOR, DATADA DE 15 DE MARÇO DE 1917

"Meu caro Bond,

"... Quanto ao seu registo dos textos, seria muito interessante se os publicasse. Não há dúvida de que os escritos sobre a Capela de Edgar precederam a descoberta dela por muitos meses. Eu estava presente, se bem se lembra, no que creio ter sido o início do recrudescimento do automatismo de ----, ... e isso foi antes de iniciar o seu trabalho em Glastonbury, e antes mesmo de ser nomeado para tal. Lembro-me de me contar, quando foi nomeado, como era interessante, pois poderia então testar algumas das afirmações feitas.

Não, não tenho qualquer dúvida quanto a esse ponto; lembrar-se-á de que a única dúvida que alguma vez exprimi foi sobre até que ponto algo de um dos livros sobre Glastonbury, que me mostrou mais tarde e que talvez sugerisse a possibilidade da localização da Capela de Edgar, poderia ter influenciado subconscientemente a mente de ----; já não recordo qual o livro, mas lembro-me de que não era aquele que na altura era tido como o mais autorizado."

DECLARAÇÃO ASSINADA DE J.A.

“Eu, o abaixo-assinado J---- A----, certifico que sou o J.A. referido no relato do Sr. Bligh Bond acerca dos escritos automáticos relativos à Abadia de Glastonbury e outros assuntos, e que a transcrição feita por ele da série de cerca de cinquenta comunicações datadas de 7 de Novembro de 1907 a 30 de Novembro de 1911, bem como alguns escritos suplementares produzidos em 1912 e posteriormente, me parece correta na medida em que foi possível decifrá-la por nós.

Afirmo ainda que os escritos foram produzidos através da minha mão, mas sem conhecimento da sua natureza ou propósito, e contêm conclusões às quais não poderia ter chegado normalmente e que, em muitos casos—como, por exemplo, no caso da Capela de Edgar—me pareceram na altura extremamente improváveis, sendo tidas como fantasiosas até que investigações posteriores esclareceram pontos então obscuros. Os meus conhecimentos e leituras limitavam-se a documentos acessíveis a todos os estudiosos da Abadia, e não dispunha de qualquer fonte de informação única.

Os escritos foram muitas vezes produzidos enquanto a minha atenção normal estava dedicada a outros assuntos, sendo regra a conversação casual nesses momentos. Eu segurava o lápis e o Sr. Bond pousava os seus dedos sobre o dorso da minha mão ou segurava-a levemente. Ele não a dirigia. Não havia nada no meu conhecimento ou experiência que, que eu saiba, pudesse sugerir os nomes de Bryant e outros que aparecem nos textos. Mesmo o significado possível de um nome como Manumetaxyl era-me desconhecido.[34]

[34] Isto refere-se a uma parte do texto ainda não publicada.

A seta indica a posição de uma suposta capela votiva a norte (ver texto).]

“Estou inclinado a concordar com o Sr. Bond na opinião de que a parte subconsciente da mente pode, no seu funcionamento, transcender as limitações do conhecimento individual, atuando telepaticamente através do contacto com um campo de memória mais amplo, ou sendo ela própria parte de uma unidade maior, de natureza mais abrangente em termos de tempo e espaço, condições que implicariam que o indivíduo possa ter poderes de expressão própria muito superiores aos normalmente disponíveis através do mecanismo cerebral controlado pela vontade e faculdades lógicas.

GLOUCESTER,

24 de Julho de 1917.”

PARTE II

A CRIANÇA DA NATUREZA

VERSOS SOBRE UMA IMAGEM DA GLASTONBURY RESTAURADA

A Razão míope ponderou longamente, sozinha;
A Experiência e a Dedução prestaram a sua ajuda;
Mediram bem e cuidadosamente cada pedra,
E calcularam onde cada arco era colocado;
Mas ainda assim, a visão esquiva do Passado
Evitava cada tentativa de a reter!

Então veio a Imaginação, Donzela Divina,
E imediatamente, despertando do seu lugar de repouso,
O Passado ergueu-se, até que linha sobre linha
A Abadia surgiu com toda a sua antiga graça.
Embevecidos, contemplaram aquela Casa de Oração,
Depois entraram silenciosamente, e aí prestaram culto.

Assim, nos lugares ermos e desolados,
Onde espíritos santos lutaram durante a noite,
Em épocas passadas, ainda podes encontrar o Portão
Do Céu aberto, deixando descer a luz;
Ainda podes encontrar nos altares de Yniswitrin, pálida,
A cintilante visão do Santo Graal.

JOHN ALLEYNE.

1917.

Reconstrução conjetural do interior (desenhada em 1908) vista do transepto norte, olhando para o Coro. N.B. – O arco em primeiro plano, comunicando com um suposto corredor ocidental, é uma licença artística. *Frontispício da Parte II.*]

A CRIANÇA DA NATUREZA

Johannes — quem é ele? A criança dos nossos sonhos? Ou um nome inscrito no grande rol dos que foram, e já não são?

Não se encontra qualquer conhecimento prévio de apelido ou circunstância, seja na história ou na ficção, como fonte da ideia subjacente a esta dramatização de uma personalidade em muitos aspetos tão simpática e tão fiel à natureza.

No entanto, vez após vez, ele fala, ou é-lhe dada voz, nos escritos, e a sua simplicidade de carácter mantém-se. E tornou-se para nós mais do que um nome, alguém investido de realidade, tal como se diz de um autor bem conhecido, que as suas personagens habitavam a sua consciência como pessoas vivas. E nunca sabíamos quando poderia ser esperado o seu advento, nem que espécie de mensagem teria para nós.

Frequentemente acontecia que, ao sentar-nos para escrever, alguma expectativa ou desejo era expresso para obter informações em certas linhas, mas o escrito contrariava essa expectativa, e ou nos dava algo novo e totalmente inesperado, ou então, como frequentemente sucedia, retomava o fio de uma comunicação anterior interrompida vários dias, ou mesmo meses antes.

"… Amava sempre os bosques e os lugares aprazíveis que ficam fora da nossa casa. Era bom, pois aprendeu no templo da natureza muito do que nunca ouviria no coro. O seu coração era do campo e ouvia-o chamar do lado de fora das muralhas, e o Abade fechava os olhos a isso, pois sabia bem que lhe fazia bem. Ia à pesca, ia Johannes, e demorava-se muitas vezes nos caminhos a ouvir os pássaros e a observar as sombras alongando-se por todos os bosques de Mere.

"Amava-os muito, e muitas vezes não trazia peixe, pois esquecera-se deles… mas não nos importávamos, pois vinha com conversa e agradável companhia, como cerveja tostada, e era bom.

"E porque era da natureza, a sua alma era pura e pertence à Companhia que observa e espera pela renovação das glórias."

Foi na quarta sessão que Johannes, em vez de ser o porta-voz, foi representado por outro.

“Gulielmus de Glaston há-de falar… falou do seu tempo, e Johannes quereria falar do seu tempo. O tempo mais antigo não lhe era conhecido. O meu castigo já passou, mas Johannes ainda está em sofrimento.”

SESSÃO XI. 4 de Janeiro de 1908.

Nesta sessão Johannes fala por outro, assim:

“… queria dizer, ‘Procurai o objetivo e persegui-o. Não andeis em círculos como alguns fazem. Muitos objetos distraem a mente. Procurai um objetivo e alcançareis tudo.

“JOHANNES DE GLASTON.”

Em resposta a uma pergunta sobre dois amigos:

“Sonhar. Para eles é sonhar, não trabalhar. Procurai visões. Sede constantes de espírito.

“Aquilo que vier, fazei-o. Não podemos dizer mais. A vós cabe escolher. Obra do espírito, não obra da terra. Sois ricos, mas não em bens. Trabalhai naquilo que surgir.”

SESSÃO XVIII. 18 de Fevereiro de 1908.

“Permanecei, e sede como cera nas nossas mãos. Escutai, e ouvireis. Eu, Johannes, assim o digo. Sede pacientes e maleáveis. Ouvi as nossas vozes no meio do coro. Ireis ouvi-las, e muito mais, mas perseverai: grandes coisas acontecerão antes de vos juntardes à Companhia. Ide e prosperai por nós e por vós. Esperamos onde queremos estar.

“JOHANNES.”

SESSÃO XXVI. 12 de Março de 1908.

Esta comunicação traz os nomes de outros além de Johannes, mas está incluída devido ao seu interesse.

“O relógio, ao olhardes para a parede, fica à direita, seis côvados ou mais acima do chão. A escada na torre direita levava do claustro até ele, para o dar corda todos os dias nas matinas.

“Eu, Galfrith, soube no meu tempo. Os que vinham falavam em latim, e nem todos conheciam a sabedoria escondida na língua britânica, nem tampouco no saxão. Alguns foram reescritos, mas os padres eram mais procurados do que os Bardos e muito era ouvir dizer.

“O que anseias, meu filho? A memória do homem é como a erva que murcha, e aqueles que queriam traduzir a palavra do bárbaro muitas vezes inseriam o que desejavam, mas não o fariam se pudessem (traduzir fielmente?). O significado oculto não sabiam, pois procuravam apenas a casca que o cobria e assim muito se perdeu para sempre. Os merlins falavam no que chamais de alegoria, mas a parábola era o que estes padres liam, não o mistério.

“Aqueles que vos querem contar a glória da nossa casa todos se esforçam juntos, Saxão, Normando e nativo, por isso qual quereis — a base normanda ou a Abadia posterior?

“Vedes a casa na sua condição inicial, e como uma renda a cair, os sonhos dos homens posteriores obscurecem-na. O primeiro sonho melhorou — estava completa, e a grande igreja como se encontrava quando Jocelyn chegou é o que desejais.

“Depois, quando estavam a construir em Wells, tínhamos inveja da nossa casa, e certos pedreiros, vindo de férias pela calçada que atravessava directamente o pântano, disseram-nos que a nossa casa era pequena de mais para a nossa comunidade, e o coro não era suficientemente longo para as nossas procissões e para os irmãos se sentarem durante o serviço da igreja — pois éramos trezentos e quarenta e sete.

E além disso a torre era demasiado baixa para a beleza. E Wells, sendo nova e bela com pedra esculpida, o nosso Abade foi levado a embelezar a nossa casa. Assim, aquele que estava em inimizade com Jocelyn fez-se amigo nesse dia, e o Bispo, com uma bela comitiva, veio num alazão branco e jantou connosco. E assim o nosso coro foi alongado e depois a torre foi embelezada com certo revestimento, apesar de os nossos cofres estarem muito necessitados porque o corpo da igreja tinha sido recentemente acabado com muito bela arte.

“A torre do sino, que ardeu e foi reconstruída, foi demolida porque ameaçava cair sobre o claustro, pois tinha afundado na base.”

Por estar longe de estar clara, foi pedida repetição das últimas frases.

“Não, meu filho. Não disse já? E quereis saber da torre do sino. Não existia. Disse que foi demolida e nunca mais ouvida. O frontão ficou acabado à semelhança de Wells, e o relógio e certos sinos lá penduravam.”

UM DOS DA COMPANHIA.

O *meu nome* JOHANNES GLASTON.

Ego Frater PETRUS LIGHTFOTE
(*qui horologium dedit et dedicavit*).

SESSÃO XXXVII. 23 de Setembro de 1908.

Sentámo-nos na grande galeria sob a janela ocidental e observámos os peregrinos quando o sol se punha. Era, de facto, um espetáculo grandioso, capaz de comover a alma de quem lá estivesse. O órgão que estava na galeria respondia àquele que tocava no grande ecrã, e os homens maravilhavam-se, sem saber qual respondia a qual.

Depois sopravam os foles e o homem que batia com as mãos sobre o teclado tocava ainda com mais força, e todos cantavam Te Deums, de tal maneira que toda a cidade ouvia o ruído dos cânticos, e os pequenos órgãos nas capelas juntavam-se ao triunfo. Depois os sinos tocavam e pensávamos que o som devia chegar até às portas do Céu. Mas agora já não sabemos, pois houve pecados, e as fraquezas e vaidades dos homens não convêm ao ouvido d'Aquele que habita nos céus.

(Aqui segue-se uma referência a um certo Radulphus, cuja história já fora anteriormente relatada.)

Continuaremos a procurar no grande exército das coisas passadas – são tão difíceis de encontrar.

SESSÃO XL. 15 de Outubro de 1909 (pouco depois da escavação do canto da abóbada sob o refeitório).

… Caiu pesadamente e ficou como morto, e o Rei ficou muito contente. “Vede,” disse ele, “como pesa a boa cerveja neste pobre folião.”

E o meu Abade impôs muitas e severas penitências, de modo que Johannes precisou de bebida e boa disposição para ajudar a sua fraqueza. “(Ó) pelo copo cheio,” disse ele, “… por uma boa bebida; há tanto de errado.”

E encontraram o lugar onde eu estava deitado, e até agora o cheiro de boa cerveja paira pelos pisos. Vou-me, que vos contei. Pequei!

“Bem,” diz o Padre Abade, “desonraste-nos diante do Rei, e ele não se lembrará de nós no dia da nossa adversidade.”

“Não,” diz Johannes, “mas o Rei, que era de mau humor, depois ficou bem disposto por causa do pobre Johannes e do barril de boa cerveja. Ai de mim! Que tanto da boa cerveja foi desperdiçada para o divertimento de um Rei!” Por isso rezaram-se mais Paternosters e houve muita penitência no claustro. Já vos disse. Que mais quereis?

O precedente foi muito difícil de decifrar, e o seu conteúdo tão diferente de tudo o que esperávamos, que praticamente nada se pôde fazer dele na altura. Por isso foi pedido novamente.

Já vos disse. Por que me perguntam mais? Aqueles que trouxeram o barril de cerveja içaram-no com uma corda, pois o Rei pediu mais cerveja tostada como a que costumávamos fazer na Abadia. A corda partiu-se, e o Rei ficou contente, e isto vos digo, contradiga quem quiser, não foi Johannes nem a cerveja que destruíram a nossa bela Abadia, mas sim o desejo do Rei e a pressa que (tinha pela posse) da nossa casa.

Por que disseram que eu, que tanto amava a minha Abadia, fui o responsável pela sua ruína? Fiz Paternosters por algo que não foi pecado meu. A corda partiu-se. Foi ele o culpado.

O Guesten Hall ficava em frente ao Hall dos Monges, e havia, como dizes, grandes divisórias entre as duas mesas, e o Abade tinha a sua mesa alta, e o Rei também tinha a sua, mas com uma divisória. O grupo do Rei fazia grande festa com os seus copos.

Quanto ao Hall? Belos tapetes e carvalho entalhado, e seis grandes janelas de lado, e uma grande janela no topo, e por baixo uma galeria onde cantavam homens para agradar à majestade do Rei, e músicos hábeis. O púlpito estava silencioso – não havia homilias, mas os irmãos ouviam canções de bravura e prazer em vez de Paternosters. Mas nessa poluição estava a morte da nossa casa, pois o Rei desejava as nossas comidas e vinhos e não se importava em salvar-nos do (destino que se aproximava); e aquele em quem confiávamos, o grande Cardeal, estava a cair, embora não o soubéssemos. “Espera,” disse o nosso Abade, “ele é nosso amigo e foi ele que me fez Abade. Convida-o para a nossa casa.”

Esta passagem também foi muito difícil de decifrar e, antes de se perceber o seu conteúdo, foi pedida novamente. J.A. não fazia ideia do seu conteúdo.

Eu disse que havia seis janelas no grande Hall, e uma grande no topo, onde cantavam homens. Disse que o Rei desejava a nossa Casa e cobiçava o nosso bom convívio, digno da majestade de um Rei. Isso foi a ruína da nossa casa, pois quem fez do nosso Abade um Abade estava a cair da grandeza e não nos podia ajudar – ele, o Cardeal de Ipswich.

Mas nunca foi Johannes nem a cerveja!

SESSÃO XLII. 18 de Abril de 1911.

As fundações da capela de St. Dunstan, na extremidade ocidental da Lady Chapel, tinham sido trazidas à luz, e eram claramente de data mista – a original provavelmente muito antiga.

Q. por F.B.B. “Quem construiu a Capela de St. Dunstan?”

Edgarus construiu há muito tempo. Radulphus restaurou esta obra. Depois dele o fogo queimou-a. Depois foi uma capela no muro.

(Diz-se que não tínhamos os seus ossos, mas mentem, pois tínhamos os ossos da perna dele, e alguns ossos pequenos que levaram para Cantuária, e Johannes sabe-o de tempos antigos. Abriram o túmulo e trouxeram-nos de volta. O que querem dizer aqueles que afirmam que não os tínhamos? Todos sabiam disso, e os peregrinos vinham de Cantuária pelo antigo caminho de cavalos para os venerar.)

O telhado caído! O porteiro morava lá, e já não era capela – vae mihi! Foi-se! O Rei mandou! Porque todos nós, que devíamos obedecer, éramos mansos. E assim não foi.

JOHANNES DE GLASTON

SESSÃO XLIX. 29 de Julho de 1911.

Este pequeno fragmento surgiu espontaneamente e sem qualquer introdução.

À noite, o som de muitas águas refrescava o solo seco. Da torre e dos telhados altos o som vinha como o som de cheias, e as gárgulas gritavam umas para as outras, e os claustros sussurravam conforto e frescura enquanto nós estávamos deitados sob o telhado do dormitório em noites secas e quentes.

Eu, que falo, recordo ainda agora a glória do som, e sempre amei as águas e o lago, e as vozes que sussurravam à minha volta. Por isso ia pescar ao lago, e as glórias da natureza eram ainda mais gloriosas do que os Te Deums no coro. Por isso amava a chuva sobre os nossos cem telhados, e as miríades de vozes que vinham das gárgulas.

Dormia no lado sul, junto ao grande topo, e assim ouvia o som enquanto os outros dormiam. Vai mihi, que tudo isso se foi! e as vozes já não se ouvem.

SESSÃO L. 30 de Julho de 1911.

Embora nenhum de nós o soubesse, esta sessão estava destinada a ser a última da série. Exceto em poucas ocasiões em 1912, revelou-se impossível continuar estas experiências. Mas a Sessão XLIX termina com uma mensagem de despedida, e assim também termina a última da série. E, de certo modo, o conteúdo da escrita é uma espécie de revisão do papel desempenhado por Johannes, e oferece uma explicação das influências relacionadas, cheia de sugestões interessantes.

Simples ele era, mas como um cão ama o seu dono, assim amava ele a sua Casa com um amor maior do que qualquer um dos que a planearam e

construíram. Eles eram da terra – planeadores e construtores para a sua grande glória, e nunca, embora homens honestos, para a glória de Deus. Mas Johannes, maravilhado e confundido com a sua beleza, deu-lhe o seu coração, como se dá o coração a uma amada; e assim, ficando preso à terra por esse amor, o seu espírito ainda se agarra em sonhos à visão desaparecida que os seus olhos de espírito ainda veem.

Tal como outrora vagueava junto ao lago e via o pôr-do-sol a brilhar nas suas torres distantes, agora, em sonhos, a parte terrena dele esforça-se por imaginar as glórias desaparecidas, e, guiado pela construção do amor, sabe que vós também amais aquilo que ele amou, e por isso esforça-se por vos dar vislumbres dos seus sonhos.

Simples filho da Natureza—amando-a, não sabia porquê; mas amando-a ainda mais profundamente por não saber porquê a amava. Não foi feito para ser sacerdote do coro, e isso por vezes atormentava-o demasiado. Filho da Natureza! Amava a liberdade, e era mais feliz no pomar e junto ao lago do que a cumprir os rituais do coro.

Os homens amavam-no pelo seu amor, mas muitas vezes o Prior não o compreendia, e confundindo a aparência exterior, na qual ele falhava, com falta daquele culto interior que não conseguiam sentir, faziam-no cumprir penitências para as quais as costas deles estariam melhor preparadas. Assim, deveis saber quem verdadeiramente o compreenderia e leria o seu verdadeiro sentido.

Ele desejava contar-vos o que via, mas como poderia descrever? Era belo, e a sua alma rejubilava, como gostaria que vós também vos regozijásseis, mas não conseguia explicar-vos porquê. Era bom. Era agradável à vista, e, através do olhar, a sua alma elevava-se, numa época em que as almas rastejavam.

Era lindo, e ele sabia-o, mas quando lhe perguntavam: “Como era?” não vos podia dizer. Era celeste—assim como o pôr-do-sol—e as sombras no lago—mas não as podia pintar nem reproduzi-las para vós.

Os outros, os grandes e simples, já partiram para outros campos, e não se lembram, salvo quando o amor de Johannes obriga as suas mentes a alguma memória antes esquecida.

Então, através da sua alma, falam tenuemente, e Johannes, que não compreende, é o elo que vos liga a eles.

Aprendei e compreendei.

NÓS QUE SOMOS OS VIGILANTES.

Adeus.

SESSÃO LI. (Primeira da nova série.) 26 de Janeiro de 1912.

Sem perguntas prévias.

HÆREWITH o Dinamarquês aprendeu a sabedoria maior. Há muitos deuses, mas apesar de muitos nomes, os princípios são apenas dois—Bem e Mal, Amor e Ódio. Assim, quando matou os Saxões, não sabia que seguia o Mal, mas, arrependido há muito, abraçou o Amor, que é o Bem, e a sua tarefa tornou-se fácil. Assim, faz parte da irmandade, trabalhando de coração alegre para expiar para sempre o mal que outrora fez, e, portanto, em constante labor, encontra a alegria no Céu.

"Purgatório", diriam alguns dos irmãos, mas o Purgatório é Paraíso, se a intenção for perfeita e o sofrimento não tiver tibieza. Durante algum tempo há alegria no pecado, mas só até chegar o dia. Corre a corrida com todo o coração, não como os mornos. A felicidade está nos extremos, mas a única alegria que dura para sempre e cresce para sempre é a alegria de lutar pelo Bem.

Assim foi a influência benéfica de Glastonbury.

Hærewith o Dinamarquês falou—em tempos guerreiro, agora sempre lutando pelo bem. Não desanimeis; esforçai-vos ao máximo—é aí que reside a felicidade. O trabalho, e mesmo o sofrimento, fazem o Paraíso, não o Purgatório. Assim falei.

(*A influência muda.*)

Aparece Johannes, fraco pelo passar dos tempos. Que quereis? Encontrastes a nossa Igreja, e os lugares sagrados onde os meus pés indignos pisaram, e o Hall onde alguns falavam de Glaston e outros comiam para se fortalecerem para as ordens de Deus. E encontrastes a pequena capela onde repousaram os nossos mais santos. Chega, que pensais?

O muro com a poterna, e o pátio em frente ao cemitério e a antecâmara aproxima-se, e além dela a Grande Câmara onde o povo se reunia nas festas. Depois vinha a grande Cozinha e, em frente dela, a sala do poço no pátio, que já lá não está, mas o poço ainda lá está, embora cheio. Certos homens rudes desceram nele para procurar o Tesouro, mas não o encontraram, ainda que tirassem a água quase vinte côvados. Depois entulharam as paredes e encheram-no porque Johannes Parsons, o vaqueiro, caiu e foi morto, e então disseram: "O espírito do nosso Abade anda por aí e vingou-se".

Depois vem o grande Portão do Rei, para o pátio interior onde não havia árvores, apenas uma grande passagem empedrada.

E tinha um teto alto, quase quarenta pés, abobadado, e acima dele uma câmara, e a porta de lado levava a aposentos para os leigos. E assim até ao pátio da Cozinha, mas o esmoler John Bryan vivia sobre o grande portão e um

porteiro vivia a seu serviço no lado sul. Havia também uma torre e um grande sino que era tocado para as refeições na Câmara do Rei. Mas tudo isso se foi há muito tempo—heu mihi!

NÃO FUI EU, Deus o sabe, não eu! Porque me agarro ao que já não existe? Sou eu, e não sou eu, mas parte de mim que habita no passado e está preso ao que a minha alma carnal amou e chamou de “lar” durante tantos anos. No entanto, eu, Johannes, sou de muitas partes, e a melhor parte faz outras coisas—Laus, Laus Deo!—apenas a parte que recorda se agarra, como memória, ao que ainda vê.

SESSÃO LIV. 17 de Agosto de 1912.

Johannes agora muito distante: longe, porque a força é fraca: assim também pode estar dentro de vós e, contudo, distante, pois a força é como a distância; uma muda como a outra. Muito gostaríamos de dizer, mas a fraqueza aqui é força reunida para outros deveres. Tudo, ele não pode fazer. Que quereis?... As pedras escritas na sua memória como ele as conheceu? O que é real e o que está no seu sonho, ele não sabe... Cessa... e, contudo, permanece nele sempre igual. O que vos quereria dizer?—não pode ler os vossos desejos.

(Uma possível fonte de erro nas comunicações, que por vezes podem descrever como ainda existentes coisas que, talvez, já tenham sido destruídas por vândalos modernos.)

Cavastes—o que cavastes junto à torre da escada para os alojamentos dos leigos, onde há pouco se punham os doentes? Do corredor e escada que leva do Claustro ao velho cemitério aberto a ele, havia uma porta no corredor e uma escada quadrada. Dava acesso à casa dos leigos. No rés-do-chão ficava a sala de convívio dos leigos e acima dela o dormitório e um pequeno quarto acima, com portas da escada para cada um e no lado sul uma porta para baixo até ao Refetório misericórdia, e uma para a galeria sob a janela que olha para o ocidente, e o pátio de pedra e o Guesten Hall. Assim era. E o corredor do nosso Senhor Abade abria da parede para o pátio, a partir do passeio coberto do Abade abobadado em pedra.

SESSÃO LXI. 9 de Dezembro de 1912.

Em resposta a uma pergunta:

Já vos disse. Dormi debaixo do telhado onde repousavam aqueles que eram corpulentos e pesados. Assim foi ordenado que fizéssemos.

Por isso, recordo essas escadas pela minha gordura. Mas não me serviram de nada, embora o meu pai Prior mo recomendasse muitas vezes. Ai! Engordei ainda mais.

Não que o meu ventre fosse o meu deus. Não o sei! Mas era alegre e não me preocupava, salvo com os serviços na igreja, pois preferia os caminhos e os bosques onde muito andava—com cansaço devido ao meu peso.

E disse eu: "É vontade do Senhor. Uns são feitos gordos, outros magros"; e isto dizia aos que troçavam, que as portas do Céu são feitas bem largas para todo o tipo de gente, para que nenhum criado fique preso à entrada. Disse-o, pois irritavam-me com as suas piadas.

Gostaria de me recordar de muitas coisas. Lembro-me de metade delas—mas apenas das pequenas coisas. As grandes (ficam presas), tal como eu próprio fiquei preso no portal por causa da sua artimanha, e Johannes, como outrora, não as consegue erguer e jaz sob o seu peso. Gostaria de explicar, mas preciso de ganhar força…

Sempre fui assim: de coração alegre, quando quase a desfazer-me em lágrimas. Assim fui feito. Não era culpa minha. Leve de pensamento, exceto os pensamentos que não podia exprimir; e as piadas ligeiras voltam-me à mente. Alma alegre! Se ao menos tivesse voltado a minha alma para as coisas grandes, não seria agora uma criança entre brinquedos. Mas nunca fui feito para ser monge. Colocaram-me aqui no coro, quando eu preferiria ter empunhado a espada…

EXCERTO DE UM TEXTO OBTIDO A 15 DE SETEMBRO DE 1912.

Mas um espera, mesmo Johannes, cujo corpo, espalhado aos ventos do Céu, esteve em tempos sepultado no cemitério dos monges, junto ao lado oriental da Capela de S. Miguel, no meio do cemitério. Que importa? Vive ainda na Memória universal, e fala e atua através de todos os canais em que a Vida Universal flui.

No entanto, quando é ele mesmo, fala bem, como costumava nos tempos rudes que são como ontem.

Nestes breves mas plenos excertos, a filosofia do autor atinge o seu ponto focal. Humilhando a arrogância da mente individual, pois nega que o simples mecanismo do cérebro humano possa alguma vez *originar* uma ideia, eleva ainda assim o pequeno eu limitado à consciência de uma possibilidade, terrível e bela, de contacto com algo maior do que si próprio, e ainda assim afim; e à dignidade de uma comunhão mística onde acaba o isolamento, e Passado e Presente são vistos como partes de um todo vivo; pontos na circunferência de um círculo cujo raio é a Vida para além destas limitações. Podemos afinar o

nosso pequeno mecanismo para responder às necessidades, prazeres e interesses do nosso breve percurso; ou, desprezando estas coisas, podemos harmonizá-lo com o pensamento que se reflete na grande amplitude do círculo da Memória, registado ali pelas vidas daqueles de tempos longínquos.

Então esses registos viverão novamente para nós, e através dos portões da nossa alma jorrarão, da fonte viva da Ideia, as suas recordações ordenadas. Não pelo nosso próprio poder, mas através do Portão invisível da mente subconsciente, essas memórias ligar-se-ão às nossas—não pela evocação do "espírito" de Johannes, mas pelo poder do Espírito Universal, cuja vida permeia todas as regiões do Tempo, e em Quem nós e Johannes, e todos os que partilham mentalmente os seus pensamentos, somos um só.

A GÁRGULA

Em meados de Junho de 1908, enquanto os trabalhos de escavação ainda estavam na fase preliminar, J.A. e F.B.B. encontravam-se ambos em Glastonbury. Na extremidade ocidental da pequena cidade, numa bifurcação da estrada, ergue-se a menor das duas igrejas medievais sobreviventes, conhecida localmente por St. Benedict's, mas que na realidade é dedicada a Benignus, companheiro de S. Patrício quando veio para Glastonbury no século V. Esta igreja foi erguida sobre o local de uma capela muito mais antiga, pelo Abade Richard Bere, cujas armas e iniciais aparecem sobre o pórtico norte.

Possui uma bela torre ocidental do tipo típico de Somerset, e na cornija do campanário existem várias gárgulas esculpidas, ocupando a posição mais proeminente, no centro do lado oeste, uma escultura que, quando vista do oeste, à aproximação da cidade, tem a aparência de uma cabeça de Abade bem executada, com uma alta mitra adornada e lacinhos. O rosto é marcante, cheio de carácter, bastante longo, com sobrancelhas retas e expressão austera.

Pela estreiteza da estrada, só se consegue ver a escultura de lado erguendo a cabeça num ângulo algo desconfortável; provavelmente por essa razão o facto extraordinário escapou completamente à atenção: que não era de todo uma cabeça humana, mas sim um estranho animal grotesco, com pescoço estendido, agachado contra a parede de uma forma peculiar das gárgulas, e com as costas arqueadas como um gato em luta, adornadas com vértebras salientes. Foi J.A. quem primeiro notou isto e chamou a atenção de F.B.B. Ambos ficaram naturalmente muito interessados, embora o principal objetivo na altura fosse a escavação na Abadia, sendo isto apenas um detalhe secundário. Pouco depois realizou-se uma sessão, de que se regista o seguinte:

SESSÃO XXXII. 16 de Junho de 1908.

Pergunta de F.B.B.: “Em relação ao ornamento esculpido na torre de St. Benedict, que de diferentes ângulos parece ser a cabeça de um Abade e também um animal grotesco: foi intencionalmente uma brincadeira?”

Resposta: Não sabemos as piadas daqueles que trabalharam para nós e que por vezes eram rudes com os poderosos. Construímos Benedicts. Não sabemos o que fizeram, desde que a igreja fosse bela e sólida para o povo. Os grandes mestres de obras e os pedreiros de reputação não faziam tais brincadeiras na nossa igreja da Abadia, bem sabemos.

[Ilustração: “REBUS[37] MEA.”]

[37] Ou seja, o “rebus” do Abade (F.B.B.). Um rebus é o equivalente enigmático de um nome. Muitos são conhecidos por terem sido adoptados por Bispos e outros eclesiásticos notáveis. No caso de Bere, o significado é óbvio. Onde um nome terminava em “ton”, como Morton, Pereton, etc., um “tun”, ou barril, era usado para completar o rebus.

SESSÃO XXXIII. 17 de Junho de 1908.

Eu, Johannes Lory, Mestre pedreiro da Guilda de St. Andrew, ao esculpir a gárgula de St. Benedick, desci da minha escada e fui dar um passeio, pois estava frio e era Outubro. Ao voltar, vi que o meu trabalho se parecia com o nosso Abade, e então esculpi de novo e fiz como devia ser. Na verdade, era o nosso Abade, e assim diziam todos os que viam. Não era minha intenção, mas assim ficou, e creio que o nosso bom mestre, o Abade, não sabia. De verdade, era muito parecido, e assim ficou.

Vê-o de manhã, quando o sol não brilha; verás mais claramente. Não foi por desdém, Deus o sabe.

TEXTO OBTIDO EM OXFORD. F.B.B. E J.A. (Presentes, B. Blackwell e Miss D. Sayers.) 25 de Agosto de 1917.

Sem perguntas prévias. Após uma breve passagem em latim, que não se conseguiu decifrar:

Wolsey, o Cardeal, hospedando-me com o Rei, nomeou-me Abade, velho que eu era.

Aqui estava o Hall que ele construiu nesta cidade no Chancellorium.

Já disse que vim a Oxford, e Wolsey, o Cardeal, fez-me Lord Abade no Hall que ele tinha construído. Eu era velho e débil, e não vim no meu alazão, mas trouxeram-me numa liteira, e assim, eu, o velho, tornei-me Abade já na velhice.

Quem me dera que não tivesse sido assim; então teria morrido de outra maneira.

Conheces o Hall que ele construiu? Era onde agora estás.

Não vim no alazão. Na Abadia de Westminster estive muito tempo, pois estava doente. E com o Cardeal vim para Oxford, e ele fez-me Abade, eu não querendo. Dormi em Westminster. Lá vi o Rei e quis saber porque me queria por amigo, sendo eu Tesoureiro da minha Abadia. E assim foi.

No dia anterior a esta sessão (sexta-feira, 24 de Agosto), estive na Bodleian durante a manhã, e consultei o *Monasticon* de Dugdale, de onde tirei o seguinte excerto: "À morte de Beere, 47 monges delegaram a eleição do seu Abade ao Cardeal Wolsey, que declarou Richard Whiting, então Chanceler da Casa, seu Abade." Não mostrei isto a J.A., nem houve qualquer referência a Whiting na nossa conversa. A referência a este episódio no texto obtido no dia seguinte parece assim envolver um elemento de pura telepatia mental, de natureza completamente subconsciente, já que o assunto não me ocupava o pensamento durante a sessão.—F.B.B.

SESSÃO XVA. 1 de Fevereiro de 1908

Este registo não foi incluído na série geral, pois o tema revelou-se totalmente alheio a tudo o que até então tinha surgido, ou fazia referência a Glastonbury. É apresentado como exemplo das "intrusões" que, de tempos a tempos, interrompiam a continuidade do tema principal dos escritos.

Primeiro, desenhou-se uma espiral, seguida de algumas letras ou caracteres impossíveis de decifrar. Depois, um losango ou retângulo; em seguida, um oblong maior encimado por um semicírculo, como se indicasse um edifício com cúpula, uma linha inclinada a partir deste; e finalmente, uma cruz. Então, o seguinte:

"IBERICUS, que vagueou até aqui trazendo estranhos dons e tesouros. Vigiai, pois é do desejo que nasce a criação, e do mito surgirá a verdade sólida. Mistério de Fé e da Matéria! De um pensamento foram criadas todas as coisas, e de um pensamento as coisas antigas renovarão a sua existência.

UM DOS CONTROLADORES

DAS COISAS QUE SÃO.

UM PENSAMENTO EM EXISTÊNCIA."

Depois seguiram-se mais rabiscos vagos, e várias linhas de texto completamente indecifrável, sendo as únicas duas palavras legíveis

CONSTANTINUS e JUSTINIAN. A escrita torna-se mais clara para o final da página, prosseguindo assim:

"…que seguiu as quilhas fenícias até às distantes Ilhas do Mar, cujo tesouro era grande; que Phaedrus levou no seu navio para procurar segurança e mercadorias ao mesmo tempo. Phaedrus obteve muito estanho e deixou-o nestas costas, um Príncipe entre eles, casando com Yseuguilt, a sua Princesa, e eles tornaram-se os antepassados de uma linha real. (Dos) países dos Iberos e Kymris, sentaram-se nos tronos, e deram ao mundo o Nome que vive em todas as nações.

Quem sou eu? Um que conviveu com eles desde Cafarnaum através das Ilhas da Grécia e além dos estreitos que Pharos iluminava até aos mares tempestuosos e rochedos negros onde se encontram os metais.

A norte, o assentamento Tintagella; a sul, as fozes dos rios, e para o interior até às florestas e pântanos onde nasce o sol. Ali construiu ele um Templo como outrora em Judá, e ali reinou. Assim fui eu, ó homem! o meu nome, Phocis, o Marinheiro."

Ao traçar no mapa da Cornualha o percurso indicado no texto, a partir da costa entre Tintagel e Padstow para leste, o meu dedo pousou numa aldeia na orla do charnecal de Bodmin, marcada como "Temple". Nem eu nem J.A. tínhamos consciência da existência deste topónimo, nem nos recordávamos de alguma vez nos termos deparado com ele.

Quanto à identidade do viajante real, o texto não fornece uma afirmação definitiva. Se o nome lá está, teme-se que seja irrecuperável devido à extrema obscuridade da escrita na parte indecifrada. Veio de Cafarnaum, e veio—ou seria Phaedrus?—à procura de segurança e mercadorias ao mesmo tempo. Poderemos identificar a sua Princesa? Yseuguilt, ou Yseult, será talvez uma entre muitas, mas pode ser que ainda exista algum registo de uma Yseult da Cornualha que tenha casado com um príncipe ou mercador oriental. E o que dirão os antiquários sobre Temple? De onde terá esta pequena localidade recebido tal nome interessante? Seria apenas de uma casa da fraternidade dos Templários, ou de uma tradição muito mais antiga e já semi-mítica, perdida nas brumas da Antiguidade?

Num texto datado de 24 de Abril de 1918, ocorre a seguinte passagem:

"O fluxo das forças espirituais é para oeste, seguindo e impelindo as forças das coisas materiais. Por uma lei de revolução reforçada de todos os pontos do universo espiritual, este movimento é universal. Sendo assim, as coisas materiais aparecem primeiro, atuando por um motivo muitas vezes mundano e, do vosso ponto de vista, pouco espiritual. Assim, aqueles cuja morada era em Creta, revisitavam as memórias e tradições de outros da mesma raça e civilização que há muito haviam sido impelidos para oeste, para além dos

grandes continentes da América até às costas da Ásia, e daí em diante pelos desertos da Ásia até ao grande vale mediterrânico, continuavam ainda a rota interminável sempre para oeste, para além das Portas de Hércules, até às ilhas onde há metais extraídos pelo fogo: assim, por influências mundanas, houve grande imigração pela necessidade de metais para o embelezamento dos templos, o endurecimento do bronze para fins bélicos e, em suma, para as muitas necessidades do desenvolvimento da civilização e conhecimento do homem.

Mas logo as forças espirituais que desenvolveram e sustentaram essa imigração tinham fins mais profundos em vista. Seguiram-na e transformaram-na removendo as influências mundanas, e um grande desenvolvimento espiritual surgiu nos lugares em que os seus instrumentos haviam preparado o terreno. Phocis, da raça de Creta, negociando com Poseidon e procurando púrpura de Tiro, assim entrou em contacto com aqueles que adoravam o Deus Único em contraposição aos muitos… Isto abriu caminho para a construção de um Templo no seu assentamento de Tintagella… Assim surgiu pela primeira vez aquela medição e desenho que depois foram tão exactamente reproduzidos por aquele avanço posterior que culminou no templo de Glastonbury…

E Tintagella era o antigo local do santuário do Deus Supremo. Assim, o Templo, uma reprodução, exacta em todas as suas medidas, foi depois reproduzido em Glaston sobre este fundamento…

Phocis era Phocis—um centro e núcleo, um foco justamente nomeado mas, em si, apenas um príncipe mercador de Poseidon e Eubeia.”

A HISTÓRIA DE EAWULF

Nota.—Durante as escavações junto à fundação do corredor sul da nave, em continuação do trabalho nos alicerces da torre sudoeste, foi encontrado um enterramento de natureza curiosa. O esqueleto jazia na argila mesmo junto à parede, e a cabeça estava protegida por uma “dropstone” com um oco cilíndrico, aberto ao nível do pescoço, onde se encontrava o crânio. Entre as pernas do esqueleto estava um segundo crânio, partido. Ao pé, uma pedra plana transversal, e contra ela, do lado oposto, vários ossos das pernas, etc. O seguinte foi escrito pouco depois da descoberta:

SESSÃO XXXIV. 19 de Setembro de 1908.

“Radulphus Cancellarius, que matou Eawulf em combate leal, sofreu ainda assim pela faca do seu inimigo, que lhe partiu os ossos. Ele, morrendo muitos anos depois, quis que os que o amavam o enterrassem fora da igreja, onde

costumava alimentar os pássaros na sua cadeira. O sol brilhava ali, como ele gostava, pois o seu sangue era frio." "É estranho, mas sabemos que é verdade. A cabeça de Eawulf estava ali. Quando cavaram à volta do corpo dele, não sabiam que a cabeça de Eawulf caíra, e assim ficou entre os seus pés. E assim a encontrastes.

Eu, Gulielmus, conheci a igreja antiga que Radulphus deitou abaixo, e muita coisa jaz sob o chão da nova igreja. Procurai a leste de onde agora escavais e encontrareis muito, e das obras antigas fizeram-se as abóbadas, e algumas são mais profundas. Não vos deixeis enganar pelas aparências. Sob onde agora pensais que é o fim de tudo, verão paredes muito profundas da igreja antiga. Ninguém sabia delas, e não foram destruídas. Procurai também a norte da dita abertura: há ali algo de que talvez não saibam."

Pergunta: "Porque estava a cabeça de Radulphus protegida por uma dropstone, quando o corpo não estava envolto?"

Resposta: "Assim ele o quis. Que os vermes da terra devorem o meu pobre corpo com todos os seus pecados, dizia ele. A minha cabeça sempre combateu contra o corpo. É a melhor parte de mim. Vede, dizia ele, protegei-a! Aquele corpo vil—deixai-o ir, dizia ele."

Pergunta: "Como veio Eawulf a ser ali sepultado, e quem era ele?"

Resposta: "Não conheceis Eawulf, o Yarl de Edgarley, de sangue real, que combateu o Normando, e teria morto Turstinus? Um saxão valente, e um que dizia que Glaston fora edificada pelo Saxão, e como Saxão devia permanecer. Por isso foi enterrado em Glaston, e não na sua capela em Edgarley. Os homens santos de Glaston, aqueles que eram de sangue saxão, sofreram muito pela sua violência em seu nome, e, Deus sabe, sem rebelião própria; e tiveram a sua recompensa, pois um Saxão voltou a ser Abade por algum tempo."

[40] Radulphus Cancellarius. Supondo, ao início, que isto se referia ao grande Radulphus ou Ralph (FitzStephen), responsável pela reconstrução da Igreja Abacial após o grande incêndio de 1184; mas isto seria oitenta e três anos depois da época de Turstin, o primeiro Abade normando (1082–1101). Malmesbury relata os problemas que se seguiram aos métodos tirânicos de Turstin, e à matança dos monges por soldados contratados. Mas a história de Eawulf é nova.

[41] Eawulf, Yarl de Edgarley. O nome era-nos totalmente desconhecido. Edgarley fica a cerca de uma milha de Glastonbury a sudeste. Há lá uma antiga capela, dedicada a S. Dunstan. Posterior referência às antigas Crónicas Inglesas revelou a seguinte entrada sob o ano 885 d.C.:

"Eanwulf, Conde de *Somerton*, sepultado na Abadia de Glastonbury." Somerton fica a cerca de seis milhas de Glastonbury, do mesmo lado que

Edgarley—isto é, a sul. Isto é interessante, pois sugere um nome de família perpetuado por cerca de seis gerações, ou cerca de 200 anos, na região.

[42] Turstin, cuja violência causou a sua demissão pelo Rei e exílio temporário para a Normandia, foi sucedido por Herlewin, cujo nome saxão recebe interessante confirmação pelo texto.

SESSÃO XXXVII. 23 de Setembro de 1908.

Pergunta: “Como se explica a grande diferença de datas entre Radulphus e Eawulf? Não conseguimos conciliar isto.”

Resposta: “Não conhecemos as vossas datas, nem os tempos passados; mas isto sabemos—Eawulf e Radulphus[43] lutaram, e o normando matou o saxão. Isto é facto, como o sabemos. Certificai-vos dos vossos próprios tempos e consultai o Domesday para esclarecimento.”

[43] Escrito “Turstinus”.

“Lembramo-nos que (Radulphus) tinha cento e três anos quando foi para os seus antepassados: vigoroso e de bom aspecto ainda então—mas os ossos causavam-lhe sofrimento (por causa) das dores neles. Por isso procurava o sol. Continuaremos a procurar no grande exército das coisas passadas. São tão difíceis de encontrar!

O que está escondido será descoberto e toda a Abadia está à vossa disposição; mas procurai. Todas as três igrejas estão abertas para vós, e uma que outrora estava no meio da nave da nova—não muito, pois Turstinus removeu … elas quando construiu de novo a igreja normanda” (isto é, construiu a nova igreja normanda.—F.B.B.).

Pergunta: “Eawulf liderou o ataque na luta? Como aconteceu?”

Resposta: “Os velhos têm ira forte, mas a juventude deveria tê-lo poupado. Não sabemos mais,—iremos procurar.”

Aqui o texto passa para a descrição (já dada) da procissão dos peregrinos ao pôr-do-sol, com música de órgãos e sinos.

SESSÃO XLII. 18 de Abril de 1911.

O problema das datas foi deixado para consideração posterior, e permaneceu em aberto durante dois anos e meio. Nesta sessão tocaram-se outros assuntos de história antiga, e ocorreu a F.B.B. perguntar sobre Radulphus e Eawulf.

Pergunta: “Por favor, explique a aparente discrepância de datas na história de Radulphus e a sua luta com Eawulf.”

Resposta: “Não o Radulphus do Rei Henrique” (ou seja, FitzStephen, 1184.—F.B.B.). “Radulphus o Tesoureiro era normando do tempo de Turstinus—anos Mil e Oitenta e Sete. Ralph era ele. Eorwulf de Edgarley, já velho, ficou irado porque os soldados de Turstinus mataram os monges saxões. Ralph, cavaleiro normando e tesoureiro de Turstinus, matou-o. Quem era ele? Radulphus FitzHamon—como sabemos, um homem mau.”

Pergunta: “Onde foi sepultado Ralph FitzStephen—do tempo de Henrique II?”

Resposta: “Ralph, primo do Rei, morreu, ao que pensamos, em Wincastre—aí sepultado. Foi Chanceler de Inglaterra.”

Nota.—As duas respostas anteriores foram então lidas, mas infelizmente a primeira foi interpretada incorretamente, pois a escrita estava um pouco difícil. F.B.B. cometeu o erro de pensar que implicava que Ralph de Turstinus era FitzStephen (embora o sentido seja claro ao analisar melhor), e perguntou consequentemente:

Pergunta: “Porque diz que Ralph, tesoureiro de Turstinus, era Ralph do Rei Henrique?”

(Neste ponto a influência muda e uma personalidade dominante, já conhecida, assume o controlo da resposta.)

Resposta: “Leiam. Não disse isso. Não disse ‘Ralph do Rei Henricus’, mas ‘Ralph o Normando’. Taedet damnosum. Leiam!—IMPERATOR.

“Audi me, barbari stultissimi! Ego Imperator, qui feci interpretationes pro anima insularium.—CAESAR.”[44]

[44] O que pode ser livremente traduzido como: “Escutai-me, ó bárbaros estupidamente obtusos!—Eu, o Imperador, que tentei clarificar estas coisas para as mentes dos habitantes desta ilha.”

PARTE III

A CAPELA DE LORETTO

O interesse desta secção é grandemente reforçado pelo facto de as fundações da Capela de Loretto terem sido descobertas no verão passado no local indicado pelo texto. Os trabalhos de escavação só estarão concluídos na próxima época, mas já mais de metade da planta da capela foi posta a descoberto, e um relatório completo com ilustrações foi contribuído pelo autor à Somerset Archæological Society, e aparecerá nas suas Actas para 1919, agora a serem publicadas no início de 1920.

O relatório será acessível a todos os estudantes de arqueologia nas principais bibliotecas. Os alicerces da capela mostram que tinha 20 pés de largura, como

indicado no texto, mas a interpretação do autor estava errada ao supor que esta largura era interna, quando é a dimensão externa. O comprimento poderá corresponder também. A capela situa-se a cerca de 5 pés do talude como referido, e o alicerce da parede oeste é o melhor preservado, o que confirma a precisão dos textos.

[Ilustração: PRANCHA IV. VISTA DE CONEY DA ABADIA (1817). Frontispício da Parte III.]

A CAPELA DE LORETTO

Entre os elementos perdidos da Abadia de Glastonbury, registados por Leland[45], encontra-se uma capela construída pelo Abade Bere no lado norte da nave. Leland diz o seguinte:

[45] *Itinerary*, vol. iii., p. 103.

“Bere, regressando da sua Embaixada em Itália[46], fez uma Capela de Nossa Senhora de Loreto, junto ao lado norte do corpo da Igreja.”

[46] Realizada em 1503, aquando da eleição de Pio III.

Mas, para além deste registo, que preservou apenas a memória da obra e a sua localização aproximada, não temos quaisquer factos sobreviventes, históricos ou descritivos, que nos possam guiar na busca dos seus vestígios, salvo um ou dois pormenores que o arqueólogo ortodoxo provavelmente desprezará, mas sobre os quais a imaginação poderá construir um leve e etéreo edifício, um mero fio de fantasia que o toque rude da argumentação prática dissiparia, e que encontraria lugar mais apropriado nas páginas do romance do que nos anais dos labores dos antiquários mais sérios.

Aqui, então, estava uma oportunidade para a mente subliminar exercitar os seus poderes, precisamente a ocasião mais desejável para uma experiência na psicologia dos processos indutivos e dedutivos, e um teste da possibilidade de, pelo fio do mais ténue e imperfeito conhecimento, extrair algum conhecimento afim do grande reservatório da memória da natureza.

Este experimento foi feito, e o resultado apresento-o aos meus leitores sem qualquer espécie de reserva ou reticência, não reclamando nada para mim, mas pedindo que o considerem de mente aberta, aceitando-o para análise como ilustração do funcionamento das forças latentes da mente nas mesmas condições que estabelecemos para o nosso trabalho.

O material de onde a nossa essência sublimada foi destilada era o seguinte:

1. A nota de Leland, como acima.

2. Um fragmento de parede mostrado na vista de Coney da Abadia, de 1817. Isto aparece no desenho precisamente no local onde a parede do corredor norte da nave teria unido com a do transepto na sua extremidade oriental, mas é diminuto em altura—apenas cerca de um terço da altura normal da parede da nave, como é claramente visível pela comparação com os elementos circundantes. Parece um pequeno muro de resguardo, do tipo que em tempos pode ter preenchido um arco nesse ponto, abrindo-se da última, ou mais oriental, secção da parede do corredor norte para uma capela exterior, no ângulo entre o corredor e o transepto norte. Mas no desenho de Coney não parece uma obra gótica, mas antes uma construção de tempos modernos, pois tem quatro pequenas janelas arredondadas e saliências de peitoril, como estamos habituados a ver em edifícios domésticos. Ninguém além de Coney, tanto quanto sei, indicou qualquer tipo de remanescente de construção nesse ponto, e há várias imagens mais antigas da Abadia, que deveriam mostrar tal coisa se ali tivesse existido algo. Veja-se, por exemplo, a vista panorâmica de Stukeley das ruínas, publicada em 1723 (ver Fig. 10, p. 115). Nada ali se vê—a totalidade do lado norte da nave era campo aberto, como tinha sido durante pelo menos meio século antes (*vide* a vista de Hollar).

3. No manuscrito Cannon, um diário relativo a Glastonbury da época de Jorge II, há um esboço do plano da Abadia, muito rudimentar, onde o autor mostra um monte de entulho e pedras soltas, com sugestões de uma parede quebrada no solo nesse local, e faz uma anotação indicando tratar-se dos restos da “Sala do Capítulo”.

Mas, naturalmente, a Sala do Capítulo estava do lado sul do Coro, e não poderia ter estado noutro sítio no caso de Glastonbury, pois a sua localização nunca esteve em dúvida, tendo agora sido redescoberta e as suas dimensões testadas e comprovadas.

4. Marsh, o velho jardineiro da Abadia durante mais de quarenta anos, costumava dizer-me que, no talude de relva que corre ao longo do lado norte da área da nave, sob as árvores, havia um bom troço de parede de pedra, parte da qual o Sr. Austin, seu antigo patrão, usou em construção. Cavei ali, mas não encontrei nada no local que ele indicou.

Agora, correndo o risco de ser algo fastidioso, proponho citar um curto parágrafo do meu *Manual de Arquitetura*, pois mostra o que pensava sobre este assunto em 1910, e tal evidência é necessária para qualquer análise útil da psicologia de toda a questão subsequente.

Acrescento que, tanto quanto me recordo, o meu amigo J.A. não tinha formado qualquer teoria quanto à natureza da capela ou à sua verdadeira posição para além da minha, e o que cito aqui representa o máximo que então podia ser dito

(*Architectural Handbook of Glastonbury Abbey*, segunda edição, pp. 32, 33, 1910):

“Alguns fragmentos de construção no lado norte da nave sobreviviam ainda em 1817, quando os desenhos de Coney foram publicados. Num deles vemos um muro com uma fila de janelas com um detalhe bastante invulgar nos seus topos (Fig. 10). Isto seria próximo do local da Capela de Loretto, construída pelo Abade Bere. Carter, escrevendo alguns anos depois, diz-nos que a Capela de Loretto ainda então existia, e, se estiver correto, deveria tratar-se de uma construção substancial e exterior à igreja, e não de uma leve estrutura interna, como se conjeturou. Mas poderá estar a referir-se à Capela de São Tomás Mártir no transepto norte, que por vezes foi erradamente chamada de ‘Capela de Loretto’.

“Um plano esquemático no manuscrito Cannon mostra um grupo de ruínas numa posição aparentemente semelhante, e regista a tradição de um edifício muito magnífico neste local, que chama de ‘Sala do Capítulo’. Por mais errada que seja esta designação, podemos pelo menos aceitar o seu registo como corroborando a existência de um edifício ricamente ornamentado de natureza especial (distinto do corpo da igreja, na junção do corredor da nave com o transepto norte).”

Parece, então, que formáramos a impressão de um belo edifício mesmo fora da parede da nave, no ângulo entre o corredor e o transepto; mas, para sermos rigorosos, não penso que o desenho de Coney tenha tido muito peso quanto ao carácter da obra que poderia ter contido, e, pelas impressões normais, foi considerado “moderno”.

REGISTO DAS ESCAVAÇÕES DE 1911

No início de Junho de 1911, abriu-se a vala dos alicerces da parede do corredor norte da nave na sua extremidade oriental, e foi encontrada a junção desta com a parede oeste do transepto norte. A área mesmo fora do ângulo das duas paredes foi limpa com o objetivo de descobrir vestígios de uma capela nesse local, mas além de alguns belíssimos fragmentos de montantes de janelas do final do século XV ou início do XVI—bom trabalho Tudor—nada de importante surgiu quanto a detalhes.

Mas cerca de 4 metros (13 pés) a oeste da parede do transepto, e correndo paralela a ela, cruzando a linha da parede do corredor em ângulo reto e seguindo para norte a partir dela, encontrou-se outro largo alicerce, e supusemos então ser a base da parede oeste da Capela de Loretto. Era claro que teria havido pelo menos um edifício de natureza permanente e bastante substancial, ligado à face oeste da parede do transepto, junto ao seu encontro com o corredor, e talvez não fosse irrazoável supor que fosse a Capela de

Loretto. O detalhe arquitetónico descoberto apontava para uma capela gótica, incompatível com o edifício mostrado por Coney. Nem era semelhante à obra da Nave. Esta era a situação quando, a 13 de Junho de 1911, obtivemos o seguinte texto automático:

SESSÃO XLVII. 13 de Junho de 1911.

“Fui eu que construí aquele edifício. Tudo o que fiz foram abóbadas em leque. Nada de abóbada de berço. E por baixo delas, três belas janelas de quatro panos com travessas e pequenas ameias nas rampas das mesmas. E se cavardes na parede da nave, muito caiu aí. Procurai o grande pilar da nave em frente à abertura: está cheio… mas aí deitaram os fragmentos da minha capela, um baldaquino a oeste, e todos os centrais—trabalho de baldaquino belíssimo, e no meio um pequeno para Nossa Senhora, dourado e muito belo. Algo resta das paredes exteriores e da parede junto à travessia, mas quase tudo foi levado há muito tempo.

Abóbadas em leque muito profundas… e cada leque tinha doze nervuras, e eram pintadas de vermelho e ouro, como a minha capela de Edgar. Ainda resta algo de Nossa Senhora. Fica em frente à parede oeste, a cerca de um metro. Procurai bem no talude a leste: ainda resta algo da parede do transepto (?) onde colocámos os tabernáculos, mas quase tudo se perdeu. A porta ficava a oeste,[47] junto ao pilar da nave, uma só porta, na nave.

[47] Isto deve ser um erro. O sul é o lado da nave.—F.B.B.

R. B. escreveu, para tua instrução. Os medalhões da abóbada eram dourados, assim como os florões, e as concavidades eram de vermelho vivo; do mesmo modo o tabernáculo de Nossa Senhora na parede leste, dourado e vermelho; e as janelas eram de vidro amarelo nos baldaquinos, com vermelho e azul nos pequenos vitrais. O chão era de tijoleira vermelha, com escudos e ornamentos também em amarelo, e era muito belo e magnífico, tal como a minha capela de Edgar, mas mais belo, pois construí-a depois, por cumprir um voto meu.”

Pergunta: “Qual era o teu voto?”

Resposta: “Não sabeis que fomos abatidos por homens rudes em terras estrangeiras e a mula que me transportava caiu, pois eu era um homem grande e pesado. E estando prestes a cair de um lugar íngreme ou a ser pisado pela mula, invoquei Nossa Senhora e ela ouviu-me, de modo que o meu manto, ficando preso num espinho, me salvou, e então disse: ‘Vede! Quando regressar, construirei uma capela a Nossa Senhora de Loreto’, e fui tão imediato no meu voto que os irmãos ficaram desgostosos, pois já estava decidido em Capítulo que devíamos construir uma capela a nosso Edgar antes de eu embarcar no navio. Por isso construí primeiro essa, pois era um voto

público: mas o meu voto pessoal cumpri depois, e assim tudo ficou bem—está dito."

Pergunta: "Qual foi o motivo da tua viagem?"

Resposta: "Não sabeis da minha Embaixada, quando o Rei quis saber o que faria o Bispo de Roma? Assim, viajando desde Pádua, para onde vieram os navios, caímos entre homens maus que nos queriam reter para resgate. Aqui caiu a mula, e o resto já sabeis."

NOTAS SOBRE A EMBAIXADA DE BERE

O Abade Richard Bere foi incumbido por Henrique VII de visitar Roma em 1503, para, segundo se diz, felicitar o novo Papa, Pio III, pela sua eleição. Se havia algum objetivo político na embaixada, não se sabe ao certo, mas tal é fortemente sugerido pelos acontecimentos subsequentes. O novo Papa não viveu o suficiente para estabelecer a sua política. Sobreviveu à sua eleição apenas vinte e seis dias, sendo sucedido nesse mesmo ano por Júlio II, um Papa "político", que formou a "Liga de Cambrai", seguida pela "Liga Santa" de potências contra Luís XII de França, incluindo Inglaterra, Espanha e Veneza, liga à qual Henrique VIII depois se juntou, até à paz com França em 1514.

Quanto à viagem, a menção de Pádua como porto de chegada pareceu estranha e algo difícil de compreender. O percurso habitual para Roma dos viajantes ingleses da época era via Antuérpia, Augsburgo e Veneza. De Veneza poderia ter seguido de barco até aos cais de Pádua, e daí prosseguir para sul ao longo do Adriático, até perto de Ancona, e aí dirigia-se para Loreto, iniciando então a viagem terrestre, atravessando possivelmente os Apeninos a cavalo ou de mula.

Pergunta: "Quais eram as dimensões da obra sobre a qual nos tens falado?"

Resposta: "Em pés, vinte e dois, e quatro passos de largura, e a parede da nave foi reforçada por isso, pois a torre pressionara as paredes através da abóbada da nave, e estava rachada até ao fundo. Por isso, a minha capela era alta, com vinte e três pés de altura, e muito forte na abóbada, de modo que ligava a parede da nave à parede da travessia, onde era fraca. Aqueles que construíram a torre deviam ter feito arcos na parede para sustentar as janelas mais altas, levando-os ao longo da travessia na parede para reforçar a torre no ângulo, mas não o fizeram.

Por isso, ajudei com a minha capela e com um arco que construí do topo do corredor ao telhado da capela para ligar todo o ângulo. Também construí os grandes arcos da torre. Não foi a abóbada que cedeu, mas a torre é que cedeu em relação à abóbada por causa do seu peso,[48] e assim cedeu para longe da travessia na parte inferior e soltou-se na superior.—R. B."

[48] Isto parece perfeitamente verdade. Os grandes pilares vergavam sob o peso da torre, inclinando-se para dentro, provavelmente empurrando a abóbada e fissurando-a por compressão.—F.B.B.

[49] “Cedeu para dentro da travessia” seria mais exato.—F.B.B.

Pergunta: “Pode dar-nos uma ideia do estado de opinião nos estabelecimentos religiosos do seu tempo—das ideias e ideais então vigentes?”

Resposta: “Não aderia a superstições. Sempre fui pelo povo e pelo melhor entendimento dos mistérios. Assim devia ser, e não apenas guardado nos corações dos religiosos. Quereis mais? O que fiz mais foi conforme me pareceu melhor, pois os velhos tempos estavam a mudar e os homens amavam o esplendor das nossas cerimónias.

Ficavam irritados com os enganos que tinham mantido os seus pais humildes e submissos. Pela visão, a glória dos nossos serviços podia fazê-los desejar coisas nobres, mas eu sabia, e o meu amigo sabia[50], que já não se deixavam enganar por artifícios. Tudo estava a mudar no meu tempo e as guerras promoviam maior conhecimento. Os ingleses já não dormiam, nem voltariam a dormir. Dixi.”

[50] Bere era amigo de Erasmo.

As dimensões dadas para esta pequena capela só poderiam corresponder às fundações descobertas se a medida maior (22 pés) fosse de norte a sul e a menor (quatro passos) de este a oeste. Isto faria o edifício ocupar uma trave do transepto e estender-se até ao muro exterior exposto pela escavação. Mas essa fundação não terminava aos 22 pés, mas seguia para norte, e verificou-se que tinha a mesma extensão da projeção norte do transepto, pelo que a capela descrita ocuparia apenas metade do comprimento, parecendo ter existido um corredor anexo ao transepto, tal como F.B.B. mostra no seu desenho do interior reconstruído.

A descrição da pequena capela robusta no ângulo, servindo de contraforte à torre e à parede do transepto, era plausível, mas a descrição, especialmente as dimensões, nada esclarecia quanto ao desenho de Coney, e deixava o muro no talude, mencionado pelo jardineiro, ainda por explicar. As dimensões eram pequenas—pouco satisfatórias para uma obra especial deste género, e uma que mereceu menção individual por Leland.

E a proporção era tão invulgar, sendo a medida este-oeste a menor e aparentemente insuficiente para o seu propósito, a menos que o altar estivesse colocado a norte, o que não seria costume inglês. Seria afinal este pequeno edifício a verdadeira Capela de Loreto, ou apenas uma antecâmara de acesso da nave a uma obra mais importante mais ao exterior? A longa fundação, parecendo um corredor, fazia lembrar um ádito ou acesso. Dificilmente faria parte do transepto, devido à diferença de nível entre os dois pisos, o do

transepto ficando cerca de 1,20m acima da nave. Mas só mais escavações poderiam trazer luz, e isso era, então, impossível, pelo que a questão teria de ficar em aberto até surgir oportunidade mais favorável para novas pesquisas. Assim ficou durante cinco anos.

Em Dezembro de 1916, F.B.B. e J.A. encontravam-se como vizinhos, e concordaram em retomar as experiências de escrita, devido ao grande reavivar do interesse pelo tema dos fenómenos espirituais, embora sem data definida. Dias antes, F.B.B. dera a J.A. umas notas manuscritas para transcrever, sendo extratos que ele fizera anos antes do manuscrito Cannon. Propunha-se publicá-los nas *Atas da Sociedade Arqueológica de Somerset*, juntamente com o desenho das ruínas já referido, que ambos tinham consultado casualmente; mas não tinha sido tema de atenção. A transcrição de J.A. nem sequer tinha chegado a esse ponto quando se realizou a primeira sessão, a 4 de Dezembro.

Os assuntos de Glastonbury não estavam na ordem do dia nas conversas recentes, que se centravam na Cabala grega e na geometria a ela ligada. J.A. diz que a sua mente ainda estava cheia disso a 4 de Dezembro, excluindo Glastonbury, e que não pensava na referência ao manuscrito Cannon. A experiência de F.B.B. era semelhante. Estivera ocupado com correspondência até ao momento da chegada de J.A., e, tendo acabado de selar o último envelope, propôs, por impulso, uma sessão, à qual J.A. acedeu. F.B.B. pensava que, se obtivessem alguma mensagem, talvez fosse sobre a guerra e os acontecimentos do momento; J.A. esperava algo sobre simbolismo geométrico. Não foi feita qualquer sugestão sobre o tema da comunicação proposta. Segue o registo:

SESSÃO. 4 de Dezembro de 1916.

A primeira página de escrita é apertada e quase ilegível. O seguinte pode ser decifrado:

“Factos cósmicos estão por todo o lado, mas não são facilmente alcançados…

…reunindo-vos e obtendo a inspiração que procurais consciente ou inconscientemente. O resultado é o mesmo, mas a palavra permanece…

…O mundo material é o écran intermédio—a complexa teia do simples tear. Os factos essenciais são eternos, os quais (movem-se?) em círculo, e a quem conhece o círculo, algo passará a todos os tempos, só que vedes pouco de cada vez. O centro é o ponto em torno do qual tudo gira, e vós, girando, estais conscientes da influência, mas não podeis conhecer o raio…”

“Obliviscor. Tantos anos dormimos perto da Capela Loreto sob o talude, a trinta passos da nave. Não fostes suficientemente além do (talude) que ali fizeram. Ficava a mais de um metro e meio para dentro, e sepultada no local onde ele

desenhou a Sala do Capítulo.[51] e o fim do caminho dos peregrinos é… através do pórtico, pela porta pequena no canto, e pelos degraus em frente ao cemitério inferior. Ali mostrávamos as relíquias e os peregrinos passavam por esse caminho para a Capela de Santa Maria, pelos degraus, e para a nave principal."

[51] Isto parece referir-se à nota no manuscrito Cannon, que J.A. diz não ter notado na altura.

Depois, numa letra diferente:

"O Abade Bere construiu a Capela de Loreto, bela e espaçosa, no lado norte da nave. Dissemos que não era a Sala do Capítulo…

…O lado dela estava a trinta e um pés e meio da nave, e a dez pés completos do corredor do transepto, com um caminho coberto até lá, e quatro degraus para subir até ao referido corredor. Foi construída por Bere, muito bela e maravilhosa, no novo estilo trazido de Itália quando lá foi em embaixada.

Já ouvistes falar dela. A capela tinha quarenta pés de comprimento, e largura entre vinte e… vinte e um pés, e tinha uma entrada vinda da estrada que levava da Porta de S. João à nave, e assim o Bispo e a Majestade Real podiam entrar.

Bere costumava aproximar-se entrando pelo Claustro, e por isso fechava-a muitas vezes."

O texto acima parecia à primeira vista impossível de decifrar, e pediu-se repetição. Esta foi claramente escrita e, com a sua ajuda, o sentido do texto anterior foi compreendido e cada palavra identificada, embora ainda restem algumas lacunas aparentemente insolúveis. No entanto, estas podem não ser relevantes, devendo provavelmente referir-se ao estado ruinoso da Sala do Capítulo e à sua reparação, como se reafirma na comunicação seguinte:

"Já dissemos que era de estilo italiano, novo e muito belo, e que Bere a construiu vindo de embaixada em Itália. Não era a Sala do Capítulo, mas Bere usava-a porque a Sala do Capítulo estava húmida e arruinada e estava a ser reparada. Já o dissemos. Recebeu o Rei e o Bispo, que ficaram hospedados com ele. Tinha quarenta pés (de comprimento) por vinte (ou) perto disso e a porta gradeada era a oeste, e um pavimento ligava-a à estrada da Porta de S. João à igreja.

Não era como nada mais (mas era de) novo estilo. Havia quatro degraus—não, seis—até ao corredor do transepto, e um caminho coberto abobadado em abóbada redonda até à capela… — THESIGER."

Pergunta: "Por 'degraus' quer dizer degraus a subir, ou passos?"

Resposta: "Dez pés, e quatro ou seis degraus para subir."

A assinatura “THESIGER” é particularmente interessante. No início desta comunicação vê-se a palavra “Obliviscor.” “Tantos anos dormimos perto da Capela Loreto…”. Só uma vez antes, na Sessão XLII, a 7 de Setembro de 1910, foi observada a mesma assinatura. Foi no final de uma comunicação sobre o relicário de S. Dunstano, dada assim:

“Sub marmore dormio, quod taedet me—obliviscor.—CAMILLUS THESIGER.”

A identidade desta pessoa era então matéria de especulação, mas F.B.B. concluiu que deveria referir-se a Camel, o Portador da Bolsa do Abade Bere, cujo túmulo de mármore com painéis embutidos é um elemento de destaque na Igreja de S. João. Camel tinha uma casa na parte alta da cidade, na High Street, do lado sul, um pouco acima da Porta de S. João, e a leste.

Seguidamente, foram dados os detalhes arquitetónicos que aqui reproduzimos, com algumas notas explicativas anexas.

A CAPELA DE LORETO

PLANOS ARQUITECTÓNICOS

DESCRIÇÃO DO PLANO A

I. a) Desenho de um frontão com remate “em degraus”, provavelmente relativo ao frontão oeste.
I. b) Planta da Capela, mostrando quatro tramos de comprimento, com contrafortes de perfil pontiagudo, rotulados “Cappella Loretta”.
I. c) Elevação de um nicho de topo circular, com ornamento, rotulado “Cava”.
I. d) Planta (ampliada) da Capela, mostrando uma entrada (“portus”) aparentemente no tramo sudoeste.

DESCRIÇÃO DO PLANO B

I. e) Planta do topo leste da Capela, mostrando a “Cava Virginis” convexa, e a porta (“portus”) que dá para a igreja.
I. f) Outra planta mais clara da Capela, confirmando a divisão em quatro tramos.
I. g) Elevação da parede leste da Capela, vista do interior, com a “Cava Virginis” ou nicho semicircular ao centro e a porta para o transepto à direita ou lado sul.

DESCRIÇÃO DO PLANO C

I. h) Parece ser outra tentativa de mostrar a parede leste, mas a “Cava” é tão pequena que se sugere alternativamente uma elevação da parede oeste, com uma porta central.
I. j), k) Topo da “Cava”, com tentativa de representar um ornamento em concha a preencher o nicho.

II. a) Elevação, provavelmente do exterior da parede oeste, com porta de topo arredondado, e “Virgo” por cima—isto é, uma estátua da Virgem aqui. Sugere-se um parapeito ondulado, com um leão sentado num dos cantos.
II. b), c) Divisões dos remates do parapeito, com leões espaçados.

DESCRIÇÃO DO PLANO D

II. d) Outro desenho do topo leste do plano, com a posição da porta leste, designada “portus ad ecclesiam et voltus quadripartus.” Nota-se “portus” por “porta” e “voltus” por “volta”, formas recorrentes nestes textos.
II. e), f) Repetição dos contornos ondulantes do parapeito, rotulados “parapetus”. Os leões aparecem novamente.

DESCRIÇÃO DO PLANO E

II. g) Contorno ondulante de um parapeito, com ornamento vegetal aplicado, e a palavra “leo”.
II. h) Esboço de um pequeno pilar ou balaústre. Rotulado “patella and pillar.” “Patella” tem o mesmo sentido de “patera”, termo arquitectónico para uma placa ou painel, frequentemente rectangular. Isto pode ser embutido na superfície de um pilastro. O plano indica claramente um pilar ou pilastro plano; ou pode significar um ábaco para suporte do leão.

DESCRIÇÃO DO PLANO F

III. a) Dois esboços dos leões. São leões sentados, segurando escudos, como se vê em muitos edifícios Tudor, embora o ornamento seja mais comum em edifícios domésticos do que eclesiásticos.
III. b) Mais parapeitos, desta vez parcialmente com padrão florentino. Não está claro se são estudos detalhados das ondulações anteriores, ou de posição especial. Os pequenos “anjos” parecem estar relacionados.
III. c) Provavelmente representa uma das cabeceiras das janelas laterais da Capela. Há claramente um semicirculo no topo, e um preenchimento semelhante a trabalho em enrolamento aberto. O autor não conhece precedente inglês desta data.

DESCRIÇÃO DO PLANO G

III. d) Outro esboço da “Cava”, com descrição do tratamento do seu nicho: “Estrelas douradas sobre azul, ao fundo do Nicho da Virgem”; e prossegue: “Ad orientem, in cava Virginis Mariae Lorettae quod ... ad ecclesiam ... via claustra ad eccl^m ... ad orientem ... ad ecclesiam” (A leste, um caminho coberto, ou claustro, levando à igreja).

III. e) Novamente uma planta do topo leste da Capela, com a porta assinalada “portus”, e uma linha para leste.
III. f) O “via claustra” mostrado da Capela à “ecclesia”.

DESCRIÇÃO DO PLANO H

IV. a) “A capela tem quarenta (pés de comprimento) por vinte.” Segue-se a elevação de um dos lados, mostrando as cabeceiras arredondadas das janelas ligadas por um friso, com a anotação “quarenta pés, quatro partes”.

IV. b) Esboço de uma abóbada arredondada, com o arco decorado ao longo de todo o comprimento. Descrito assim: “Abóbada de frutos e flores pintados com grande arte. As nervuras das abóbadas esculpidas assim.”

IV. c) Pequeno esboço de um dos leões sentados no ângulo da capela, com um dos merlões do parapeito adjacente. Descrito assim: “Os leões nos cantos, e três entre eles. As divisões eram de 10 pés, quarenta de comprimento e vinte de largura”, com abóbadas arredondadas: nervuras esculpidas com frutos e muitas cores.

IV. d) Outro esboço de um leão sentado.

REVISÃO

Foi com espanto que, após tão longo intervalo, esta comunicação tão interessante, tão detalhada e aparentemente explicativa de dúvidas e dificuldades relacionadas com o obscuro problema da Capela de Loreto, se apresentou de forma espontânea, inesperada, incluindo elementos novos e estranhos que sugerem a existência em Glastonbury, na época de Bere, de um modelo arquitetónico que seria único para o período nestas ilhas, e provavelmente sem paralelo no Norte da Europa.

Surgem várias questões. Poderiam as pequenas janelas do desenho de Coney ter estimulado um sonho subconsciente de uma capela italiana? Mas onde procurar o modelo original desses parapeitos ondulados, leões sentados com escudos, patellas, decoração de frutos e flores, a “Cava Virginis” conchoidal, e a precisão das proporções gerais? Existiria, na memória subconsciente de um dos participantes, alguma impressão esquecida de um edifício em Pádua ou noutra parte do Norte de Itália, que, nas suas linhas principais ou detalhes, correspondesse ao que aqui se descreve? Não o podemos afirmar, pois nada deste género pode ser recordado conscientemente.

Se algum dia o talude de entulho no lado norte da nave da Abadia de Glastonbury puder ser completamente explorado, poderá acontecer que, além de alguns vestígios da parede de pedra referida pelo velho jardineiro, não se encontre *nada*; mas, se, por outro lado, se comprovar que, pelo mesmo processo mental obscuro que já levou, no caso da Capela de Edgar, à previsão da existência—com verdade prática de forma e detalhe—de um edifício de que

até a memória se perdera (e cuja existência fora ignorada, ou mesmo desprezada, pelos mais competentes antiquários), possa um outro tesouro arquitetónico, há muito soterrado e esquecido, vir novamente à luz, e a sua riqueza de detalhe italiano ser comprovada, então sim, abrir-se-iam novas perspetivas, novas possibilidades de exploração e investigação dos segredos do passado, e estaríamos perante o limiar da Porta da Memória.

SESSÃO de 16 de Agosto de 1917 (em Gloucester)

Nota.—Os objetivos desta comunicação foram formulados previamente por F.B.B. Diziam respeito sobretudo às discrepâncias entre as duas descrições dos edifícios de Bere dadas em sessões anteriores, de 13 de Junho de 1911 e 4 de Dezembro de 1916, sendo que a primeira se referia a uma obra não identificada. F.B.B. sugeriu que a descoberta dos alicerces do "corredor" do transepto imediatamente antes da primeira dessas sessões criou um viés mental a favor de uma "capela" naquele local, confundindo assim o texto obtido.

"Maestro… Francesco de Pádua, que me instruiu e conhecia a capela em Itália. Ele também escreveu comigo e ele… (construía) ao modo italiano, e viajou comigo de barco até à Bretanha. Ele construiu e decorou."

"Profundo, junto ao talude, está a parede onde os padres costumavam sentar-se na velhice; e não tinham o uso[52] dos irmãos mais novos, mas eram livres—e quem queria passar os seus dias em conforto e luxo? Mas a capela não estava no muro da parte norte. Já o disse. Assim era, e no talude, bem fundo, encontrarão tudo perfeito, creio eu. Houve um local profundo onde destruíram e cobriram, formando um talude de quase dois metros de altura, salvando assim a parede do lado oeste para sempre."

[52] Ou seja, não cumpriam as horas canónicas, etc.—F.B.B.

"Perguntais qual era a capela sob a Torre além do Pórtico? Era para os relicários, e entrava-se nela pelo claustro do lado de Santa Maria e subindo quatro degraus, e daí até ao claustro superior e à estrada da Porta de S. João."

"Sabedoria—assim foi melhor. A Terra estava coberta de casas de Deus, e a erva não podia crescer, e foi pela providência divina que as casas foram destruídas, pois já não continham vida. Os homens desejavam uma vida mais plena no mundo, e viajar longe; e a velha fé[53] já não era necessária, pois as mentes dos homens já não eram como as bestas que perecem, mas cada homem era uma luz para si próprio e já não precisava de pai que o controlasse—assim foi melhor, embora muita beleza se tenha perdido na destruição. O Espírito vive ainda, e aquilo por que vivemos, damos-vos agora

sob nova forma. Crescei no Espírito. Somos símbolo de grandes verdades, e vós ledeis o símbolo corretamente. Aquilo que sonhámos vive ainda, e no Espírito transmitimo-lo, de símbolo em símbolo—sempre mais alto, sempre mais amplo.

[53] Ou seja, o antigo sistema.

“Éramos como grandes livros, e o nosso trabalho era em pedra—uma linguagem legada para que vós a leiais, que já tínhamos esquecido, e assim caímos.

“O que quereis?”

Neste momento houve uma pausa na escrita. Nem F.B.B. nem J.A. tinham consciência do que tinha sido escrito. As folhas eram substituídas e postas de lado à medida que se enchiam, e nada foi sugerido durante a escrita por nenhum dos participantes. Houve um pouco de conversa sobre outros temas. Então, ocorreu a F.B.B. (sem saber da pergunta “O que quereis?”) fazer a seguinte pergunta, que escreveu no papel:

Pergunta: “Confirma tudo o que nos foi dito sobre o desenho italiano da capela de Loreto? Diga por favor que edifício em Itália serviu de modelo ao Abade Richard Bere para esta obra.”

Resposta: “Francesco de Pádua construiu. Dois falariam sobre isto—aquele que a fez e eu, que desejei as minhas abóbadas em leque e inglês. Nós os dois fizemos—a minha pessoa, e ele, meu amigo.

Capella di Marco[54] em Pádua—aquela junto à Chave.[55]

[54] Não mencionada em *Story of Padua* de Cesare Foligno, mas existe uma capela de S. Marcos numa planta medieval da cidade. A referência a este santo tende a explicar os leões referidos no texto de 1916, que até aí pareciam um elemento incongruente, senão mesmo deslocado numa capela de Nossa Senhora.—F.B.B.

[55] A Capela de S. Marcos fica, no mapa, perto do rio, junto à ponte medieval de S. Mathio. Como o rio Bacchiglione era navegável, é bastante provável que existissem cais nas suas margens, dentro da cidade.

Dominic di Vallera Castiglione[56] construiu-a no ano de 1497—via St. Ursula.”

[56] Este nome é totalmente desconhecido para ambos.—F.B.B.

Neste momento a sessão foi interrompida e retomada na noite seguinte—17 de Agosto de 1917.

Pergunta de F.B.B.: “Por favor, diga-nos claramente, qual era o edifício de 22 pés de comprimento por 4 passos de largura mencionado a 13 de Junho de

1911? Para que servia e a quem era dedicado? É o edifício com as abóbadas em leque. Diga exatamente onde ficava."

"Vincula ecclesiae disrupta sunt. Claustra aperta sunt.

Claustra quae vocantur, vento Boreali aperta est (*sic*) no vestíbulo sob a torre—abóbadas inglesas—e Capela de Loreto ao modo italiano.

[57] Evidentemente um jogo de palavras: o primeiro "Claustra" parece significar que os portões de grades foram abertos; e o segundo, "aquilo que chamaríamos 'claustros', estavam abertos nesse ponto ao vento norte".

"A Capela de Loreto estava num nível inferior, com quatro ou seis degraus a subir até ao pavimento. Um degrau dava-lhe acesso desde o caminho que vinha da Porta de S. João até ao Pórtico Norte.

Procurai a minha capela como vos disse, no Talude. Era acedida pelo Oeste, e tinha uma porta para o pequeno claustro junto ao transepto da grande Igreja, e quatro degraus até ao pavimento.

A porta ficava na parede do transepto, na extremidade desta.

Quereis saber muitas coisas? A Vinha ficava junto aos Tanques, por trás das Casas dos Sacerdotes que eu construí, do outro lado da estrada (?), e para lá da galeria na Porta da Madalena, junto à água. Do lado do grande Pátio estava o pátio de tijolos—para lá dos viveiros de peixes. Procurai as fundações a leste do grande Pátio onde estava a capela do prior, e eu construí em frente dela. Escavai também perto das Cozinhas, que eram próximas umas das outras.

Aquilo que os irmãos de antigamente nos legaram, nós seguimos, sempre construindo sobre o seu plano. Como dissemos, a nossa Abadia era uma mensagem nas pedras. Nos alicerces e nas distâncias está um mistério—o mistério da nossa Fé, que esquecestes e que também nós esquecemos nos últimos dias.

Todas as medidas estavam claramente marcadas nas lajes da Capela de Maria,[58] e vós destruístes tudo. Assim ficou registado, para que os que construíssem e os que viessem depois soubessem de antemão onde deviam edificar. Mas essas coisas já passaram e já não têm valor. O espírito perdeu-se, e com a perda do espírito o corpo apodreceu e deixou de nos servir.

[58] *Glastonbury* de William de Malmesbury, citado abaixo.

Ali estava o Corpo de Cristo, e ao seu redor deviam estar os Quatro Caminhos. Dois foram construídos e não mais. No chão da Capela de Maria estava o Zodíaco, para que todos pudessem ver e compreender o mistério. No meio da Capela ele foi depositado; e a Cruz d'Aquele que foi o nosso Exemplo e Exemplar.

Braineton fez muito, pois era Geomante da Abadia nos tempos antigos."

Estas afirmações curiosas parecem ter relação com certos factos registados sobre a Capela da Senhora e com outros que vieram à luz graças ao estudo do plano global da Igreja da Abadia e dos edifícios monásticos. Verificou-se que estes foram dispostos numa série de quadrados comensuráveis de 37 × 2 (ou 74) pés, e observa-se que não há desvios à simetria desses quadrados nas obras dos séculos sucessivos até ao último Abade, pois a Capela de Edgar encaixa-se nesse esquema.

Assim, a medida exterior do comprimento total da Grande Igreja com a Capela de Santa Maria é de 592 pés, ou seja, oito quadrados consecutivos de 74 pés cada, e a largura da Nave e do Coro são cada uma de um desses quadrados. O plano tem sido muito útil para localizar paredes destruídas e perdidas. Falta ainda muito para completar o plano, mas ele está, no essencial, recuperado e foi publicado nas *Atas da Sociedade Arqueológica de Somerset*, de onde aqui se reproduz (Fig. 12).

Quanto às linhas geométricas gravadas no pavimento da Capela de Santa Maria, convém citar William de Malmesbury, cujo registo data do século XII. Este velho cronista diz, ao referir-se a essa capela, que ficava no local da igreja cristã mais antiga:

"Esta igreja, então, é certamente a mais antiga que conheço em Inglaterra, e por isso deriva o seu nome (*vetusta ecclesia*)… No pavimento podem ver-se de todos os lados pedras deliberadamente incrustadas em triângulos e quadrados, desenhadas a chumbo, sob as quais, se penso que algum enigma sagrado está contido, não cometo injustiça à religião."

NOTA—Este plano mostra o estado do conhecimento em 1912. Um corredor ocidental para o transepto norte está representado no local das fundações descobertas. *Para desdobrar entre as pp. 148, 149.*]

O plano da Capela é em si um exemplo perfeito da Vesica Piscis, as proporções do duplo triângulo equilátero e o mais sagrado e acarinhado mistério dos construtores de templos cristãos (ver *Atas da Sociedade Arqueológica de Somerset*, vol. lxii., 1916, pp. xxxviii-xl). Para os "Quatro Caminhos", veja-se o exemplo do Cruzeiro na Catedral de Lucca, onde os braços da Cruz estão num círculo, sugerindo o zodíaco, e indicam a posição dos quatro signos fixos: Aquário, Leão, Touro e Águia ou Escorpião, correspondendo a S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João, figurados na simbologia cristã pelo Anjo, o Leão, o Touro e a Águia, respetivamente. O que se implica na comunicação anterior, ao afirmar-se que dos quatro caminhos só dois foram construídos, não é claro para o autor.

F.B.B., ainda não satisfeito com o tema do texto de 13 de Junho de 1911, repetiu parte da sua questão anterior, assim:

Pergunta: “Mas onde ficava esse edifício de 22 pés de comprimento por 4 passos de largura, com três janelas de quatro luzes e abóbadas em leque? Não consigo perceber como se chega à medida dos 22 pés. Era uma medida leste-oeste, ou devia ser tomada norte-sul?”

Resposta: “A porta dava para o transepto a norte, que eu, Camel, usava; ficava no pórtico oeste e sob as três altas janelas.

O que quereis? A nova Capela, ficava no Talude, longe, alinhada com o Transepto, pelo que me lembro. Nunca chegou a ser terminada. Capelas a muitas! Por toda a parte! Para quê sobrecarregar o chão quando a fé estava morta e já não era necessária? A bolsa[59] estava cheia, era preciso gastá-la, e assim, quando nem celeiro, nem estábulo, nem abrigo a reclamavam, foi usada. Para quê os vadios e maus terem para gastar? Por isso edificámos muito.

[59] John Camel era “Portador da Bolsa” do Abade Bere.

Capelas por todo o lado—sem necessidade delas.

Pouca hipótese há de ter sido preservada (*passagem duvidosa*), mas foi bem coberta, eu sei, contra aqueles que a quisessem demolir.

[Ilustração: FIG. 14.—ABADIA DE GLASTONBURY: PLANO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA, CONSTRUÍDA EM 1184, NO LOCAL DA IGREJA DE JOSÉ DE ARIMATEIA.

O plano está inscrito num hexágono. As suas medidas baseiam-se no pé britânico de 12 polegadas. A largura entre as faces dos contrafortes centrais é de 37 pés, em harmonia com o esquema geral das medidas encontradas na Abadia. O comprimento da vesica é aproximadamente 64 pés, e os seus extremos tocam as faces exteriores das paredes terminais. No exterior há outra vesica envolvendo o embasamento (ver plano). O interior mostra uma terceira, marcando três quartos do seu comprimento.

Cada vesica contém um losango de dois triângulos equiláteros. As medidas são simbólicas e explicativas da geometria sagrada ilustrada pela “Gematria” das escrituras gregas. Assim, a área retangular sólida deste edifício é 37 por 64, ou 2.368 pés quadrados, pela Gematria equivalente a ΙΗΣΟΥΣ ΧΡΙΣΤΟΣ (Jesus Cristo) ou Ὁ ἍΓΙΟΣ ΤΩΝ ἍΓΙΩΝ (O Santo dos Santos). O losango contido tem a área de 1.184 pés quadrados, possivelmente desenhado para registar a data (A.D. 1184) da edificação da Capela. Note-se que William de Malmesbury alude ao “enigma sagrado” que se crê estar escondido nas figuras triangulares e outras no chão da Capela.]

Pedras esculpidas e douradas—sem espírito, eu sei. Como poderiam estas coisas resistir no dia da ira? Soberba! Ostentação! Muita glória e muito brilho;

mas sem culto, sem humildade, sem motivo para continuarmos… Assim passam os velhos tempos."

Pergunta: "Mas como foi determinada essa medida de 22 pés?"

Resposta: "Um claustro da Nave ao Átrio, e quatro degraus até ao piso do Transepto, e do átrio, a oeste, a Capela.

Não era Capela, mas Claustro no ângulo da grande Igreja. Claustrum até à Capela ao longo do corredor—depois o átrio e a Capela a oeste dele."

Esta explicação é agora suficientemente explícita. É possível formar um plano (ver Figuras 15 e 16). O pequeno claustro ao longo da parede do transepto forma um corredor ocidental para o mesmo, abrangendo um vão cuja largura é conhecida por ser de quase 22 pés. Nesse ponto, funde-se num vestíbulo ou átrio, junto ou perto da base de uma torre de razoável dimensão situada no ângulo noroeste do transepto.

Este vestíbulo tem portas em todos os lados—(1) a sul, desde o claustro comunicando com a nave; (2) a norte, para o pátio superior e o caminho usado por Camel, o Tesoureiro, que vivia na High Street; (3) a este, e subindo os degraus através da parede do transepto, para o próprio transepto; e (4) a oeste, para o pequeno corredor de 10 pés que conduz à Capela de Loreto.

Foi feita uma última pergunta, e o resultado é interessante, visto que a pergunta foi apenas mental, formulada por F.B.B., não escrita nem comunicada a J.A. por nenhum meio ostensivo. F.B.B. formulou a pergunta assim, na sua mente: "Qual era o apelido do arquiteto de Pádua, Francesco?" Resposta: "*Vecchi.—Francesco di Vecchi.*"[60]

[60] Um nome desconhecido para nós neste contexto.—F.B.B. Uma carta recebida por F.B.B. de um inglês residente em Veneza (datada de 19 de Abril) contém o seguinte excerto de "Curiosità Veneziane" (Giuseppe Tassini, Veneza, 1887):

"*Vecchia* ... Stefano della Vecchia, cujo pai Venturino foi aprovado como cidadão originário a 29 de Outubro de 1629, pertencia à família Della Vecchia, que veio do território de Bérgamo, e era inicialmente chamada Cornovi.

"… Um António desta família, cujo filho Zacarias foi *Bispo de Torcello*, comprou em 1565 um nobre palácio na Fundamenta della Madonna dell'Orto."

Não sendo isto suficientemente claro, a questão foi repetida e a resposta veio assim: "VECCHI *de Torcello, em Itália*."

À esquerda, sob a torre, encontra-se o vestíbulo aberto, conduzindo à Capela de Loreto (no extremo esquerdo). *Para frente da página 154.*]

CONCLUSÃO

Assim termina o texto relativo à “Capela de Loreto”, com uma série de declarações precisas e categóricas, não oferecendo qualquer possibilidade de evasão entre a alternativa final de verdade ou falsidade, facto ou ficção. Esta situação será clara para o leitor, tal como é para o autor desta narrativa, que, pelas razões que se seguem, não tem dúvidas quanto ao caminho que tomou ao publicá-la.

O seu lema aqui seria: “Examinai tudo, e reti o que é bom.” Estes escritos, cujo valor está atualmente por provar, e que, no que toca à precisão de nomes, datas e lugares, são altamente problemáticos, são apresentados como uma ilustração do funcionamento do seu método.

Não devem ser aceites com credulidade, mas sim como objetos de análise crítica, devendo ser pesados e examinados, juntamente com tudo o resto, à luz da razão, auxiliada por todos os meios úteis da investigação e exploração normais.

Se estivermos determinados a aceitar apenas o que for plenamente validado pela razão e pelo bom senso, e depois apoiado por deduções bem fundamentadas, mesmo que partindo de dados ténues, corremos pouco risco de sermos enganados. Apliquemos, pois, neste caso, a mesma regra que o autor já aplicou com êxito no caso da Capela de Edgar.

A intuição desempenhou o seu papel. Das profundezas do subconsciente evocou estas imagens. Agora, deixemos que a Razão e a Lógica tomem as rédeas e conduzam o argumento. Analise-se os factos, tais como são, que têm relação com o caso e, à luz dos resultados intuitivos, vejamos se é possível construir um argumento capaz de suportar peso.

Nisto reside a verdadeira utilidade do método que escolhemos. Ele reivindica um duplo valor—(1) na capacidade de recordar e rever subconscientemente uma infinidade de pequenas coisas, ligeira ou casualmente impressas na mente e não notadas ou recordadas pelo cérebro em funcionamento; e (2) na faculdade de equilibrar, avaliar e combinar estas coisas de forma que o próprio cérebro raramente, se é que alguma vez, consegue fazer, e, assim, evoluir a partir de dados mínimos um esquema no qual todas as probabilidades que possam legitimamente ser inferidas desses pormenores são soldadas num todo completo.

Por um momento, admitamos que algumas das afirmações feitas no texto não sejam apenas incapazes de prova, mas venham mesmo a revelar-se inconsistentes com os factos. Onde ficamos então com a nossa teoria?

Como já disse, até serem aceites as afirmações, ninguém é enganado a não ser pela sua própria precipitação. Tudo o que aconteceu foi que duas pessoas, com um propósito perfeitamente honesto, tentaram registar por processo

automático conhecimento alcançado pelo exercício treinado da mente subconsciente, e obtiveram—digamos—ficção ou romance em vez do facto que procuravam.

A inferência lógica desse insucesso será obviamente que o método particular usado, embora possa ter o valor que lhe é atribuído de suplementar as capacidades racionais normais, revelou-se pouco fiável quando aplicado para obter afirmações cuja veracidade não depende (como no caso da Capela de Edgar) de probabilidades dedutivas ou indutivas, mas de factos isolados e sem relação com outros, como nomes de lugares e pessoas desconhecidas; e que, portanto, como conclusão geral, o método não serve para obter esse tipo de informação e foi usado para um fim ao qual não está adaptado.

Assim se podem definir os limites legítimos do método automático; a Intuição deve submeter todos os seus resultados ao crivo da Razão para aceitação provisória e, só depois desse teste, o assunto fica maduro para pesquisa adicional.

Acima de tudo, não sejamos supersticiosos. Não é preciso invocar a ação de agentes sobrenaturais de tipo maléfico para explicar o resultado da nossa própria falibilidade. Se alguém se senta e produz automaticamente uma história que se revela ficção, por que razão deve essa ficção ser encarada como algo intrinsecamente mais negativo do que a massa de ficção, boa, má ou indiferente, que os escritores produzem conscientemente?

Onde está a diferença essencial? A única resposta que encontro é que a diferença está na tolice dos crédulos, sempre dispostos a dar mais importância e crédito a uma afirmação proveniente de uma fonte desconhecida do que a uma que tenha origem humana e pessoal definida. “Omne ignotum pro magnifico.”

Pois a função imaginativa, quer trabalhe conscientemente ou inconscientemente, é a mesma em ambos os casos. Dai-lhe verdade como alimento e ela produzirá verdade. E pela porta da verdade pode entrar aquilo que nos conduzirá a um conhecimento mais vasto.

APÊNDICE

A CAPELA DE LORETO

ARGUMENTO SINTÉTICO OU CONSTRUTIVO

BASEADO NAS CONCLUSÕES APRESENTADAS PELO TEXTO AUTOMÁTICO E NA ANÁLISE DE TODOS OS DADOS DISPONÍVEIS À LUZ DO MESMO

A. — QUANTO À POSIÇÃO DA CAPELA DE LORETO

TEXTO AUTOMÁTICO

16 de Agosto de 1917. “=Deepe, by ye Bank, is ye walle=”, etc. “Mas a capela não estava na muralha na parte Norte... e no Talude, bem fundo, encontrareis...” etc. Houve um local profundo onde destruíram e o cobriram, formando um talude com quase dois metros de altura, assim protegendo a parede do lado oeste para todo o sempre.=

4 de Dezembro de 1916. “=O Abade Bere construiu a Capela de Loreto, bela e grande, no lado norte da Nave. Não era a Sala do Capítulo... A Capela de Bere estava a trinta e um pés e meio da Nave, e a dez pés completos da arcada do transepto... Media quarenta pés por vinte, mais ou menos, e a sua porta principal estava a oeste, e um pavimento ligava-a ao caminho do Portão de São João à Igreja.=”

17 de Agosto de 1917. “=A Capela de Loreto estava num nível inferior, com quatro ou seis degraus até ao pavimento.=”

“=Procurai a minha capela, como vos disse, no Talude.=”

“=Era acessível a partir do lado oeste, com uma porta para o pequeno claustro junto ao transepto da grande Igreja, e quatro degraus até ao pavimento.=”

“=Todas as medidas estavam marcadas claramente nas lajes da Capela de Santa Maria... assim era registado, tal como os que construíram e os que vieram depois sabiam de antemão onde deviam construir.=”

“=A nova capela estava longe, no talude, alinhada com o transepto, como me recordo.=”

1 de Setembro de 1910. “=No lado norte da grande igreja, na extremidade, perto da nova capela que Bere construiu.=”

DADOS EXISTENTES

O Local Profundo — A menção de um “local profundo” chama a atenção, pela primeira vez, para um conjunto de factos que se agrupam de forma a sugerir tal hipótese. São os seguintes:

(a) A gravura de Stukeley (1723) (ver Fig. 9) parece indicar uma depressão no lado norte da nave e do transepto, para um nível mais baixo.

A gravura de Coney (ver Prancha IV) mostra certamente o pequeno edifício no lado norte da nave com um desnível do terreno mesmo à sua frente, assinalando um nível inferior para a parede.

(b) A configuração do terreno favorece esta ideia. Acima e a leste do recinto da Abadia existe um vale estreito que corre para oeste, e que foi parcialmente aterrado na sua parte mais baixa, sobre a qual assenta a secção norte do recinto. A High Street acompanha o lado norte desse vale, e paralela a ela, junto à muralha da Abadia, corre a Silver Street, nome que alguns antiquários associam a um vau.

(c) O escoamento de águas da igreja faz-se pelo lado norte, como se pode verificar pelo sentido do canal de drenagem nas fundações da Capela de Edgar e pelo maior canal de água, cuja trajetória foi traçada diagonalmente sob o pavimento do coro.

(d) Na escavação do pórtico norte, encontrou-se um poço muito profundo mesmo junto ao ângulo noroeste das fundações. Descia quase três metros abaixo do nível do pavimento da igreja. É possível que se estendesse de este a oeste, e, nesse caso, o pórtico norte seria provavelmente acessível por um caminho pavimentado sobre uma ponte.

O Talude — A base do talude, tanto quanto pode ser estimado, situa-se cerca de oito metros a norte da posição da parede da nave (face exterior). Isso colocaria a distância de trinta e um pés e meio indicada no texto para a parede da capela cerca de um metro e meio dentro do talude, o que parece corresponder à recordação do antigo jardineiro.

O talude estende-se para oeste até ao pórtico norte, cerca de trinta e três metros a oeste do transepto, de modo que a extremidade ocidental da capela, tal como descrita, ficaria bem coberta, estando a cerca de doze metros a leste do fim do talude.

A projeção máxima do transepto, para além da linha da face interior da parede da nave, seria de dezoito metros, não menos de dezasseis.

A medida de trinta e um pés e meio a partir do exterior da parede da nave, somando a provável espessura desta, dá um total de quase doze metros; e se se assumir que esta medida vai até à face interior da parede sul da capela, a posição da face exterior ajusta-se à linha dos onze metros, seguindo o

esquema simétrico segundo o qual toda a abadia foi construída (ver Fig. 12), e o lado norte da capela ficaria praticamente alinhado com o transepto.

HIPÓTESE DE TRABALHO

Que o terreno a norte da Igreja descia, em tempos, até ao leito do riacho vindo da colina por trás da vila. Isto criaria uma depressão de cerca de três metros de profundidade ao longo da Igreja, a uma distância aproximada de doze metros a norte da face exterior da parede do corredor da nave, e imediatamente a norte da projeção do transepto norte e do pórtico. O leito teria sido parcialmente aterrado quando a Abadia estava de pé, e haveria um sistema de drenagem sob o solo, que teria sido nivelado para formar um pátio ou jardim alguns metros abaixo do pavimento da nave, terminado a oeste por um caminho ou passeio do pórtico ao Portão de São João (direção norte), e mais além, a oeste, outro pátio a nível ainda mais baixo, a norte da Capela de Santa Maria e da Galileia, seguindo a inclinação geral do terreno, que desce para oeste. Esta zona era o cemitério dos leigos.

Infere-se que a Capela de Loreto de Bere poderá ter estado no pátio superior, com o seu pavimento alguns metros abaixo da nave e à distância mencionada no texto.

Que o aspeto atual do terreno, que mostra uma elevação uniforme a norte da Abadia, é portanto totalmente enganador, e que o talude e o nível superior para lá são completamente artificiais, não passando de uma enorme acumulação de entulho resultante da destruição da Abadia. O volume da antiga construção entretanto destruída era tão grande que não há dificuldade alguma em supor isto, apesar de se saber que muita da alvenaria foi usada como fundação da nova estrada para Wells.

Infere-se ainda que sob esse talude estarão provavelmente escondidos muitos fragmentos de construção, e que a sua remoção trará à luz vários elementos de interesse arqueológico.

Que a Capela de Loreto, se a posição indicada pelo texto (a 31 pés e 6 polegadas da nave) estiver correta, pareceria estar quase alinhada com o transepto (extremidade norte), vista de norte, mas talvez um pouco mais afastada.

TEXTO AUTOMÁTICO

13 de Junho de 1911... “=Algo resta das paredes exteriores, e da parede junto à travessia... A porta ficava a oeste (ver nota), junto à coluna da Nave; apenas uma porta, na Nave.=

=Com vinte e dois pés de comprimento, e quatro passos de largura, e a parede da Nave foi reforçada assim," etc.=

4 de Dezembro de 1916. "=A Capela de Bere estava a trinta e um pés e meio da Nave, e a dez pés completos da *arcada do transepto*, com um caminho coberto até lá, e quatro degraus até à *arcada* referida.

=Havia quatro degraus—ou melhor, seis—até à *arcada do transepto*, e um caminho coberto abobadado em abóbada redonda até à capela.="

17 de Agosto de 1917. "=Claustra quae vocantur, vento Boreale aperta est—no vestíbulo sob a torre—abóbadas inglesas=."

"=Procurem a minha capela como vos disse, no Talude. Era acessível a partir do oeste, e tinha uma porta para o pequeno claustro junto ao transepto da grande igreja, e quatro degraus até ao pavimento. A porta ficava na parede do transepto, na extremidade desta.="

"=A porta para o transepto, a norte, que eu, Camel, utilizava, encontrava-se no pórtico oeste e sob as três janelas altas.="

"*Um claustro desde a Nave até ao Átrio*, e quatro degraus até ao pavimento do transepto, e do Átrio, a oeste, a Capela."

"*Não capela mas o claustro* no canto da grande igreja. *Claustrum até à Capela ao longo da nave lateral, depois o átrio* e a Capela a oeste desta."

(*Itálicos meus.* — F.B.B.)

DADOS EXISTENTES

(a) A fundação de parede descoberta em 1911 mostra uma possível largura de cerca de 3,60 metros para este corredor. A espessura da fundação indica uma construção robusta. Observavam-se alguns indícios de uma fundação transversal a mais de 6 metros a norte, perto da face do talude.

(b) Os indícios apontavam para um nível inferior para esta construção. O desnível do transepto para a nave é de cerca de 1,20 metros, e este corredor ou passagem parece situar-se ao nível da nave.

(c) As casas beneditinas não costumavam possuir corredores ocidentais nos transeptos, ao contrário do que se verifica nas igrejas catedrais. Contudo, Glastonbury seguiu Wells em alguns aspetos, e em Wells existem corredores ocidentais nos transeptos, sendo o do lado norte provido de grades em dois lados, entre arcos para a nave e para o transepto.

(d) O detalhe encontrado neste local era da traceria de janela perpendicular tardia muito fina, indicando janelas com grossos mainéis centrais, provavelmente com quatro luzes.

(e) A casa de Camel situava-se na High Street, num ponto facilmente acessível por um caminho que se dirigia para esta zona da igreja abacial.

HIPÓTESE DE TRABALHO

Que a fundação descoberta em 1911 não corresponde a uma capela, nem a um corredor do transepto propriamente dito, embora assim pudesse ser descrito pelo seu aspeto exterior.

Infere-se que este anexo estaria ao nível da nave, e a sua utilização estaria relacionada com a nave. Teria servido, sobretudo, como passagem da nave para um pátio ou edifícios a norte, podendo ser devidamente descrito como uma galeria claustral.

Nesta posição, se devidamente construído, serviria para reforçar a torre central e as paredes próximas do cruzeiro, acrescentando estabilidade ao transepto caso fosse afetado pela fraqueza da torre, e fornecendo suporte para arcobotantes no ângulo noroeste do cruzeiro e da própria torre.

Pouco sentido faria prolongá-lo mais a norte do que o necessário para cobrir um tramo da parede do transepto. Isso tornaria possível uma largura interna de 6,70 metros. Normalmente apresentaria um duplo quadrado em planta, e, se abobadado em leque, permitiria dois tramos e duas janelas a oeste e uma a norte—três ao todo.

C. — QUANTO AO ESTILO ITALIANO DA CAPELA

TEXTO AUTOMÁTICO

4 de Dezembro de 1916. “=O Abade Bere construiu a Capela de Loreto, bela e grande, a norte (do lado da) Nave.... Foi construída por Bere, muito bela e maravilhosa, no novo estilo trazido de Itália quando lá esteve em embaixada....="

"=Dizemos que era de estilo italiano, novo e muito belo, e Bere construiu-a ao voltar da embaixada em Itália.... Não era semelhante a nada, (mas era do) novo estilo.="

Aqui seguiam-se esboços detalhados mostrando:

1. =Uma capela retangular de quatro tramos, com pequena abside a leste, como "Cava Virginis."=
2. =Parapetos de contorno ondulado e outros sugerindo a flor-de-lis, com indicações de decoração de frutos e flores.=

3. =Leões sentados, ostentando escudos, sobre cada divisão dos tramos, assentando em pequenos pilares com "patellae" ou placas, dividindo os parapetos.=
4. =Cabeças de anjos ou querubins, provavelmente nas cornijas.=
5. =Janelas de arco redondo e abóbadas com bandas de fruta e flores esculpidas nos nervos de cruzamento.=

16 de Agosto de 1917. “=Maestro Francesco de Pádua, que me instruiu e conhecia a capela em Itália... construía ao modo italiano.=

"=Francesco de Pádua construiu-a. Dois a poderiam descrever — quem a fez, e eu que quis os meus leques e o inglês. Ambos a fizemos.="

(*Nome do modelo para esta obra*)—

"=Capella di Marco em Pádua — junto à Chave.="

"=Doménico di Vallera Castiglione a edificou no ano de 1497 — via Santa Úrsula.="

(*Nome do arquitecto de Bere*)—

"=Vecchi — Francesco De Vecchi.="

"=VECCHI de Torcello em Itália.="

DADOS EXISTENTES

(a) A Capela foi construída logo após a embaixada de Bere a Itália. Era homem culto e instruído em arquitetura, como se pode verificar pela qualidade das suas obras. Teria contado com mestres de obras e artesãos competentes, senão eminentes.

(b) Bere estava impregnado de novas ideias, e era amigo de Erasmo. Existe uma carta sua dirigida a Erasmo. O seu espírito aberto a novas e mais liberais opiniões refletir-se-ia numa cultura mais ampla, e a influência do Renascimento italiano, já então a afetar subtilmente a arte inglesa, pode muito bem tê-lo levado a ser pioneiro na introdução do estilo que, meio século depois, viria a suplantar as formas nacionais "Tudor". Estas usou-as como mestre, levando-as ao seu mais alto nível.

(c) Não sabemos quanto tempo durou a sua estadia em Itália, mas o falecimento de Pio III — caso Bere lá tivesse permanecido após esse acontecimento — teria ocasionado demora, permitindo-lhe estudar modelos de arquitetura italiana.

(d) As circunstâncias do seu voto também, tanto quanto sabemos, não são de conhecimento histórico; mas o próprio voto, ou a intenção que dele claramente se depreende, é a nossa leitura da nota de Leland.

A Capela é, sem dúvida, um voto de agradecimento. É construída em honra de Nossa Senhora no seu aspeto particular de santa "italiana" de reputação local, dotada do atributo da proteção à vida e à saúde. A escolha do estilo e carácter do monumento projetado por Bere seria, naturalmente, condizente com o prevalecente localmente — isto é, italiano.

(e) Entre os escombros da Abadia foram identificados alguns fragmentos de cantaria simples, de carácter italiano. Até agora supunha-se terem pertencido a algum edifício elisabetano, hoje desaparecido, cujos restos teriam ido parar ao amontoado geral de fragmentos da Abadia.

HIPÓTESE DE TRABALHO

Que uma capela dedicada a uma Madonna "italiana", erigida por um Abade de vistas liberais, impressionado pela nova aprendizagem e cultura, imediatamente após o seu regresso de uma visita a Itália, numa época em que as formas do Renascimento italiano estavam em processo de adaptação a edifícios góticos, poderá muito bem ter sido influenciada no seu desenho por ideias italianas, até de forma quase integral, e que, caso fosse contratado um mestre italiano, como parece ser uma ideia nada irrealista, poderá ter sido seguido um modelo inteiramente italiano.

Que o tipo que mais facilmente evocaria as simpatias artísticas do Abade seria um tipo do Norte de Itália, não demasiado distante dos princípios de forma arquitetónica a que ele estava habituado. Um modelo inteiramente romano, de linhas puramente clássicas, é por isso menos provável. Mas a escolha de um mestre italiano para executar o projeto de Bere quase necessariamente se segue se se admitir a intenção de empregar um estilo italiano. Bere não o poderia fazer sozinho, pois um Abade não seria o seu próprio arquiteto.

D. — QUANTO AO ESTILO DO EDIFÍCIO NO ÂNGULO DO TRANSEPTO E NAVE NORTE

ESCRITO

Script, 13 de Junho de 1911. "=Eu fiz esse edifício. Tudo quanto fiz foram abóbadas em leque. Não abóbada de berço. E por baixo delas, três belas janelas de quatro luzes, com travessas e pequenas decorações de castelo nas rampas... e cada leque tinha doze nervuras, e eram coloridas a vermelho e ouro, como na minha capela de Edgar....=

"=... Os medalhões da abóbada eram dourados, e também as mísulas, e os fundos eram de um vermelho vivo, assim como o sacrário de Nossa Senhora na parede leste, dourado e vermelho; e as janelas eram de vidro amarelo nos baldaquinos, com vermelho e azul nas pequenas luzes. O pavimento era de ladrilhos vermelhos, com escudos e ornamentos também a amarelo."...=

DADOS EXISTENTES

(a) Como parte integrante da Igreja, as probabilidades apontam para a utilização dos próprios mestres pedreiros de Bere nesta obra, e a escolha do estilo inglês habitual parece seguir-se. Isto seria ainda mais coerente se o trabalho estivesse relacionado com o reforço da alvenaria mais antiga no cruzeiro da Igreja—uma obra que se sabe ter sido necessária, já que Leland regista o facto de Bere ter reforçado a torre central pela adição dos arcos de “St. Andrew” por baixo (ver Placa III).

(b) Os fragmentos de traceria de janela já referidos e encontrados no local são de carácter inglês.

HIPÓTESE DE TRABALHO

Que o edifício no ângulo da nave e transepto foi construído com o duplo objectivo de suporte às paredes frágeis do cruzeiro e de servir de acesso coberto à Capela de Loreto, erguida pelo Abade Bere num local adjacente ao lado norte da nave, mas não diretamente anexada à mesma, e que este claustro foi construído no estilo inglês tardio em que os seus próprios mestres eram peritos.

ENVOI

O ACENDEDOR DE LANTERNAS

Um a um, ao longo da rua apinhada,
Os passos vacilam, e o silêncio cresce
Opressivo como o súbito sossego que cai
Em câmaras sombrias donde uma vida partiu.
Um a um, as janelas rubras apagam-se
Em completa escuridão, enquanto atrás de portas fechadas
As vozes cessam, e toda a noite sombria
Paira sobre uma cidade de mortos aparentes;
Salvo apenas que, no meio das sombras, brilham
Luzes difusas que desenham a forma da rua e da praça
E guiam o errante na sua demanda labiríntica
Por caminhos totalmente desconhecidos. Quem acendeu
A estrela do acolhimento já não se vê.

A sua luz extinta e o seu dever cumprido,
Dorme em paz na sua casa silenciosa.
Não o vemos; e, contudo, talvez ele ouça
Em sonhos as nossas vozes ecoando à passagem
Sob as suas janelas cerradas—ouça-nos bendizer
A luz que acendeu, cintilando pela noite
Um acolhimento aos perdidos e exaustos; acorde talvez
Para murmurar, "Tudo está bem", e adormeça de novo.
Assim possa ele dormir em paz até que o Sol
De quem tomou emprestada a chama acorde o Oriente
Para a púrpura glória, e as suas luzes vacilantes
Se fundam no esplendor do Dia que rompe.
JOHN ALLEYNE